

CADEIRA 26

PATRONO
JOAQUIM PINTO REBELLO

25/2/1876 - 25/8/1962



Fundador: HEINZ RÜCKER
2º Titular: JOSÉ MARIA MUNHOZ DA ROCHA
3º Titular: LUIZ FERNANDO BLEGGI TORRES

JOAQUIM PINTO REBELLO

25/2/1876 - 25/8/1962

Joaquim Pinto Rebello, filho de Francisca dos Santos e de José Pinto Rebello, nasceu em São João da Graciosa, Paraná, no dia 25 de fevereiro de 1876. A família mudou-se para Curitiba, onde Rebello completou a instrução secundária. Em 1898 graduou-se em Farmácia na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e inscreveu-se no curso de Medicina. Foi acadêmico interno do Hospício Nacional de Alienados e em 1900 obteve o grau de doutor com a tese *Desordens Psíquicas na Coréia Essencial*, aprovada com distinção.

Voltou para Curitiba no ano seguinte e iniciou a carreira de cirurgião, professor e médico militar.

Trabalhou na Santa Casa de Misericórdia até o final da vida profissional e de 1928 a 1931 foi diretor-clínico do Hospital. Há registros na imprensa de várias intervenções cirúrgicas inusitadas realizadas por Rebello, entre elas a de esofagotomia cervical para extrair um corpo estranho impactado, realizada sob anestesia clorofórmica, que fez assistido por Szymon Kossobudzki e Eduardo Virmond Lima.

Por ser cirurgião na Santa Casa passou a fazer parte do grupo inicial de professores da Faculdade de Medicina do Paraná. Na primeira Congregação, em 1913, foi-lhe atribuída a cadeira de História Natural Médica do 1º ano do curso e em 1918 a de Clínica Pediátrica Médica

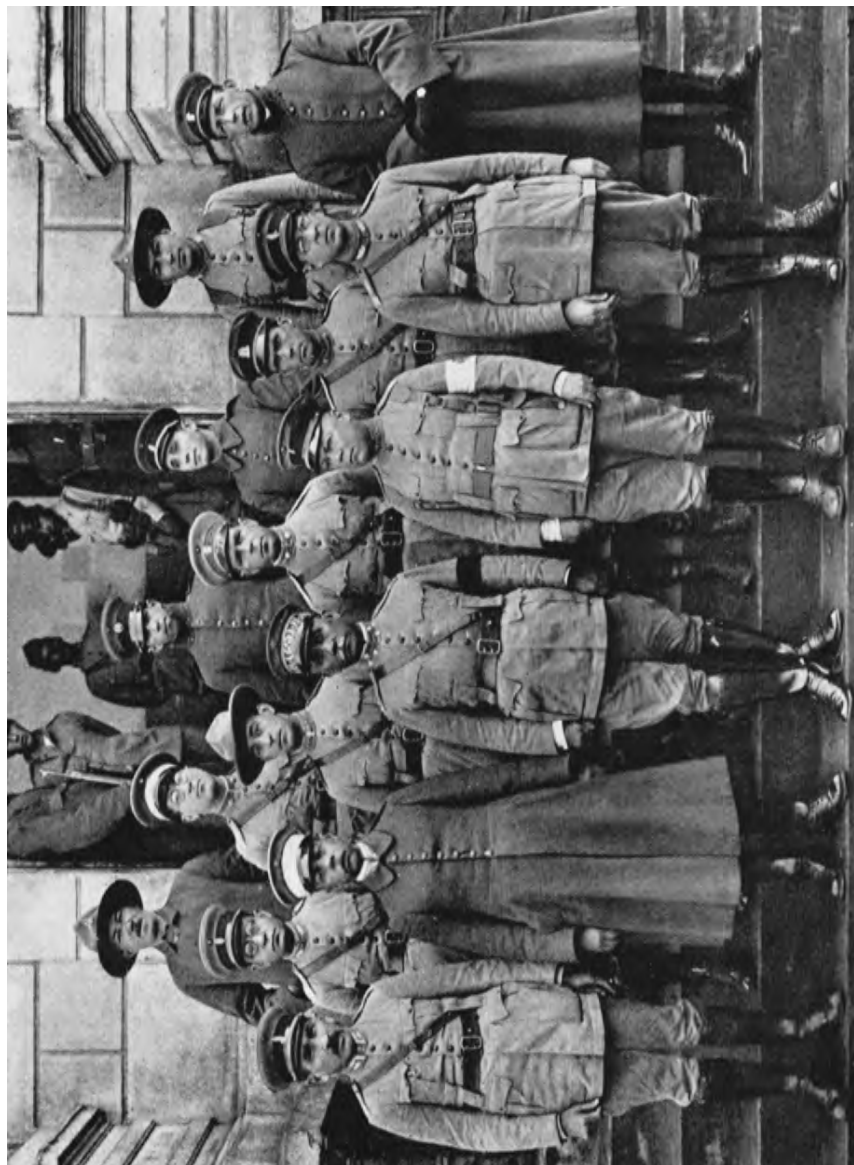
e Higiene Infantil. Na reorganização curricular de 1922 optou pela cátedra de Clínica Cirúrgica Infantil e Ortopedia e permaneceu na função até se aposentar em 1950.

Ocupou interinamente as cadeiras de Anatomia Médico-Cirúrgica e Operações e a de Clínica Cirúrgica e foi vice-diretor da faculdade durante a licença de Victor do Amaral, em 1930.

Iniciou a carreira militar em 1901 como médico-adjunto do Exército. Em 1905, promovido a tenente, serviu na Colônia Chopim e em 1906 foi para a capital federal trabalhar nos fortes Imbuí e São João. Em 1908 serviu com o marechal Rondon na Comissão de Linhas Telegráficas, percorrendo os territórios do Mato Grosso e do Acre. Em 1910 voltou para a guarnição de Curitiba como capitão lotado, no Hospital Militar. Em 1914 participou da campanha do Contestado na Coluna Móvel Norte. De 1918 a 1924 dirigiu o Hospital Militar de Curitiba e de 1926 a 1927, chefiou o Serviço de Saúde no Paraná e em Santa Catarina. Em 1924 e 1925, na campanha contra a coluna dos rebeldes tenentistas de Isidoro Dias Lopes e Miguel Costa, comandou o corpo de saúde das tropas aquarteladas em Guarapuava. Em 1928 fez o curso de Aplicação da Escola do Serviço de Saúde do Exército no Rio de Janeiro, assumindo em seguida a chefia do Serviço de Saúde Regional de Curitiba.

A folha de serviços de Rebello é repleta de elogios e reconhecimento. Encerrou a carreira no posto de general-médico.

Joaquim Pinto Rebello morreu no dia 25 de agosto de 1962.



Joaquim Pinto Rebello teve uma bela carreira militar. Na fotografia, oficiais do Corpo de Exército que combateu os rebeldes em 1924, no planalto de Guarapuava. Além de Pinto Rebello identifica-se, ao seu lado, o marechal Cândido Rondon, Comandante das forças legais.

CADEIRA 27

PATRONO
JORGE FREDERICO MEYER
5/5/1889 – 19/5/1953



Fundador: DANIEL EGG
2º Titular: ARI LEON JURKIEWICZ

JORGE FREDERICO MEYER

5/5/1889 – 19/5/1953

Jorge Frederico Meyer, filho de Hedwig Leitner e de Jorge Hermann Meyer, nasceu em Curitiba, Paraná, no dia 5 de maio de 1889.

Cursou o primário em Curitiba, o secundário em Lahr, na Alemanha, e estudou Medicina nas Universidades de Heidelberg e de Munique. Começou a trabalhar na capital bávara como assistente do renomado ginecologista Albert Döderlein na Frauenklinik da Universidade de Munique e foi também discípulo do não menos célebre psiquiatra Emil Kraepelin. Com a eclosão da Primeira Guerra Mundial ficou retido na Alemanha e adquiriu grande experiência cirúrgica servindo o exército como oficial médico.

Depois da Guerra passou a clinicar em Curitiba com o pai, Jorge Hermann Meyer, importante médico e político da cidade e um dos primeiros catedráticos de Cirurgia da Universidade do Paraná e também prefeito municipal. Os Meyer tinham muito prestígio profissional, em particular junto à colônia alemã.

Em 1923 prestou exame de revalidação do diploma na Faculdade de Medicina de Porto Alegre e mudou-se para São Paulo para trabalhar no Hospital Alemão - atualmente Hospital Oswaldo Cruz - e no Sanatório Santa Catarina.

Com a morte do pai em 1925, voltou para Curitiba sucedendo-o na clínica. Em 1927 arrendou a Casa de Saúde São Francisco — fundada em 1908 por Jósef Ferencz e um dos mais antigos hospitais particulares da cidade — e em 1930 comprou-a do então proprietário Miroslau Szeligowski.

Meyer Filho dedicou-se especialmente à Cirurgia Geral e à Ginecológica e criou na Casa de Saúde um ambiente profissional de excelente padrão técnico e de grande seriedade ética. Reuniu um grupo de associados aplicados e eficientes e oferecia os mais modernos recursos à numerosa clientela, como os serviços de Radioterapia e Radiologia e o de Diatermia, um laboratório químico-bacteriológico e um eletrocardiógrafo, o primeiro instalado no Paraná. Jorge Frederico Meyer manteve-se ativo até a morte em 19 de maio de 1953.

Deixou um filho médico, Viggo Jorge Meyer, radiologista no Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná e na Casa de Saúde São Francisco.

Casa de Saude "São Francisco"
Curityba — Rua São Francisco, 25
DO
Dr. Jorge Meyer Filho
Com pratica de 7 annos nos Hospitaes de München e Nürnberg (Allemanha)

Recentemente renovada, a mais completa casa de saude nesta Capital, dispondo de todos os modernos recursos therapeuticos, num predio especialmente construido para este fim.

MAXIMO ASSEIO
TRATAMENTO ATTENCIOSO
PREÇOS MODICOS
Moderno aparelho de RAIOS X, Diathermia, Raios Ultravioletas, Cystoscopia, etc.

ESPECIALIDADES: Operações da alta cirurgia pelos processos mais modernos, operações das vias urinarias, molestias das senhoras e partos.

CONSULTAS MEDICAS: 10-11¹/₂ e 4-6

Neu eingerichtete moderne Privatklinik
Grösste Reinlichkeit
Aufmerksame Bedienung
Angemessene Preise
Moderner Röntgenapparat, Dialthermie, Höhensonne, Zystoskopie, etc.

SPEZIALITÄT: Operationen der hohen Chirurgie nach den modernsten Methoden, Operationen der Harnwege, Frauenkrankheiten, Geburtshilfe.

SPRECHSTUNDEN: 10-11¹/₂ und 4-6

Jorge Frederico Meyer foi proprietário da Casa de Saúde São Francisco, na qual dirigiu um grupo médico de prestígio na sociedade curitibana, especialmente na colônia alemã. Acima o texto publicitário bilíngue inserido no álbum comemorativo do centenário da imigração germânica, em 1929.

CADEIRA 28

PATRONO

JOSÉ LOUREIRO ASCENÇÃO FERNANDES

12/5/1903 – 16/2/1977



Fundador: JOÃO ATILA ROCHA

2º Titular: CARLOS AUGUSTO MOREIRA

3º Titular: HÉLCIO BERTOLOZZI SOARES

JOSÉ LOUREIRO ASCENÇÃO FERNANDES

12/5/1903 - 16/2/1977

José Loureiro Ascensão Fernandes, filho de Amélia Joaquina de Campos e de José Fernandes Loureiro, nasceu em Portugal, no dia 12 de maio de 1903.

Completo a educação secundária no Ginásio Paranaense e graduou-se médico na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1927. Desde o início da carreira demonstrou especial interesse pela Urologia e obteve o grau de doutor defendendo a tese *Da Endoscopia nas Afecções Uretrais*. Logo depois de formado foi estudar em Paris, na Clínica de Urologia do Hospital Necker, dirigida por Felix Guyon, especializando-se em Ginecologia, Cirurgia Urológica e Doenças do Aparelho Genital Masculino.

Iniciou a carreira na Santa Casa de Misericórdia de Curitiba, onde fundou e chefiou o Serviço de Urologia em 1931. Era também assistente da disciplina na Faculdade de Medicina e permaneceu no cargo até 1932. Foi diretor-clínico do Hospital de 1926 a 1927 e participou do grupo de professores que em 1956 fundou a Faculdade de Ciências Médicas, posteriormente integrada a Universidade Católica do Paraná.

Loureiro Fernandes também se interessava por Antropologia e Etnografia e nestas áreas foi uma das maiores expressões do Paraná. Em 1936 escreveu

Museu Paranaense e em 1937, *Caiobá*. Em 1939 deu início aos trabalhos etnográficos com *Notas Hemato-Antropológicas Sobre os Caingangues de Palmas* a que se seguiram *Os Caingangues de Palmas* em 1941; *Contribuição à Geografia da Praia de Leste* em 1947; *Os Sepultamentos no Sambaqui de Matinhos* em 1955; *Contribuição à Antropometria e à Hematologia dos Kaingang do Paraná* em 1955 e *O Interesse da Investigação Lingüística nos Domínios do Folclore do Mar* em 1957. Embora incompleta, a relação demonstra a contribuição de Loureiro Fernandes à literatura especializada no Paraná.

Apaixonado por trabalhos de campo organizou expedições antropológicas aos Xetá, em 1955, 1956 e 1957, e aos índios da Serra dos Dourados em 1955. A dedicação ao ensino levou-o à cátedra de Antropologia e Etnologia Geral e do Brasil na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná em 1940 e na Faculdade Católica de Filosofia em 1950.

Em 1938 participou da fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná, posteriormente integrada à Universidade Federal do Paraná. Com Luiz Gonzaga Miele e José Mansur Guérios participou da fundação do Círculo de Estudos Bandeirantes, que reuniu um importante grupo de líderes católicos a partir de 1929 e teve grande influência intelectual no Paraná. Presidiu o Círculo de Estudos Bandeirantes e ao deixar o cargo recebeu o título de Presidente Honorário Perpétuo.

Dirigiu o Museu Paranaense de 1939 a 1942 e de

1946 a 1947. Em 1951 fundou o Museu de Arqueologia e Artes Populares de Paranaguá da Universidade Federal do Paraná.

Foi um dos fundadores da Associação Médica do Paraná e foi tesoureiro da primeira diretoria, em 1934, secretário-geral de 1935 a 1936 e diretor da Revista Médica do Paraná de 1939 a 1942.

Elegeu-se vereador na Câmara Municipal de Curitiba na legislatura de 1948/51, foi nomeado diretor do Departamento Estadual de Saúde Pública em 1945 e em 1948 assumiu a Secretaria de Educação e Cultura do Paraná, da qual foi o primeiro titular.

Na Academia Paranaense de Letras, Loureiro Fernandes substituiu Romário Martins na cadeira 33. Entre as obras que escreveu constam os estudos biográficos de Ermelino de Leão, Romário Martins e João Maurício Faivre.

Morreu em 16 de fevereiro de 1977.



Loureiro Fernandes foi um humanista. Seus estudos históricos, linguísticos, antropológicos e etnográficos foram de fundamental importância para o Paraná. Na Medicina fundou uma escola de Urologia na Santa Casa de Curitiba. Na fotografia, da década de 1940, vêm-se **Loureiro** e João Atila Rocha, discípulo e sucessor no ensino e na liderança da especialidade em Curitiba.



Loureiro Fernandes, na fase de senectude, em seu gabinete do Círculo de Estudos Bandeirantes.

CADEIRA 29

PATRONO
JOSÉ PEREIRA DE MACEDO
13/9/1883 – 1/9/1965



Fundador: ACIR RACHID
2º Titular: NICOLAU GREGORI CZECZKO

JOSÉ PEREIRA DE MACEDO

13/9/1883 - 1/9/1965

José Pereira de Macedo, filho de Adelaide de Azevedo Müller e de Joaquim Pereira de Macedo, nasceu em Campo Largo, Paraná, no dia 13 de setembro de 1883.

Passou a infância entre a cidade natal, Porto de Cima e Palmeira. Pertencia a antiga família paranaense e dedicou-se inicialmente ao comércio. Na terceira década de vida e já viúvo, matriculou-se na primeira turma de médicos a graduar-se na Faculdade de Medicina do Paraná. Durante o curso interessou-se particularmente por Anatomia e foi preparador da cadeira de Anatomia Descritiva. Em 1919 obteve o grau de doutor defendendo a tese *Anafilaxia*.

Em 1920 foi nomeado para reger a cadeira de Anatomia Descritiva da Faculdade de Medicina. No mesmo ano casou-se com a colega Maria Falce, a primeira médica formada na Universidade do Paraná e a primeira catedrática de Medicina do Brasil.

Pereira de Macedo destacou-se no magistério pela constante dedicação ao ensino e pela austera dignidade que transmitia aos estudantes. De atitudes sempre marcadas por bondade carismática, tendia à tolerância e à defesa dos mais fracos e enfrentava com tranquilidade qualquer oposição a seus posicio-

namentos. Era um verdadeiro varão de Plutarco.

Nos primeiros anos de profissão pertenceu ao Corpo Clínico da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba, mas deixou a prática médica absorvido pelo magistério e outras atividades intelectuais, políticas e sociais.

De 1921 a 1928 foi diretor do Laboratório de Pesquisas e Análises da Saúde Pública do Paraná. Em 1926 participou com a esposa Maria Falce de Macedo na caracterização epidemiológica do surto de peste bubônica de Paranaguá. De 1926 a 1944 foi médico-legista do Gabinete de Medicina Legal do Paraná. Em 1934 presidiu a Associação Médica do Paraná, fundada no ano anterior, e em 1953 se aposentou do magistério.

Foi um dos fundadores e dirigentes da Sociedade de Socorro aos Necessitados e presidiu diversas entidades assistenciais, como a Liga Paranaense de Combate ao Câncer e o Rotary Club de Curitiba.

Seguindo a tradição familiar - o pai, Joaquim Pereira de Macedo, foi o primeiro prefeito eleito de Curitiba e o avô, José Matias Müller, deputado provincial na legislatura de 1872/73 - Pereira de Macedo militou ativamente na política paranaense.

Parlamentarista convicto fundou e presidiu no Paraná o Partido Libertador após a redemocratização de 1945. Foi diretor do jornal *O Libertador* e membro do Instituto Neopitagórico, do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná e do Centro de Letras do Paraná. Na Academia Paranaense de Letras ocupou a cadeira 35 cujo patrono era Nilo Cairo.

As obras literárias de Pereira de Macedo revelam estilo primoroso e destaca-se sua última aula, a anto-

lógica Canto do Cisne.

Morreu aos oitenta e dois anos de idade, lúcido e atuante, no dia 1º de setembro de 1965.



*Alunos da turma de 1941 da Faculdade de Medicina do Paraná. Sentados **José Pereira de Macedo**, que se dedicou ao ensino da Anatomia Humana, ainda acadêmico, quando foi preparador da cadeira. À sua esquerda Carlos Moreira, de avental de borracha, igualmente catedrático de Anatomia.*

CADEIRA 30

PATRONO
JÚLIO ESTRELLA MOREIRA

6/11/1899 – 24/7/1975



Fundador: DIRCEU RODRIGUES
2º Titular: AVELINO RICARDO HAAS

JÚLIO ESTRELLA MOREIRA

6/11/1899 - 24/7/1975

Júlio Estrella Moreira, filho de Rita Estrella e de Fernando Moreira nasceu em Curitiba, Paraná, no dia 6 de novembro de 1899.

Em 1918 concluiu a educação fundamental no Ginásio Paranaense. Em 1921 graduou-se professor na Escola Normal de Curitiba e em Odontologia na Faculdade de Medicina do Paraná. Em 1929 formou-se médico na mesma Faculdade demonstrando a diversidade de seus interesses e a irrequietude intelectual que o caracterizaram.

Pertencia a uma família historicamente ligada à Universidade do Paraná. O pai, Fernando Moreira, foi dos primeiros educadores a lutar pela fundação de uma Universidade no Estado e o irmão, Carlos Estrela Moreira, um dos mais antigos catedráticos de Anatomia da Instituição. Júlio Moreira tornou-se professor de Odontologia enquanto cursava Medicina e teve a carreira sempre vinculada à Universidade.

Em 1935 habilitou-se como livre-docente de Clínica Odontológica e exerceu o cargo até a aposentadoria em 1966. De 1958 a 1959 dirigiu a Faculdade de Odontologia.

Na revolução de 1930 serviu no fronte da Ribeira como voluntário do Hospital de Sangue. Em 1934

qualificou-se em concurso como médico do Departamento de Saúde Pública e no ano seguinte chefiou o Posto Central de Profilaxia do Tracoma em Cambará. Em 1936 foi designado para combater o surto de malária no vale do rio das Cinzas nos postos de Jataí e Tomazina. Trabalhou no ambulatório de Cirurgia do Hospital de Crianças quando este foi incorporado à Universidade do Paraná e em 1939 ocupou os cargos de diretor e médico-legista do Posto de Assistência Pública e prestava serviços na Penitenciária do Ahu. Também foi médico da Guarda Civil, do Serviço de Trânsito e, durante a Primeira Guerra Mundial, serviu no 5º Regimento de Cavalaria Divisionária do Exército.

Júlio Moreira projetou-se no Paraná como um dos grandes intelectuais de seu tempo e deu valiosa contribuição particularmente no que se refere à história paranaense, pela qual, segundo ele mesmo declarou, interessou-se desde a infância. Compilou os trabalhos de autores paranaenses e os relativos ao Paraná reunindo-os no clássico *Dicionário Bibliográfico do Paraná* em edição comemorativa ao centenário da emancipação política em 1953. Em 1983 o Instituto Histórico e Geográfico do Paraná publicou as fontes de pesquisa que permitem o agrupamento lógico dos assuntos que compõem o dicionário.

Colecionador de beneditina meticulosidade formou um precioso acervo de publicações sobre o Paraná que, encadernadas e catalogadas, foram doadas ao Instituto Histórico e hoje constituem uma importante fonte de pesquisa para os estudiosos.

Pertenceu e dirigiu as mais importantes entidades culturais do Estado, como o Círculo de Estudos Bandeirantes, o Museu Paranaense, o Centro de Letras do Paraná, a Sociedade Paranaense de Escritores Médicos e o Instituto Histórico e Geográfico do Paraná. Ocupou a cadeira 14 da Academia Paranaense de Letras.

Com a redemocratização do país foi suplente do senador Alô Guimarães.

Morreu em Curitiba no dia 24 de julho de 1975.



Júlio Estrella Moreira, homem de grande cultura e múltiplas atividades intelectuais e profissionais, foi acima de tudo um amante da História. Seu livro *História da Medicina no Paraná - Subsidios Para o Estudo do Período Colonial*, cuja capa é reproduzida acima é uma obra de valor impar para os estudiosos do pretérito médico do Estado do Paraná.

CADEIRA 31

PATRONO
JULIAN SZYMANSKI

3/5/1870 – 8/6/1958



Fundador: MIROSLAU CONSTANCE BARANSKI
2º Titular: CALIXTO ANTONIO HAKIM NETO

JULIAN SZYMANSKI

3/5/1870 - 8/6/1958

Julian Szymanski, filho de Júlia Poceyko e de Konstanty Szymanski nasceu em Kielse, Polônia, no dia 3 de maio de 1870. Szymanski nasceu na Polônia ocupada. Varsóvia e Kielse estavam na época sob o domínio russo após o malogro da terceira revolução anticzarista e as Universidades eram focos de reação nacionalista contra a supressão da identidade polonesa. Graduou-se na Universidade de Kiev, *cum eximia laude*, em 1896 e tornou-se assistente da Clínica Oftalmológica da Universidade, mas em pouco tempo engajou-se na marinha mercante e, como médico de bordo, viajou ao Oriente em expedição à remota península de Kamchatka registrando casos de lepra, doença com que travava contato pela primeira vez. Depois trabalhou como oculista durante a construção da estrada de ferro da Manchúria.

Voltou à Europa e passou dois anos especializando-se em doenças dos olhos, ouvidos, nariz e garganta. Em Viena foi assistente-voluntário na Clínica de Otorrinolaringologia do professor Fucchs e fez diversos cursos de aperfeiçoamento na especialidade. Nessa época estabeleceu relações amistosas com João Brito, que viria a ser professor de Oftalmologia em São Paulo. Em Paris trabalhou na clínica do compa-

triotista Galezowski. Também frequentou cursos e fez estágios de aperfeiçoamento em outras cidades europeias e norte-africanas como Túnis e Álgier, atraído pela oportunidade de familiarizar-se com o tracoma. Esteve ainda em Estrasburgo e na Espanha observando o trabalho de Barraquer e Arruga e aprendendo novas técnicas cirúrgicas. Concluídos os estudos, Szymanski voltou para a Polônia e em Ozarich, na província Minsk-Litovski, organizou um serviço móvel de combate ao tracoma.

Interrompeu a atividade no início de 1904 quando estourou a guerra russo-japonesa e ele serviu como médico do exército do czar no porto de Vladivostok, longínquo ponto final da ferrovia transiberiana. A desastrosa derrota russa levou as tropas à rebelião em Vladivostok e ele organizou os soldados poloneses do exército czarista, então comandados por Jósef Pilsudski, patriota polonês refugiado no Japão que lutava contra as forças russas. Com a chegada de uma expedição punitiva russa a Vladivostok, Szymanski foi obrigado a exilar-se em território japonês e dali seguir para os Estados Unidos.

Encontrou na América o ambiente favorável à permanência e à regularização da atividade dos profissionais liberais europeus que na época para lá imigravam. Fixou-se em Chicago, local de grande concentração de poloneses, e submeteu-se aos exames de revalidação do diploma para iniciar a prática médica. Começou a trabalhar no Rusch Medical College como assistente do professor Northon e como consultor do

Serviço de Olhos e Ouvidos do professor Fisher. Muito ativo junto à colônia polonesa da cidade, organizou a chamada Universidade Popular Polonesa, assumiu a secretaria da Sociedade dos Médicos Poloneses de Chicago e a da Sociedade dos Livre-Pensadores Poloneses e foi também diretor honorário do periódico *Dziennik Ludowy*. Nesse período casou-se com Casimira - imigrante polonesa, intelectual e redatora do semanário *Zgoda*.

O clima frio e o famoso vento cortante das margens do lago Michigan que lhe prejudicavam a saúde e as notícias de antigos companheiros das lutas políticas na Polônia que haviam imigrado para o Brasil, contribuíram com a decisão de deixar os Estados Unidos. Em 1912, a bordo do *Vassari*, Szymanski e Casimira desembarcaram em Paranaguá e decidiram fixar-se em Curitiba.

Na capital paranaense encontrou boa receptividade e restabeleceu o contato com Szymon Kossobudzki, recém-chegado de Ponta Grossa e professor da Universidade do Paraná, que o introduziu no meio universitário onde seus títulos acadêmicos foram valiosos.

Embora os primeiros titulares das cátedras da Faculdade de Medicina tenham sido eleitos por notório saber, em 1916 Szymasnski revalidou o diploma e em seguida foi aprovado em concurso para a regência da cadeira de Doenças dos Olhos, Ouvidos, Nariz e Garganta defendendo a tese *Contribuição para o Estudo das Tonsilas*. Passou a catedrático em janeiro

de 1917. No mesmo ano, notando a ausência de textos em português das matérias que lecionava, mandou imprimir *Oftalmologia para Estudantes*; de fato o primeiro livro didático publicado no Brasil sobre o assunto, pois antecedeu em dez anos o conhecido *Oftalmologia* de Abreu Fialho. Divulgou modernos procedimentos cirúrgicos que tivera oportunidade de conhecer nos Estados Unidos, entre eles a amigdalectomia pelo método de Sludder e as intervenções nos etmoides.

Morava em Araucária e, usando uma modesta herança que recebera, construiu uma Casa de Saúde na cidade, mas em 1919 com o término da Primeira Guerra Mundial e o restabelecimento da independência da Polônia, Szymanski pôde finalmente encerrar o exílio político. Voltou à terra natal e foi nomeado catedrático da cadeira de Oftalmologia na velha Universidade de Wilna. Levou consigo João Lech Junior, seu discípulo em Curitiba e que em 1925 estabeleceu-se em Campinas como assistente do Instituto Penido Burnier.

Szymanski ensinou na Universidade de Wilna por quinze anos desfrutando de notável posição nos panoramas nacional e internacional da Oftalmologia e integrando organismos e conselhos da especialidade. Na Polônia a situação política lhe era favorável e a antiga ligação com Pilsudski, chefe da nação na época, valeram-lhe as indicações para o cargo de senador e de presidente do Senado.

Sempre manteve os laços afetivos com o Brasil.

Fundou a Sociedade Rui Barbosa polônio-brasileira e foi condecorado com a Ordem do Cruzeiro do Sul. Em 1927 visitou o Brasil e, convidado por Victor do Amaral, foi muito bem recebido em Curitiba e fez algumas conferências sobre Oftalmologia.

Várias publicações científicas de Szymanski apareceram na imprensa médica polonesa, brasileira, inglesa, francesa e alemã. São ainda da década de 1920 os livros *Manual de Anatomia Patológica dos Olhos*, *Corpus Tabularum Ophtalmicarum*, do qual fez imprimir uma versão em português, *Atlas de Fundo de Olho* e *Iconografia do Tracoma*.

Recebeu homenagens da Liga Antitracomatosa, da Sociedade Francesa de Oftalmologia, da Universidade de Tartu na Estônia e de diversas entidades europeias e brasileiras.

Em 1935, aos sessenta e cinco anos, foi jubulado da Universidade de Wilna e encerrou a carreira condecorado com a Estrela da Polônia Restituta e as ordens da Iugoslávia, da Estônia e do Japão. Voltou então a Varsóvia para dirigir o Hospital Militar Polonês-Maltense. Por seu trabalho foi inscrito cavaleiro da Ordem Soberana de Malta.

Com o tratado de Yalta, testemunhou a entrada na Polônia das forças libertadoras russas vindas do leste e tão opressoras quanto os invasores czaristas que combatera na juventude. Só conseguiu voltar para o Brasil em 1949 e como ele escreveu melancolicamente “liberando-me desta vez do Tzar Vermelho, muito mais cruel e duro que o antigo Tzar Branco”.

Em Curitiba legalizou a permanência no país depois de uma breve detenção policial, ironicamente sob a suspeita de ser comunista.

Nos anos seguintes ainda encontrou vitalidade para dar conferências e cursos na Universidade do Paraná e para comparecer a congressos médicos no Brasil e na Argentina.

Operado de catarata bilateral viveu mais alguns anos em Araucária, afastado da profissão. Em 1956 empreendeu o último retorno à terra natal. Morreu na Polônia em 1958 aos oitenta e oito anos.

Deixou no Brasil um filho médico oftalmologista, Julian Szymanski.

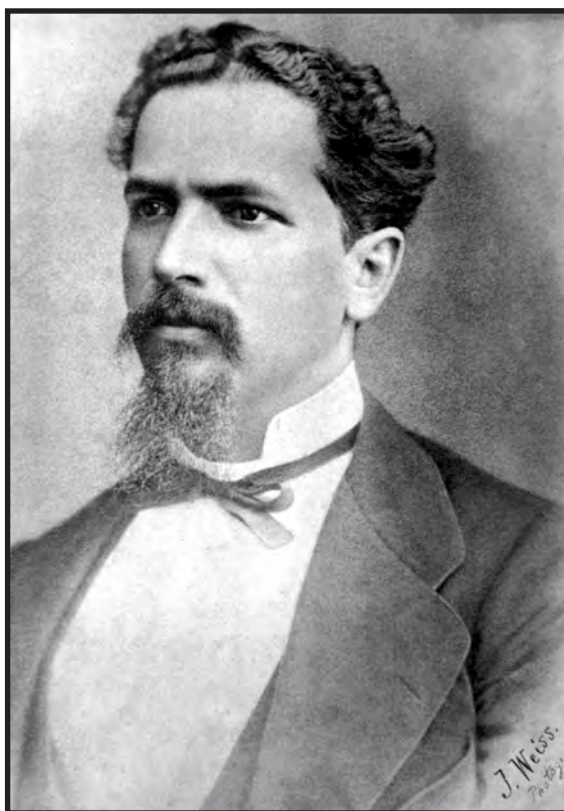


Julian Szymanski teve papel saliente no ensino da Faculdade de Medicina do Paraná, nas áreas de Otorrinolaringologia e de Oftalmologia. Em 1920 publicou seu tratado de Oftalmologia, primeiro no gênero a ser editado no Brasil, em português, cuja página de rosto é reproduzida acima.

CADEIRA 32

PATRONO
LEOCADIO JOSÉ CORRÊA

16/2/1848 – 18/5/1886



Fundador: ALBERTO ACCIOLY VEIGA

LEOCADIO JOSÉ CORRÊA

16/2/1848 - 18/5/1886

Leocadio José Corrêa, filho de Gertrudes Pereira e de Manoel José Corrêa nasceu em Paranaguá, Paraná, no dia 16 de fevereiro de 1848 e passou a infância na cidade natal.

Na época da transição entre a velha sociedade colonial e o período imperial Paranaguá era o centro político do conservadorismo dos comerciantes do litoral, em contraponto com o liberalismo dos fazendeiros e tropeiros de Curitiba e dos Campos Gerais. Leocadio criou-se em ambiente familiar estreitamente ligado aos conservadores, entre eles alguns de seus parentes, e isto explica a orientação partidária e a imagem de benemérito dos humildes, ainda que tais laços o distanciassem das causas liberais, como a República e a Abolição dos escravos.

Há uma curiosa questão a respeito da ortografia do sobrenome de Leocadio. A maioria dos membros da família adotou o Correia, também usado por quase todos que escrevem sobre ele, inclusive por seu bisneto e biógrafo Valério Hörner Junior. Contudo, em vários autógrafos, na tese de doutoramento e no cartão de visita Leocadio usava o Corrêa.

Após completar a educação primária em Paranaguá, foi para o seminário em São Paulo e depois para

o Colégio Episcopal de São Pedro de Alcântara, no Rio de Janeiro. Em 1868 deixou o seminário e matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Durante o curso salientou-se pela invulgar inteligência e excelente memória. Obteve o grau de doutor com a tese *Da Litotrícia*, aprovada com distinção em 28 de dezembro de 1873. Foi o primeiro paranaguense a se formar em Medicina.

Em 1872 o célebre professor Torres Homem publicou as clássicas *Lições de Clínica Médica* e no prefácio escreveu: *Não era minha intenção publicar estas lições; porém entre meus discípulos há um que dispõe da rara habilidade de poder extrair fielmente os discursos que ouve sem servir-se para isto dos sinais de taquigrafia; esse moço, que se chama Leocadio Correia e que tem tomado sempre minhas lições tomou estas, que aparecem hoje publicadas.*

Em Paranaguá trabalhou na Santa Casa de Misericórdia, o primeiro hospital fundado antes da emancipação da Província. O sucesso na clínica veio rapidamente e a fama de humanitário logo se espalhou pelas cidades do litoral paranaense.

Em 1875 foi nomeado inspetor sanitário dos portos de Paranaguá e de Antonina e passou a ter importante papel nas ações de saúde pública em prol da defesa sanitária, pois pelos portos entravam as doenças epidêmicas, como a varíola, o cólera e a febre amarela, originárias das províncias do Norte e do estrangeiro. Em 1878 ocorreu um surto virulento de febre amarela e em 1882 a varíola invadiu a cidade e

ele trabalhou incansavelmente. A assistência que deu aos pacientes, e aos suspeitos de contaminação isolados no lazareto da ilha das Cobras, fizeram crescer o prestígio de Leocadio.

Em função de deveres funcionais viajava regularmente a Curitiba, onde conheceu José Cândido da Silva Murici e Trajano Joaquim dos Reis e com ambos estabeleceu uma fraterna amizade. Os três eram os expoentes da medicina paranaense da época.

Os laços familiares com o primo e cunhado, Barão do Serro Azul, e com o tio, Eufrásio Correia, então presidente da Assembleia Provincial, tornaram inevitável que Leocadio se envolvesse na política. Elegeu-se deputado provincial do Partido Conservador nos mandatos de 1876/77 e de 1878/79 e em seguida vereador em Paranaguá.

Leocadio exerceu a Medicina até os últimos dias de vida e junto à população carente, pela dedicação e desapego material com que sempre procedeu, desfrutava de inigualável apreço. Embora fosse dedicado ao serviço dos humildes e nutrisse simpatia pela abolição da escravatura, os vínculos com o Partido Conservador o inibiam de sustentar posições públicas em favor das correntes liberalizantes. Ainda assim, na vida privada, tomou várias atitudes em favor dos escravos. Morreu dois anos antes da Abolição.

Em 1885 foi nomeado inspetor paroquial de ensino em Paranaguá pelo então presidente da Província, Alfredo D'Escragnoille Taunay, numa tentativa de neutralizar a influência republicana nas escolas exer-

cida principalmente pelo professor José Cleto da Silva, o que gerou uma acirrada polêmica entre ele e Leocadio.

Na vida social paranaguense, distinguiu-se nas tertúlias do Clube Literário como literato, orador e teatrólogo.

Privilegiado pela natureza com dotes de intelecto e de espírito, teve uma existência breve. Aos trinta e oito anos a saúde de Leocadio começou a declinar. Dores nas pernas e inchaço nos pés atormentaram-lhe nos últimos meses de vida e o fizeram suspeitar que tivesse contraído beribéri. A fase final da doença foi rápida. Em 5 de maio de 1886 deixou a Inspetoria Paroquial do Ensino e o pedido de aposentadoria foi seu último ato público. Morreu dias depois, em 18 de maio.

As manifestações públicas de pesar por parte das autoridades, a começar pelo presidente da Província, e da imprensa foram eloquentes, não faltando nem mesmo o testemunho insuspeito e veemente do professor José Cleto da Silva, ressaltando as virtudes de Leocadio.

Embora não haja qualquer indicação de que em vida tenha tido ligação com o espiritismo, o carisma de Leocadio Corrêa perenizou-se no imaginário popular e revestiu-se de um novo componente, o de seu espírito continuar a ação benfazeja após a morte, conforme a crença difundida pelos adeptos do kardecismo.



*Primeiro médico paranaguense, **Leocadio José Corrêa** tem a memória venerada na cidade. Seu túmulo, ornado por um belo busto em mármore de Carrara, é um ponto de peregrinação taumatúrgica pelos adeptos da doutrina kardecista. Na fotografia o busto de Leocadio, mandado erigir por sua irmã a Baronesa de Serro Azul.*

CADEIRA 33

PATRONO
LEONIDAS DO AMARAL FERREIRA

28/1/1893 – 28/7/1963



Fundador: FRANCISCO DE PAULA SOARES

LEONIDAS DO AMARAL FERREIRA

28/1/1893 - 28/7/1963

Leonidas do Amaral Ferreira, filho de Josefa do Amaral e de João Cândido Ferreira, nasceu na Lapa, Paraná, em 28 de janeiro de 1893.

Leonidas era o segundo filho varão de João Cândido Ferreira, médico ilustre e prefeito municipal da Lapa. Completou a educação primária na cidade natal e a secundária no Ginásio Paranaense em Curitiba e no Colégio Abílio no Rio de Janeiro. Na capital da República matriculou-se na Faculdade de Medicina e em 1916 obteve o grau de doutor com a tese inaugural *Acumetria*, que revelou a afinidade com a Otorrinolaringologia.

Iniciou a prática médica em Curitiba integrando-se no corpo docente da Faculdade de Medicina do Paraná, onde pontificavam o pai, João Cândido, e o tio materno, Victor do Amaral.

Em 1917 foi nomeado professor de Patologia Geral e em 1920 passou a catedrático de Otorrinolaringologia e Oftalmologia. Em 1925 houve o desdobramento das disciplinas e seu irmão, Celso do Amaral Ferreira, assumiu a de Otorrinolaringologia. Leonidas exerceu a cátedra de Oftalmologia até a aposentadoria em 1957. Chefe do serviço na Santa Casa foi o líder incontestado da especialidade no Paraná reunindo em

torno de si várias gerações de médicos; muitos deles se tornaram professores universitários em Curitiba.

Figura de destaque no meio social, Leonidas era muito estimado pela atuação humanitária e pela personalidade afável.

Elegeu-se deputado na Assembleia Legislativa do Paraná nos biênios 1926/27 e 1928/29, mas após o interregno político voltou a dedicar-se exclusivamente à Medicina.

Morreu no dia 28 de julho de 1963 e deixou um filho médico, Leonidas do Amaral Ferreira Filho, oftalmologista e professor da Universidade Federal do Paraná.



*Médicos do Corpo Clínico da Santa Casa de Misericórdia. No 1º plano, da esquerda para direita: Miguel Isaacson, **Leonidas do Amaral Ferreira**, Eduardo Virmond Lima, Francisco Franco e Milton de Macedo Munhoz. No 2º plano: Victor do Amaral Filho, Armando Petrelli, Mario Braga de Abreu, Joaquim de Matos Barreto e Saul Chaves. No 3º plano: João Alves Tissot, Oziris Rego Barros, Murilo Ferreira, José Mendes de Araújo, Eugenio da Silva Lopes, Reinaldo Machado e Dirceu Pacheco de Lacerda.*

CADEIRA 34

PATRONO
MANOEL PEDRO DOS SANTOS LIMA

29/6/1844 – 1/9/1898



Fundador: ARNALDO MOURA
2º Titular: JOÃO MANOEL CARDOSO MARTINS

MANOEL PEDRO DOS SANTOS LIMA

29/6/1844 - 1/9/1898

Manoel Pedro dos Santos Lima, filho de Ana Messias Oliveira e de José Gaspar dos Santos Lima, nasceu na fazenda Santa Amélia, na Lapa, em 29 de junho de 1844. Passou parte da infância na terra natal e cursou o primário e o secundário em Minas Gerais e São Paulo, onde seu pai exerceu a magistratura. Em 1862 matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi o segundo paranaense a matricular-se no curso médico, precedido apenas por outro lapeno, José Francisco Corrêa. Ainda acadêmico frequentou o Serviço de Clínica Médica do célebre mestre Torres Homem. Na época de estudante morou numa pensão da rua do Catete e fez amizade com duas figuras que se tornariam históricas no Paraná: Antônio Ernesto Gomes Carneiro e José Teixeira Mendes. Recebeu o grau de doutor em 27 de novembro de 1868 defendendo a tese *Da Eclâmpsia Durante a Prenhez e o Parto*.

Manoel Pedro voltou à Lapa já formado e no ambiente conservador e tradicionalista da pequena cidade de tropeiros e proprietários rurais amoldou-se perfeitamente como médico de família e intelectual e, numa época em que as especialidades não haviam se estabelecido ainda na Medicina, interessou-se es-

pecialmente por moléstias do coração e por doenças infecciosas, em particular pela febre tifoide que era endêmica na cidade.

A extrema bondade, o fato de ser o único médico na cidade e de mostrar incansável dedicação a todos os doentes transformaram-no numa das figuras centrais da comunidade.

Deixou poucos trabalhos escritos e alguns se perderam. Cultivava o hábito de estudar e mantinha-se sempre atualizado. Recebia e fazia anotações nas revistas médicas estrangeiras e, por correspondência, trocava informações sobre doenças infecciosas com Louis Pasteur.

Vinte anos depois de Manoel Pedro ter iniciado a carreira na Lapa, lá se estabeleceu João Cândido Ferreira e a ele se deve o testemunho da vida profissional do colega e amigo mais velho. Entre eles firmou-se harmoniosa convivência de admiração e respeito mútuos, apesar das posições políticas antagônicas.

Embora a atividade médica de Manoel Pedro fosse absorvente e exaustiva, ele encontrou tempo para lecionar História Universal, Botânica, Inglês, Francês, Latim e Música na escola da cidade e para alunos particulares. Interessava-se também por Ciências Naturais e deixou valiosas anotações termométricas e meteorológicas, feitas à mão diariamente de 1888 a 1898, às quais acrescentou notícias sobre acontecimentos locais. Cem anos mais tarde as anotações foram intituladas *O Tempo no Tempo* e publicadas.

Manoel Pedro apoiou as forças revolucionárias

federalistas na época da invasão do Paraná e foi preso e recolhido à Câmara Municipal durante o sítio da Lapa. A resistência lapeana deu condições às forças legalistas de readquirirem o domínio do Estado, mas seguiu-se um período de perseguições, julgamentos sem processo e execuções sumárias e ele procurou refúgio fora da cidade. No final desse triste período voltou à Lapa politicamente derrotado, porém com a honra e a honestidade reconhecidas.

Poucos anos lhe restavam de vida e segundo João Cândido, então médico assistente de Manoel Pedro, ele *adquiriu a moléstia que o vitimou no exercício da profissão. Tratando de uma doente pobre e luética, em pleno período contagiante, feriu-se no dedo e por aí entrou o germe infectante que não lhe respeitou o coração.*

Morreu no dia 1º de setembro de 1898, aos cinquenta e quatro anos de idade. A população da Lapa, por subscrição, mandou erguer no cemitério municipal um austero mausoléu com o busto em mármore branco de Manoel Pedro encimado pela estátua da Caridade, virtude que o caracterizou em vida.

Deixou um filho médico, Eduardo Santos Lima. Seus descendentes, muitos deles médicos, instituíram a Fundação Santos Lima destinada à preservação da memória médica do Paraná.



*Retrato a óleo de **Manoel Pedro Santos Lima** no antigo museu David Carneiro, em Curitiba.*



*Diploma de doutor conferido em 20 de maio de 1880 a **Manoel Pedro Santos Lima** pelo diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Visconde de Santa Isabel.*

CADEIRA 35

PATRONO
MANOEL PEREIRA DA CUNHA

23/5/1892 – 8/11/1971



Fundador: GASTÃO PEREIRA DA CUNHA
2º Titular: CLAUDIO LEINIG PEREIRA DA CUNHA

MANOEL PEREIRA DA CUNHA

23/5/1892 – 8/11/1971

Manoel Pereira da Cunha, filho de Augusta Guimarães e de Manoel Pereira da Cunha, nasceu no Rio de Janeiro em 23 de maio de 1892. Embora fosse de família modesta e órfão de pai e mãe ainda na infância, recebeu educação esmerada e cursou com brilhantismo o Colégio São Bento. Com boa formação humanista, dominava a língua grega e chegou a lecionar latim. Em 1911 ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e formou-se em 1916. Aprovado em concurso, foi acadêmico interno da 10ª Enfermaria da Santa Casa por dois anos e de 1915 a 1916, auxiliar acadêmico da Assistência Municipal. Militou na imprensa carioca e foi revisor e redator do jornal *O Paíz*.

No ano seguinte à formatura trabalhou em Santa Catarina como médico do Núcleo Colonial Rio Branco, passando logo depois a diretor do Núcleo. Embora bem sucedido em ambos os cargos, decidiu dedicar-se exclusivamente à clínica e no final de 1917 mudou-se para Rio Negro, no interior do Paraná. Nas cidades gêmeas de Rio Negro e Mafra ganhou reputação pela competência, procedimento irrepreensível e dedicação aos doentes e Trajano Reis, que chefiava o Serviço de Saúde Pública do Paraná, nomeou-o delegado de Higiene. Apoiado pelos líderes locais iniciou

a campanha para a construção do Hospital Bom Jesus, o primeiro hospital da cidade, que foi inaugurado em agosto de 1925 e permanece funcionando com diversos melhoramentos e ampliações.

No final de 1925, realizado em sua missão junto aos rio-negrenses, mudou-se para Curitiba. Na capital paranaense alcançou sucesso profissional pela austeridade e zelo com que procedia e era muito respeitado por seus colegas e pacientes.

Em 1920 foi admitido como docente na Faculdade de Medicina e não assumiu a função por residir em Rio Negro, porém seu notório saber levou-o a participar de bancas de concurso na Universidade do Paraná. Foi sócio-fundador e presidente da Associação Médica do Paraná; primeiramente em 1935 substituindo Francisco Franco na presidência e depois em 1948 quando se elegeu para o cargo.

Ao longo da vida recebeu várias homenagens do Lions Club, da Associação Cristã Feminina e da Associação dos Queimados. Em 1966, ao comemorar o jubileu de ouro na profissão, foi alvo de inúmeras homenagens e manifestações de apreço por parte de seus clientes e de organizações filantrópicas.

Morreu em 8 de novembro de 1971.

Deixou dois filhos médicos: Ciro, clínico geral, e Gastão, cardiologista e professor universitário.



Em 6 de agosto de 1924 foi inaugurado o Hospital Bom Jesus, em Rio Negro. A construção foi inspirada por **Manoel Pereira da Cunha** que, ademais, liderou a campanha comunitária que concretizou a ideia. O hospital serve à população mafrório-negrense até nossos dias e pereniza sua gratidão à memória de Pereira da Cunha. Na fotografia, o Hospital Bom Jesus no momento de sua inauguração.

CADEIRA 36

PATRONO

MARIA FALCE DE MACEDO

15/1/1897 – 24/4/1972



Fundador: ORLANDO TEODORICO DE FREITAS
2º Titular: LUIZ CARLOS PEREIRA

MARIA FALCE DE MACEDO

15/1/1897 - 24/4/1972

Maria Falce de Macedo, filha de Philomena Theodora Nadal e de Pedro Falce, nasceu em Curitiba, Paraná, no dia 15 de janeiro de 1897. Recebeu o grau de professora primária em 1913 e fundou o jardim de infância Emilia Erichsen, um dos primeiros a funcionar no Estado, cujo nome homenageava uma antiga mestra-escola curitibana. Dedicou-se ao ensino infantil de 1917 a 1919. Em 1914 surpreendeu por ser a única mulher a matricular-se na Faculdade de Medicina do Paraná, acontecimento inusitado naqueles dias. Até 1929 apenas três outras mulheres graduaram-se em Medicina no Estado: a francesa Marcella Gallinati em 1921 e as curitibanas Yolanda de Almeida Faria em 1926 e Josefina Flacks em 1929. Maria Falce foi a primeira médica a formar-se no Paraná. Em 1919 obteve o grau de doutora apresentando a tese *Em Torno de um Caso de Ascaridíase Hepática*.

Em 1920 casou-se com o colega de turma José Pereira de Macedo.

Até 1919 a Santa Casa não dispunha de recursos para análises clínicas, havia apenas um pequeno laboratório da Faculdade de Medicina que até 1921 funcionou sob direção de Maria Falce de Macedo. Ela não recebia nenhuma remuneração para tal, fato exaltado pelo então diretor do hospital, Victor do Amaral.

Em 1923 fez o curso de Bacteriologia e Zoologia Médica no Instituto Oswaldo Cruz do Rio de Janeiro e

em 1926 estagiou na Faculdade de Medicina de Belo Horizonte aperfeiçoando-se em Bacteriologia.

Na volta para Curitiba passou a chefiar o Laboratório de Análises Clínicas da Faculdade na Santa Casa e montou com o marido outro particular.

Em 1926 irrompeu um surto de peste bubônica em Paranaguá e, devido às deficiências do laboratório da Diretoria de Higiene do Estado, o casal Pereira de Macedo realizou um estudo bacteriológico completo, isolando o bacilo de Yersen e caracterizando seu papel etiológico.

O laboratório dos Pereira de Macedo funcionou até 1950 e ao serem encerradas suas atividades todo o equipamento foi doado à Faculdade de Medicina do Paraná.

Em 1929 Falce de Macedo prestou concurso para a cátedra de Química Orgânica e Biológica da Faculdade de Medicina e foi aprovada com distinção defendendo a tese *Variação do Teor de Uréia no Sangue Conforme o Modo de Colheita da Matéria*. Em 1931 a reforma do ensino superior uniu a cadeira à de Química Fisiológica e passaram a ser dois os catedráticos da disciplina: Falce de Macedo e Antenor Pamphilo dos Santos que, em 1937, prestou concurso e transferiu-se para a cadeira de Fisiologia.

Em 1964 Falce de Macedo implantou um moderno programa de ensino e a disciplina de Química Fisiológica passou a denominar-se Bioquímica. Este setor do ensino médico progrediu e dinamizou-se com a fundação do primeiro Instituto da Universidade do Paraná, o Instituto de Bioquímica.

A carreira docente de Maria Falce de Macedo estendeu-se por três décadas. Mestre querida pelos estudantes, ornada por uma aura de bondade e tolerância, soube fazer florescer um departamento progressista e dinâmico no campo da Bioquímica.

Morreu no dia 24 de abril de 1972.



*Comemoração pascal na Santa Casa de Misericórdia, início da década de 1940. Sentado, da esquerda para a direita: **Maria Falce de Macedo**, Victor do Amaral, arcebispo D. Ático Euzébio da Rocha, Manoel Pereira da Cunha e José Pereira de Macedo. No 2º plano, de pé, da esquerda para a direita: Manoel Cavalcanti, Mario Braga de Abreu, Giocondo Villanova Artigas, Pedro Cerqueira Lima Neto, Jorge Daher, Milton Amaral, Joaquim de Matos Barreto e Levy Buquera. No 3º plano, da esquerda para a direita: Roaldo Amundsen Koebler, Orlando de Oliveira Mello, Álvaro Pinto e Azor de Oliveira Cruz.*

CADEIRA 37

PATRONO

MÁRIO BATISTA DE BARROS

22/12/1911 – 26/2/1960



Fundador: CARLOS FRANCO FERREIRA DA COSTA

2º Titular: BRUNO MAURIZIO GRILLO

MÁRIO BATISTA DE BARROS

22/12/1911 - 26/2/1960

Mário Batista de Barros, filho de Conceição Batista e de Hugo Antonio de Barros, nasceu em Curitiba, Paraná, no dia 22 de dezembro de 1911. Completou a educação fundamental em Curitiba e matriculou-se na Faculdade de Medicina do Paraná em 1931.

Durante o curso foi eleito presidente do Diretório Acadêmico Nilo Cairo. Na revolução constitucionista serviu como voluntário no Hospital Militar de Curitiba. Em 1934 foi acadêmico-interno de Clínica Cirúrgica Infantil e Ortopedia no Serviço do professor José Pinto Rebello e de 1935 a 1936 monitorou a cadeira de Técnica Operatória e Cirurgia Experimental do professor Dante Romanó. Formou-se em 1936 e obteve o grau de doutor com a tese *Esplenectomia e Seus Efeitos Sobre a Pressão Arterial e Diabete*, aprovada com distinção e laureada com os prêmios Doutor Raul Leite e Humboldt.

Foi ao Rio de Janeiro fazer estágios de aperfeiçoamento e lá trabalhou como assistente do professor Castro Araújo no Hospital Estácio de Sá e no Serviço do professor Fernando Magalhães no Hospital Pró-Mater. Ao voltar para o Paraná dirigiu o Preventório Infantil Manoel Ribas e inaugurou o Hospital Geral, ambos em Castro.

Durante a Segunda Guerra Mundial serviu em

Curitiba no corpo de saúde do Exército e foi condecorado com a medalha de guerra. De volta à prática civil passou a trabalhar no Departamento Nacional de Estradas de Rodagem e desenvolveu na Cooperativa dos Rodoviários um extenso programa de assistência social que lhe trouxe prestígio junto às classes trabalhadoras e o aproximou da política. Também foi médico do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Empregados em Transportes e Cargas (IAPTEC), do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários, (IAPB), e dirigiu com reconhecida competência técnica a instalação em Curitiba do Serviço de Assistência Médica Domiciliar de Urgência, o SAMDU.

Embora exercesse a Medicina com entusiasmo e dedicação suas preocupações políticas passaram a atraí-lo progressivamente para a vida pública. Na verdade, Mario Batista de Barros trazia, do ambiente familiar, uma tradição republicana. Seu avô paterno, João Antonio de Barros Júnior foi líder abolicionista e republicano histórico em Paranaguá e o avô materno, Firminio Teixeira Batista, o Coronel Vivida, prócer republicano em Palmas..

Filiou-se ao Partido Trabalhista Brasileiro iniciando rápida e bem sucedida carreira política. Em 1954 elegeu-se deputado estadual, em 1955 assumiu a Secretaria de Saúde Pública do Paraná e no mesmo ano candidatou-se a governador do Estado pela coalizão dos partidos Trabalhista Brasileiro e Republicano. Em 1958 foi reeleito deputado estadual.

Morreu no dia 26 de fevereiro de 1960 e deixou um filho médico, Mário Batista de Barros Júnior, ginecologista.



*Seguindo tradição familiar, **Mário Batista de Barros** empenhou-se ativamente na vida político-partidária. Na fotografia vemos o ministro João Goulart à esquerda de Mário de Barros durante a inauguração do Serviço Ambulatorial de Urgência Domiciliar, SAMDU, em 1953.*

CADEIRA 38

PATRONO
MIGUEL ISAACSON
19/3/1894 – 11/12/1963



Fundador: DOMÍCIO PEREIRA DA COSTA
2º Titular: SERGIO FONSECA TARLÉ

MIGUEL ISAACSON

19/3/1894 - 11/12/1963

Miguel Isaacson, filho de Luiza Augusta Leite e Eduardo Isaacson, nasceu em Mendes, Rio de Janeiro, no dia 19 de março de 1894.

Em 1911, após completar o curso secundário no Colégio Abílio em Niterói, matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Formou-se em 1915 e obteve o grau de doutor com a tese *Raquianalgesia*, aprovada com distinção.

Em 1916, a convite do colega Ubaldo Cardoso da Veiga fixou residência em Antonina, no Paraná. Na cidade capelista conquistou numerosa clientela e também atendia com grande zelo pacientes das vizinhas Morretes, Porto de Cima e Paranaguá. Durante a epidemia de gripe espanhola em 1918 desdobrou-se como o único médico de Antonina, tendo sido ele mesmo vítima do temível vírus.

Em 1920 mudou-se para Curitiba e em 1923 integrou-se no Corpo Clínico da Santa Casa. Substituiu Reinaldo Machado na cadeira de Clínica Ginecológica da Faculdade de Medicina e mais tarde tornou-se catedrático efetivo da disciplina.

Em 1925, com a posição consolidada no meio médico curitibano, viajou à França e fez vários cursos na Universidade de Paris e nos Hospitais Cochin, Bro-

ca, Saint Antoine e Necker.

De volta a Curitiba participou da comissão de obras da maternidade da Faculdade de Medicina que Victor do Amaral estava construindo. Em 1929 voltou à Europa para tratar da aquisição do equipamento do novo hospital. Da Alemanha trouxe a vacina Friedmann, então em destaque na prevenção e tratamento da tuberculose. Interessava-se particularmente pela doença com a qual dizia ter contas a acertar já que a tísica lhe roubara uma irmã muito querida em plena juventude. Contribuiu na divulgação de medidas preventivas da doença e trabalhou auxiliando Pedro Xavier Gonçalves, diretor do Sanatório São Sebastião, na Lapa.

Em 1930 foi inaugurada a Maternidade Victor do Amaral e Miguel Isaacson passou a ser chefe do Serviço de Cirurgia do Hospital.

Durante a revolução constitucionalista serviu no fronte das forças legalistas em Itararé como tenente-coronel. Com ele serviram Francisco Franco, Eugenio Lopes, Victor do Amaral Filho, Atlântido Borba Cortes e Celso Valério, médicos curitibanos e companheiros de faculdade.

Em 1934, junto com João Cândido Ferreira, Victor do Amaral e Virmond Lima, ajudou a organizar a Liga Paranaense Contra o Câncer.

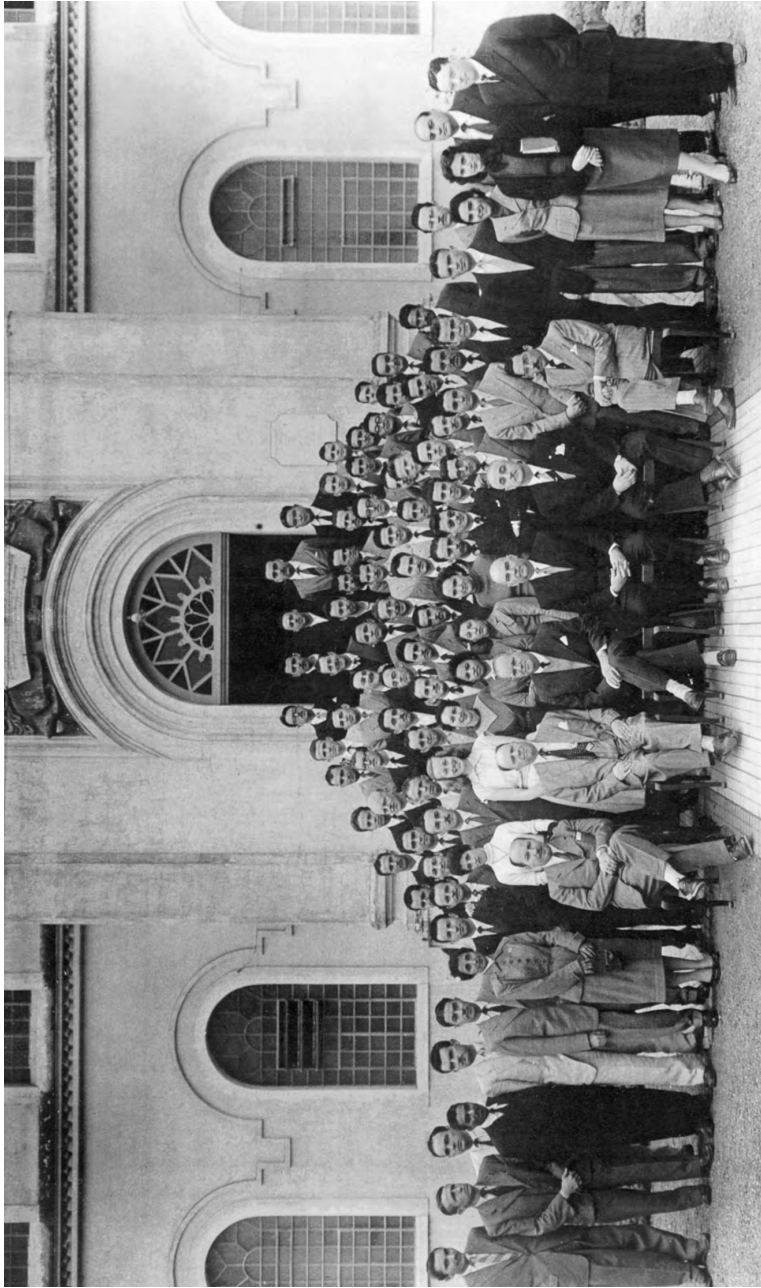
Durante quarenta anos foi líder da especialidade a que se dedicou e desempenhou com equilíbrio e espírito de justiça a cátedra da Faculdade de Medicina na Santa Casa de Misericórdia chefiando as enferma-

rias Santa Ana e Santa Rosa. Embora a Ginecologia fosse cadeira de apenas um semestre e Isaacson atuasse com rigor no cumprimento do programa, ele era muito querido pelos alunos. Já enfermo, licenciou-se em 1960 e aposentou-se no ano seguinte.

De temperamento voluntarioso, a franqueza e lealdade o faziam respeitado e estimado na classe médica e elegeu-se presidente de três entidades de classe. Em 1931 presidiu o Sindicato Médico do Paraná; em 1932, a Sociedade Médica dos Hospitais, que ajudara a fundar dois anos antes. Foi ainda um dos fundadores da Associação Médica do Paraná em 1934, resultado da fusão das duas agremiações acima citadas com a antiga Sociedade de Medicina do Paraná. Na Associação foi vice-presidente da segunda diretoria em 1934/35 e presidente nos biênios de 1936/37 e 1938/39.

Miguel Isaacson também atendia a numerosa clientela na Casa de Saúde São Vicente, fundada por um grupo médico liderado por ele, Virmond Lima, Milton Munhoz e João Vieira de Alencar.

Morreu no dia 11 de dezembro de 1963.



*Doutorandos da turma de 1954 da Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná, à frente da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba. Sentados, da esquerda para a direita, os professores Domicio Pereira da Costa, Octavio Silveira, **Miguel Isaacson**, Alô Guimarães, Victor do Amaral Filho e Arnaldo Moura.*

CADEIRA 39

PATRONO
MILTON ERICHSEN CARNEIRO

16/10/1902 – 22/2/1975



Fundador: LAURO GREIN FILHO

MILTON ERICHSEN CARNEIRO

16/10/1902 - 22/2/1975

Milton Erichsen Carneiro, filho de Francisca Henriqueta Erichsen e de Abdon Petit dos Guimarães Carneiro, nasceu em Paranaguá, Paraná, no dia 16 de outubro de 1902. Pouco depois do nascimento de Milton, a família Carneiro mudou-se para Ponta Grossa e em 1911, para Curitiba. Seu pai foi professor da Faculdade de Medicina e um dos fundadores, e esteios na fase difícil dos primeiros anos de funcionamento da Universidade do Paraná.

Milton Carneiro cursou o secundário no Ginásio Paranaense e em 1918 ingressou na Faculdade de Medicina do Paraná. Em 1922 transferiu-se para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e graduou-se em 1923.

Por dois anos experimentou a vida de médico rural clinicando nas pequenas Munhuaçu e Carangola, em Minas Gerais. Em 1926 voltou para Curitiba e com as teses *Conceito Atual de Vida* e *Base Paleontológica da Doutrina Transformista* conquistou a regência da cadeira de Biologia Geral e Parasitologia da Faculdade de Medicina do Paraná. Em 1931, com a reforma do ensino superior a cadeira passou a ser só de Parasitologia. Em 1933 assumiu a cátedra de Zootaxonomia do curso de Farmácia, que fazia parte da

Faculdade de Medicina e estagiou no Instituto Oswaldo Cruz em Manguinhos, onde estabeleceu relação com diversos pesquisadores.

Ensinou Parasitologia nos cursos de Medicina e Farmácia de 1926 a 1961 e, embora rigoroso nos exames e intransigente reprovador, conquistou a admiração e a estima dos alunos graças à capacidade de comunicação, à intuitiva técnica pedagógica para transmitir os temas áridos da disciplina e ao convívio pessoal que com eles mantinha. A provinciana Curitiba da primeira metade do século XX ainda cultivava o hábito das rodas de conversa nos cafés da cidade, frequentadas por intelectuais, professores, jornalistas e estudantes. Nessas rodas Milton Carneiro pontificava com outros professores da universidade, entre eles Bento Munhoz da Rocha Neto, Homero Braga, João Xavier Vianna e Dirceu Lacerda.

Fez parte do grupo que fundou a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná em 1938 e assumiu a regência da cadeira de Psicologia Genética, mas logo se transferiu para a de História da Filosofia.

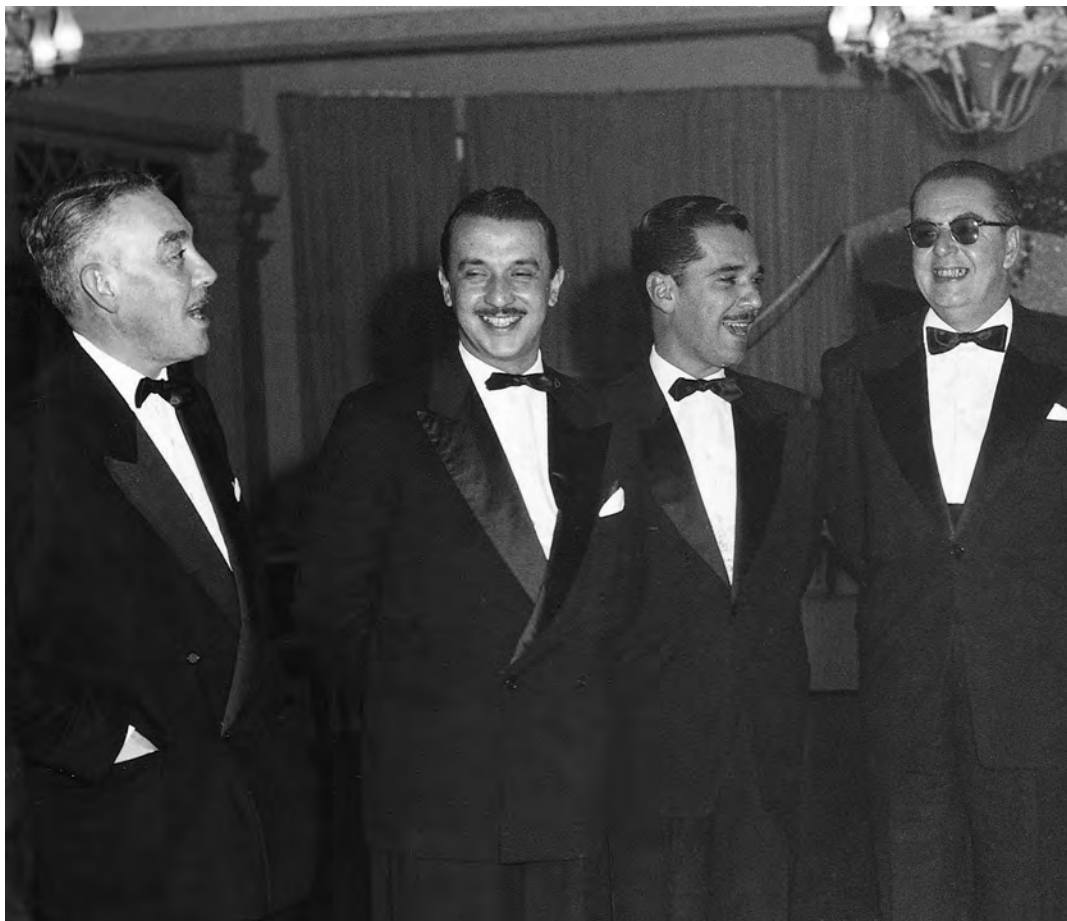
Eleito paraninfo da turma de médicos de 1933 redigiu o famoso *Discurso do Bugre*, peça oratória que revela muito de sua personalidade e do julgamento finamente irônico que fazia dos homens.

Teve intensa participação na vida intelectual da cidade. Tomou parte em vários movimentos literários, foi jornalista do jornal *Gazeta do Povo* e membro do Círculo de Estudos Bandeirantes. No Centro de Letras do Paraná foi o primeiro Titular da cadeira 21, cujo

patrono é João Evangelista Espíndola. Deixou várias obras literárias, entre elas *Eles Vivem em Mim; Procissão de Eus; Sou; Jogo da Vida; História da Doença de Chagas; Cormorant; o Tráfico e os Ingleses; Leo Cobbe; Tricentenário de Paranaguá e Uma Vida Autêntica*.

Exerceu a chefia da Casa Civil no governo de Bento Munhoz da Rocha Neto em 1951.

Morreu no dia 22 de fevereiro de 1975. Deixou um filho médico, Milton Carneiro Filho, professor de Parasitologia na Universidade Federal do Paraná, na Pontifícia Universidade Católica do Paraná e na Faculdade Evangélica de Medicina do Paraná.



Milton Erichsen Carneiro, pertenceu a um grupo de intelectuais ligados à Universidade do Paraná e à Faculdade de Filosofia Ciências e Letras. Com a chegada deste grupo ao poder político estadual, na década de 1950, desempenhou função pública de relevo. Na fotografia vê-se Milton Carneiro, à sua esquerda em companhia dos correligionários João Xavier Vianna, Ney Braga e Juvencio Soares da Silva.

CADEIRA 40

PATRONO
MILTON DE MACEDO MUNHOZ

22/12/1901 – 9/7/1977



Fundador: AMAURY DE MUNHOZ ROCHA
2º Titular: VALDIR DE PAULA FURTADO

MILTON DE MACEDO MUNHOZ

22/12/1901 - 9/7/1977

Milton de Macedo Munhoz, filho de Ifigênia de Macedo e de Alcides Munhoz, nasceu em Curitiba, Paraná, no dia 22 de dezembro de 1901.

Completoou o secundário no Ginásio Paranaense e formou-se na Escola Agrônômica do Paraná em 1920. Em seguida matriculou-se na Faculdade de Medicina do Paraná e no quinto ano transferiu-se para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro graduando-se em 1925. Obteve o grau de doutor com a tese *Acidose no Diabete*, aprovada com distinção.

Voltou para Curitiba e passou a lecionar na cadeira de Higiene da Faculdade de Medicina do Paraná, que incluía os cursos de Odontologia e Farmácia. Em 1929 conquistou definitivamente a cátedra defendendo em concurso as teses *Educação Sexual nas Escolas e Importância da Higiene Mental* e por mais de quarenta anos reger a cadeira com reconhecido brilho e competência. Ao aposentar-se, em 1970, recebeu do Conselho Universitário o título de Professor Emérito.

De 1935 a 1945 participou da administração da Universidade do Paraná como secretário da Faculdade de Medicina. Victor do Amaral ressaltou que a ampliação do prédio da Universidade — com a construção da ala da Faculdade de Medicina na travessa Alfredo

Bufrem - deveu-se principalmente ao espírito empreendedor de Milton Munhoz que, como secretário e membro do Conselho Universitário, desempenhou importante papel nos entendimentos políticos que levaram à restauração e federalização da universidade.

A atuação de Milton Munhoz ultrapassou a esfera universitária. Em 1945, como jornalista e escritor, tomou parte dos movimentos de redemocratização do país e da reintegração do território do Iguaçu ao Estado do Paraná.

Na mesma época em que ingressou na Faculdade passou a ser subinspetor sanitário do Estado, cabendo-lhe a vigilância sanitária dos pestosos vindos de Paranaguá durante o surto de peste bubônica em 1926. Terminada a missão foi nomeado para o Serviço de Higiene do Estado e em 1928 instalou o Gabinete de Radiologia, tendo sido o primeiro médico radiologista da divisão e o organizador do Serviço de Radiologia do Sanatório São Sebastião, na Lapa. Foi ainda ele que estabeleceu o Serviço de Radiologia do Hospital da Santa Casa de Curitiba, que chefiou por muitos anos.

Em 1946 assumiu a direção geral de Departamento de Saúde do Estado e permaneceu no cargo até a criação da Secretaria de Saúde e Assistência Social, da qual foi o primeiro titular, no governo de Moisés Lupion em 1947. Exerceu a secretaria por aproximadamente um ano e participou das negociações para a criação de um Hospital Universitário, das quais resultou o início da construção do Hospital de Clínicas

- primeiro pelo Estado e depois pela própria Universidade, que ampliou e adaptou o projeto. Milton Munhoz fez parte da comissão de equipamentos, dirigiu a instalação e foi o primeiro Diretor-Geral do Hospital.

O brilho de sua personalidade alçou-o a inúmeras posições de destaque e o prestígio que conquistou junto à classe médica levou-o a presidir a primeira diretoria da Associação Médica do Paraná, criada em 1933 com fusão da Sociedade Médica, da Associação Médica dos Hospitais e do Sindicato dos Médicos. Em 1950 reelegeu-se para um novo biênio na presidência e entre suas realizações destaca-se a publicação da Revista Médica do Paraná, a partir de 1931, que desde então é a publicação oficial da organização. Recebeu o título de sócio benemérito da Associação Médica do Paraná.

Quando foram instalados no Brasil os Conselhos Regionais de Medicina coube-lhe presidir a diretoria provisória e organizar a instalação do Conselho definitivo.

A vida profissional de Milton Munhoz foi rica em participações em congressos médicos nacionais e eventos internacionais, sempre representando com brilhantismo o Paraná e o país.

Em 1939 foi inaugurada em Curitiba a Casa de Saúde São Vicente e, juntamente com Virmond Lima, João Vieira de Alencar, Miguel Isaacson e outros colegas, Milton Munhoz foi um dos fundadores do conceituado hospital e chefe do Serviço Radiológico até 1960.

Rotariano convicto, exerceu todos os cargos da

hierarquia do clube e recebeu o título de sócio Paul Harris.

Morreu no dia 9 de julho de 1977 e deixou um filho médico, Milton de Macedo Munhoz Filho, radiologista.

Anno I

Numero 1

Revista Médica do Paraná

Órgão da Sociedade Médica dos Hospitais do Paraná
Curitiba - Dezembro - 1931

Director: Dr. Milton Munhoz

Gerente: Dr. F. Fabiano Salles

Comissão de Redacção:

Dr. Mario Braga de Abreu
Dr. T. Loureiro Fernandes
Dr. Cesar Pernetta

SUMMARIO:

	PAGS
- Galeria Médica Paranaense	
- Revista Médica	
- Fundação da S. M. H. P.	8
- Comunicações apresentadas à S. M. H. P. - Fractura do Olecraneo - DR. MARIO BRAGA DE ABREU	10
- Pyelographias pelas vias descendente e ascendente - DR. MILTON MUNHOZ	13
- Considerações sobre a appendicite em Curitiba - DR. SIMAO KOSSOBUDZKI	14
- Gangrena da Glande - DR. LOUREIRO FERNANDES	17
- Prenhez ectópica com feto morto, a termo, desde 5 annos, sem calcificação - DR. MIGUEL ISAACSON	19
- Gangrena por endo-arterite obliterante - DR. D'ALO JUNIOR	22
- Um caso de Lymphadenia Luetica - DR. CESAR FERNETTA	24
- Dois casos de ulcera gastro-duodenal perfurada em peritoneo livre - DR. VIERMOND LIMA	29
- A Malaria curará a coqueluche - DR. ALUIZIO FRANÇA	32
- Ferida incisa no perineo - DR. ERASTO GAERTNER	34
- Um caso de exanthema subito - DR. CESAR FERNETTA	36
- Nota previa sobre o Abrodil - DR. LOUREIRO FERNANDES	40
- Phalangização do primeiro metacarpiano - DR. M. BRAGA DE ABREU	42
- Fibrona sub-mucoso do intestino produzindo invaginação. DR. S. KOSSOBUDZKI	46
- O sulfato de sodio na dysenteria infantil - DR. CESAR FERNETTA	48
- Em torno de um caso de eclampsia - DR. VICTOR DO AMARAL FILHO	51
- Grande calculo da bexiga - DR. VIERMOND LIMA	54
- A proposito das ulcernas digestivas - DR. MIGUEL ISAACSON	56
- Exostose osteogenica - DR. D'ALO JUNIOR	61
- Actas das sessões ordinarias da S. M. H. P.	63
- Noticiario	67

TODA A CORRESPONDENCIA DEVERÁ SER DIRIGIDA À
"REVISTA MÉDICA DO PARANÁ"
Caixa Postal, 329 - Curitiba

Milton de Macedo Munhoz foi uma figura de vanguarda na sociedade curitibana. Entre suas iniciativas destaca-se a criação da Revista Médica do Paraná, em 1931. Com a fundação da Associação Médica do Paraná, da qual foi o primeiro presidente, a Revista passou a ser seu órgão oficial, assim continuando até nossos dias. Na foto a capa do primeiro número da Revista Médica do Paraná.

CADEIRA 41

PATRONO

MURILO DO AMARAL FERREIRA

27/2/1905 – 13/7/1947



Fundador: LEÔNIDAS MOCELLIN

MURILO DO AMARAL FERREIRA

27/2/ 1905 - 13/7/1947

Murilo do Amaral Ferreira, filho de Josefa do Amaral e de João Cândido Ferreira, nasceu na Lapa, Paraná, no dia 27 de fevereiro de 1905.

Realizou os estudos fundamentais em Curitiba e formou-se na Faculdade de Medicina do Paraná em 1927. Obteve o grau de doutor defendendo a tese *Tubagem Duodenal*, aprovada com distinção.

Em 1929 ingressou no corpo docente da Faculdade de Medicina como assistente da cadeira de Clínica Médica do 4º e do 5º ano, chefiada por seu pai João Cândido Ferreira. Como médico efetivo da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba trabalhou nas enfermarias Santa Isabel e Dom Alberto Gonçalves, ambas de Clínica Médica.

Em 1936 foi aprovado em concurso público para livre-docência na Faculdade de Medicina do Paraná. Em 1937 a 2ª cadeira de Clínica Médica foi lecionada simultaneamente para duas turmas por Francisco Franco e Murilo Ferreira. Em 1941 prestou concurso de cátedra defendendo a tese *Contribuição ao Estudo do Abaulamento Expiratório dos Últimos Espaços Intercostais Indicando Líquido na Cavidade Pleural*. Foi aprovado, mas a primeira classificação coube a Hele-

no Azevedo da Silveira e Murilo Ferreira continuou a exercer a docência de Clínica Médica.

Elegeu-se secretário-geral da Associação Médica do Paraná no biênio 1941-1942.

Estimado pelo temperamento cavalheiresco, excelentes qualidades pedagógicas e boníssimo coração, teve a carreira interrompida por uma moléstia insidiosa e fatal que lhe tirou a vida precocemente em 1947.



Murilo do Amaral Ferreira, ao centro, quando primeiro-anista da Faculdade de Medicina do Paraná, em aula prática da cadeira de Anatomia Humana, em 1922.

CADEIRA 42

PATRONO
NAPOLEÃO LYRIO TEIXEIRA

11/04/1905 – 14/5/1978



Fundador: JOSÉ ALVARENGA MOREIRA
2º Titular: JOÃO BATISTA MARCHESINI

NAPOLEÃO LYRIO TEIXEIRA

11/4/1905 – 14/5/1978

Napoleão Lyrio Teixeira, filho de Regina Carvalho e de João Manoel Teixeira, nasceu no Sítio do Limoeiro, município de São José do Calçado no Espírito Santo, no dia 11 de abril de 1905. Coursou o primário em Bom Jesus do Itaboapana e nesse ambiente bucólico passou uma infância modesta, mas apesar das dificuldades econômicas advindas da crise de 1929 que deixou marcas profundas na região e empobrecceu sua família, foi para o Rio de Janeiro e conseguiu matricular-se na Faculdade de Medicina. Concluiu o curso em 1933 e nos anos subsequentes praticou Cirurgia Geral, Ginecologia e Obstetrícia antes de se fixar na Psiquiatria ao trabalhar no Serviço do professor Henrique Roxo.

Convocado para o Serviço Médico do Exército em 1941 serviu em Curitiba, radicou-se na capital paranaense e decidiu seguir a carreira militar, da qual reformou-se como tenente-coronel médico.

A intensa vida social e a ativa participação jornalística fizeram com que se destacasse na cidade. Tinha vocação para o magistério e a ele lançou-se com a intensidade e persistência que lhe eram peculiares. Em 1944 prestou concurso para livre-docência na cadeira de Psiquiatria da Faculdade de Medicina do Paraná

defendendo a tese *Histamino-Insulinoterapia nas Doenças Mentais* e no mesmo ano conquistou o título de livre-docente de Medicina Legal com a tese *O Suicídio em Face da Psicopatologia, da Literatura, da Filosofia e do Direito*. Em 1947, na qualidade de docente, exerceu interinamente a cátedra vaga da cadeira.

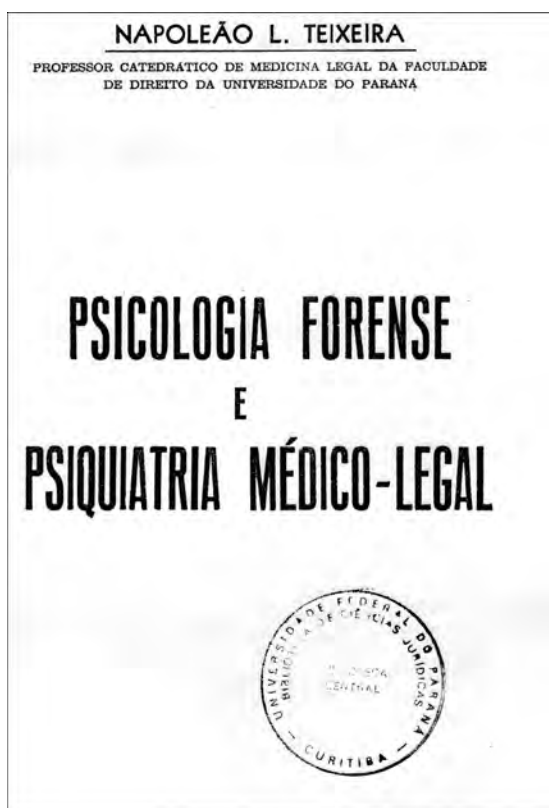
Em 1948 obteve o título de mestre da Faculdade de Direito com a dissertação *Reação Patológica ao Álcool, Aplicações Médico-Legais* e conquistou em concurso a cadeira de Medicina Legal da Faculdade de Direito da Universidade do Paraná com a tese *Do Direito de Tratar (estudo de deontologia médica)*. Nomeado catedrático em 1951, desempenhou a cátedra com bastante dinamismo, conseguindo grande participação dos alunos nos trabalhos da disciplina. Em 1954 publicou o tratado *Psicologia Forense e Psiquiatria Médico-Legal*, muito utilizado pelos estudantes de Direito.

Em 1955 substituiu interinamente o catedrático Alô Guimarães na cadeira de Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina.

Napoleão Teixeira se sobressaía onde estivesse, pela personalidade esfuziante. Homem do mundo, foi viajante compulsivo. Visitou mais de setenta países, sobre os quais publicou observações penetrantes. Consta que dominava onze idiomas. Dinâmico e prolífico, suas publicações apareciam em jornais e periódicos nacionais e internacionais. Teve mais de vinte mil crônicas publicadas no Brasil e acima de mil no exterior, segundo avaliou seu filho João Regis Fassbender Tei-

xeira, advogado e professor da Faculdade de Direito da Universidade do Paraná. Também publicou dezenas de trabalhos de divulgação médica, de Medicina Legal e de Psiquiatria e recebeu distinções como a de membro da Academia Nacional de Medicina Militar.

Morreu em Curitiba no dia 14 de maio de 1978.



Napoleão Teixeira, professor dos cursos de Medicina e Direito escreveu prolificamente artigos médicos e de divulgação, teses e livros. Seu tratado *Psicologia Forense e Psiquiatria Médico-Legal* foi muito utilizado pelos estudantes.

CADEIRA 43

PATRONO
NILO CAIRO DA SILVA

12/11/1874 – 6/6/1928



Fundador: RUY LEAL
2º Titular: DANTON RICHLIN DA ROCHA LOURES

NILO CAIRO DA SILVA

12/11/1874 – 6/6/1928

Nilo Cairo da Silva, filho de Alzira Paula da Costa Lobo e de Simplício Manoel da Silva Junior, nasceu em Paranaguá, Paraná, no dia 12 de novembro de 1874. Completou a educação fundamental na cidade natal e no Rio Grande do Sul e em 1891, aos dezessete anos, ingressou na Escola Militar da Praia Vermelha. Completou o curso de Armas e o de Engenharia Militar, garantindo o grau de bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas. Em 1893 foi publicado o manifesto revolucionário do Almirante Saldanha da Gama e Nilo Cairo apresentou-se como voluntário. Serviu de setembro de 1893 a março de 1894 e, ainda como voluntário, serviu na guarnição da esquadra do Almirante Jerônimo Gonçalves. Em novembro de 1894 foi promovido a segundo-tenente de artilharia e em agosto de 1899 a primeiro-tenente.

Recebeu o grau de doutor na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1903. A tese de doutoramento que apresentou à Faculdade intitulava-se *Similia Similibus Curantur* foi recusada. Diante disso, para formalizar sua graduação Nilo apresentou uma segunda tese: *O Pé Equino*.

Casou-se no Rio de Janeiro com Dagmar de Oliveira Coelho, morta ao dar a luz ao primeiro filho,

cua vida também foi curta.

Nilo Cairo continuou no serviço ativo do Exército e em 1904 a explosão de uma peça de artilharia lesou seus tímpanos, causando surdez completa. Por esta razão reformou-se no posto de major.

Em Curitiba casou-se com Leonor Lopes, neta de Cândido Martins Lopes, o primeiro jornalista do Paraná. O casal teve de se mudar para Palmeira em busca do ar puro, superalimentação e repouso, recursos da época para tratar a tísica pulmonar que acometera Leonor, mas voltaram para Curitiba assim que a saúde dela melhorou.

Na capital paranaense Nilo Cairo tinha um certo renome, pois fundara com o farmacêutico Domingos Duarte Velloso a *Revista Homeopática do Paraná* que circulou durante sete anos. Logo que se estabeleceu na cidade, integrou-se ao grupo que articulava a criação da Universidade do Paraná.

David Carneiro assim descreveu o papel por ele desempenhado como secretário-geral: *Nilo Cairo foi o elemento dinâmico a angariar pessoas convenientes e capazes para as funções e para as cátedras. Empurrava todos os assuntos que caíam em inércia ou os que não haviam saído de situação letárgica, determinando previamente os acontecimentos em animada atividade, a provocar as convergências. Vez por outra, entretanto, surgiam resistências passivas, invejas, e as coisas não andavam sem que fossem desmascaradas com a valentia que caracterizava o desassombrado Nilo.*

A situação de oficial reformado e as ligações com os antigos colegas deram-lhe a oportunidade de contactar elementos valiosos para a formação do corpo docente da Universidade. Na constituição das Congregações, Nilo Cairo foi indicado para a cadeira de Homeopatia e Terapêutica Homeopática e para a de Clínica Homeopática, ambas no 5º ano, mas as disciplinas não foram ensinadas. Em 1914 começou a funcionar o curso de Medicina e Nilo Cairo regeu a cadeira de Patologia Geral de 1915 a 1917. No curso de Odontologia, que entrara em funcionamento em 1913, exerceu as cátedras de Fisiologia, Patologia Geral e Anatomia Patológica.

Sua produção científica foi prolífica. Logo que chegou a Curitiba, em 1906, fundou, juntamente com o farmacêutico Duarte Velloso, a *Revista Homeopática do Paraná*, que depois passou a denominar-se *Revista Homeopática Brasileira*. Anteriormente havia publicado em *A Notícia*, do Rio de Janeiro uma série de 26 artigos, de grande repercussão, sobre homeopatia. Entre suas publicações destacam-se: *Os Antimoniais na Terapêutica Oficial* (1904), *A Cantárida na Terapêutica Oficial* (1904), *Tratamento Homeopático da Influenza* (1907), *Tratamento Homeopático das Moléstias Tropicais* (1909), *Guia de Medicina Homeopática*, que alcançou várias edições, *O Dr. Huchard e a Homeopatia* (1910), *Lachesis Mutus* (*Matière Médicale et Thérapeutique*, 1910) e os artigos *Crotalus Terribilis*, *Lachesis Lanceolatus* e *Elaps Coralinus*, aparecidos no *The Hahnemannian Monthly*, de 1910. Ainda

em 1910 publicou *A febre Amarela e seu Tratamento Homeopático*, em 1917 o *Tratamento Homeopático das Diarréias Infantis*, em 1920 *A Cultura da Terra*, e em 1922 o *Guia Prático da Cultura do Fumo*.

Dada a carência de livros de texto em língua portuguesa para o estudo das cadeiras que lecionava, em 1916 publicou *Elementos de Physiologia e Elementos de Patologia Geral*.

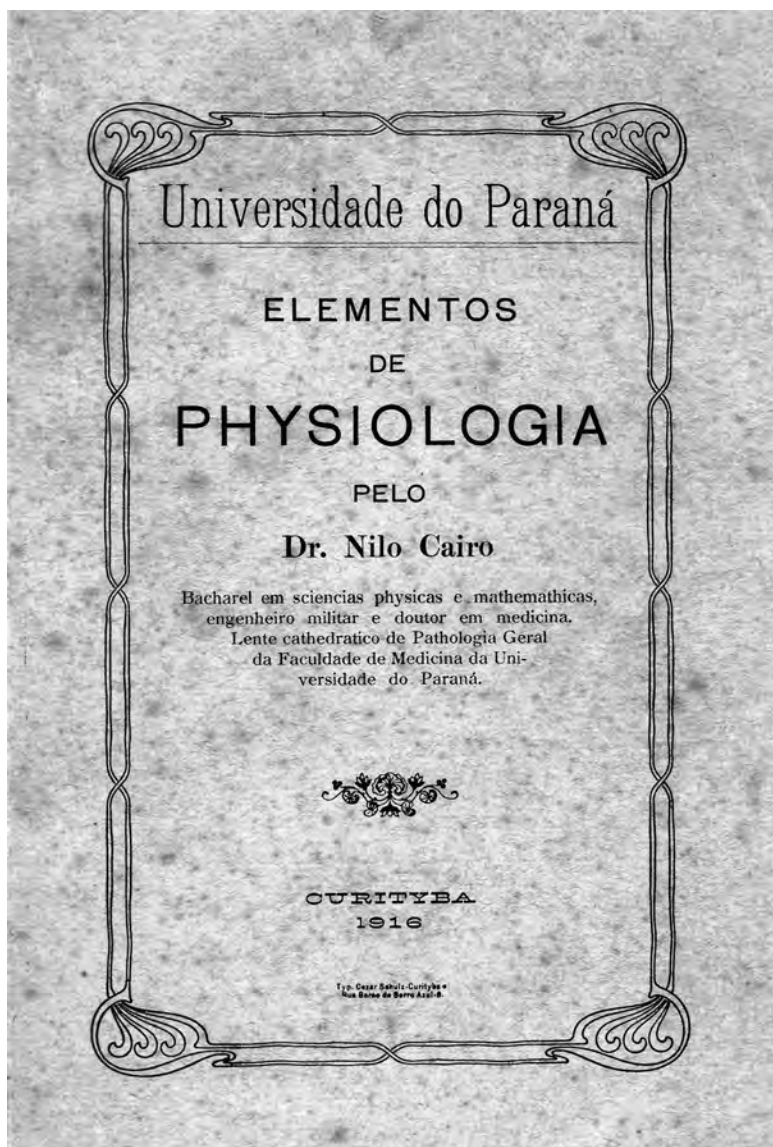
Como engenheiro militar regeu as cadeiras de Geologia e Mineralogia no curso de Engenharia. Organizou os cursos preparatórios da Universidade, ensinando várias matérias e encarregando-se dos exames dos alunos e de profissionais estrangeiros na revalidação de diplomas.

No princípio de 1917 tomou a drástica decisão de afastar-se da Universidade, deixar o Paraná e ir para Mogi das Cruzes, em São Paulo. Com a inquietude intelectual de sempre, voltou aos bancos acadêmicos para estudar Agronomia. Dedicou-se ao cultivo do solo e foi, então que escreveu *A Cultura da Terra* e o *Guia Prático da Cultura do Fumo*.

Em Curitiba Victor do Amaral continuava o pertinaz trabalho à frente da Universidade sem esquecer a contribuição de Nilo Cairo. No dia 19 de agosto de 1921 inaugurou uma herma do amigo no saguão do prédio da Universidade do Paraná, na Praça Santos Andrade.

Os vínculos com a Universidade que ajudara a criar não desapareceram nos anos bucólicos de Mogi das Cruzes e em 1922 Nilo Cairo retornou a Curitiba e ao trabalho na Faculdade de Medicina. Aliciou professores e alunos e reeditou as obras didáticas publicadas em

1916. Em 1923 reassumiu as cadeiras de Patologia Geral e de Fisiologia. O ano de 1925 foi o último em que ensinou na Faculdade. Com a saúde precária ele procurou em Paranaguá levar uma vida mais tranquila e favorável à recuperação, mas o agravamento dos problemas gástricos levaram-no a procurar recurso cirúrgico no Rio de Janeiro. Morreu após a intervenção, no dia 6 de junho de 1928, e foi enterrado em Paranaguá, sua terra natal.



*Exemplar da primeira edição da obra **Elementos de Physiologia**, publicada em Curitiba em 1916.*

CADEIRA 44

PATRONO
OCTAVIO DA SILVEIRA

24/7/1895 - 11/12/1966



Fundador: AFFONSO ANTONIUK

OCTAVIO DA SILVEIRA

24/7/1895 - 11/12/1966

Octavio da Silveira, filho de Ana Dokorn e de Antero da Silveira, nasceu em Tupanceretã, Rio Grande do Sul, no dia 24 de julho de 1895.

Formou-se em 1915 na Faculdade de Medicina de Porto Alegre.

Clinicou por cinco anos em Porto União, no Estado de Santa Catarina, e em 1920 mudou-se para Curitiba. A convite de Nilo Cairo juntou-se ao grupo de médicos que lutavam por manter a Faculdade de Medicina, que passava por agudas dificuldades, e prestou valiosa colaboração lecionando várias matérias. Inicialmente foi professor de Clínica Neurológica e Psiquiátrica e em 1923, com a reorganização curricular determinada pelas autoridades federais, a cadeira foi desdobrada cabendo-lhe a cátedra de Clínica Neurológica. No ano seguinte ensinou Clínica Propedêutica Médica e Química Médica. Em 1925, Victor do Amaral confiou-lhe a Secretaria da Faculdade, cargo chave da administração que enfrentava o trabalho de se adequar às exigências da inspetoria federal. Em 1926 regeu a cadeira de Química Geral e Mineral e no ano seguinte a de Química Orgânica e Fisiológica e a de Biologia Geral e Parasitologia, na qual permaneceu até 1928. Em 1930 coube-lhe a disciplina de Patologia, na maratona de regências de cátedras que caracterizaram a *fase das*

vacas magérrimas, conforme a designação pitoresca de Milton Carneiro. Na qualidade de secretário participou das comissões de construção dos prédios da Faculdade e da Maternidade.

Em 1923 ensinava Clínica Neurológica no Hospital Psiquiátrico Nossa Senhora da Luz da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia, era chefe do Serviço e dirigia o Laboratório Clínico que realizava exames especializados do líquido cefalorraquidiano. Também dirigiu o Serviço de Eletroencefalografia. A cátedra de Clínica Neurológica funcionou no Hospital Psiquiátrico da Santa Casa até 1961, quando foi transferida para o recém-inaugurado Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná.

Octavio da Silveira deixou sua marca também na política do Paraná. Em 1930 foi um dos líderes locais da revolução que encerrou a República Velha e em 1935 elegeu-se deputado federal, mandato extinto pelo golpe de Estado em 1937.

De temperamento franco e destemido, enfrentou as consequências de divergir das correntes políticas dominantes, mantendo a honorabilidade sempre reconhecida. Foi líder da classe médica paranaense e um dos fundadores do Sindicato Médico e orador na sessão solene de instalação da entidade. Assumiu a secretaria geral da primeira diretoria da Associação Médica do Paraná no biênio 1933-1934.

Morreu no dia 11 de dezembro de 1966.

Deixou dois filhos médicos, Carvílio da Silveira, também farmacêutico e Octavio Augusto da Silveira, neurologista, ambos professores na Universidade Federal do Paraná.



*Professor de Clínica Neurológica da Faculdade de Medicina do Paraná, **Octavio da Silveira** exerceu-a no Hospital Nossa Senhora da Luz. Ali mantinha um Laboratório Clínico especializado na análise liquórica, chefiado por Arthur Schwab. Na fotografia, Octavio da Silveira sentado, Arthur Schwab em pé, com a técnica Lucha Langowski.*

CADEIRA 45

PATRONO

PETTIT CARNEIRO

29/10/1876 - 24/2/1940



Fundador: SANITO WILHELM ROCHA

PETT CARNEIRO

29/10/1876 - 24/2/1940

Abdon Guimarães Carneiro, filho de Delfica Guimarães e de Manoel Ricardo Carneiro, nasceu em Paranaguá, Paraná, no dia 29 de outubro de 1876. Matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e doutorou-se em 1898 com a tese *Patogenia do Síndrome Paraplégico*. Na juventude, na Faculdade do Rio de Janeiro deram-lhe a antonomasia de *Petit*, que o acompanhou por toda a vida.

Iniciou a carreira em Paranaguá como médico da Santa Casa de Misericórdia. Em 1900 o município foi assolado por um surto de varíola e a eficiência e abnegação com que atuou no atendimento à população humilde, juntamente com José Justino de Melo, está registrada em documentos da época. Interessado especialmente nas doenças infecciosas epidêmicas do país, em 1901 foi para São Paulo trabalhar no Instituto Bacteriológico, dirigido por Adolfo Lutz, e no Serviço Clínico de Rubião Meira na Santa Casa. No mesmo ano trabalhou como assistente de Vital Brazil que dirigia o recém-inaugurado Instituto Butantan.

O Instituto Butantan, em São Paulo, e o de Manginhos, no Rio de Janeiro, foram fundados para a preparação do soro curativo contra a peste bubônica que eclodira no Brasil em 1899 e em poucos meses

o Instituto Butantan disponibilizou as primeiras doses do soro antipestoso. Em novembro de 1901 Petit Carneiro foi designado por Emílio Ribas, chefe do Serviço Sanitário de São Paulo, para acompanhar os resultados da aplicação do soro do Butantan na população de Campos, que fora atingida por grave surto do mal levantino. No relatório de 1902 ele registrou os bons resultados obtidos com o uso do soro paulista, superior ao do Instituto Pasteur. No final da missão em Campos, que durou cerca de dois meses, recebeu homenagens das autoridades e do povo campista.

Os vínculos familiares trouxeram-no de volta a Paranaguá, mas em 1905 mudou-se para Ponta Grossa, onde atuou com presteza contra uma epidemia de escarlatina. Lá, passou a trabalhar no Serviço Médico da estrada de ferro São Paulo—Rio Grande, ao qual manteve-se vinculado após a vinda para Curitiba em 1911.

Na capital paranaense prestou humanitária assistência à população durante surtos epidêmicos. Em 1917 a febre tifoide alastrou-se na cidade atingindo milhares de pessoas e as autoridades sanitárias promoveram a vinda de uma comissão de médicos de São Paulo, chefiada por Teodoro Bayma, para esclarecer o mecanismo epidemiológico. Petit Carneiro foi um dos médicos locais a participar dos trabalhos que confirmaram o papel preponderante do sistema de esgotos na gênese do surto. Em 1918 a gripe espanhola, terrível pandemia virótica que atingiu o mundo todo, também afligiu a população curitibana. Embora de le-

talidade relativamente baixa, a doença fez centenas de vítimas na cidade e novamente ele se desdobrou na assistência aos gripados, tendo sido, ele próprio, acometido por grave pneumonia gripal dupla.

Dedicou-se por muitos anos à instituição benemerita *A Gota de Leite*, que distribuía gratuitamente leite pasteurizado às crianças carentes. No Hospital Psiquiátrico Nossa Senhora da Luz da Santa Casa, exerceu as funções de médico alienista chefe do pavilhão 3 de mulheres, dando importante contribuição à assistência aos carentes alienados.

Foi ligado à Universidade do Paraná desde a fundação. O currículo original do curso de Medicina incluía a cadeira de Histologia e ele foi o primeiro a ocupá-la. Permaneceu no magistério até a morte em 1939 e caracterizou-se pela camaradagem que mantinha com os alunos, cujo convívio amistoso se intensificava às vésperas das provas, pois em sua residência dava aulas extraordinárias noturnas e repetia durante o dia as aulas regulares. Marcou também o ensino de Histologia pelas aulas práticas que superavam as puramente dissertativas.

Sua contribuição à Universidade do Paraná também foi relevante durante a fase crítica dos primeiros anos em que a sobrevivência da Instituição esteve ameaçada por falta de professores. Vários mestres se transformaram em “gramofones” dando e repetindo aulas nas mais variadas cadeiras e nesta “fase de vacas magérrimas” Petit regeu, interinamente quase todas as cadeiras do curso básico de Medicina. Em 1918 ocu-

pou a vice-diretoria da Faculdade de Medicina.

Era aberto a muitos interesses culturais e filantrópicos. Foi maçom e grão-mestre da loja de Curitiba durante muitos anos. Filatelista premiado por sua coleção internacional e um charadista emérito que brilhou nas publicações especializadas. *Causeur* e anfitrião consumado, cultivava a música, a jardinagem e a canaricultura.

Morreu em Curitiba no dia 24 de fevereiro de 1940. Muitos de seus descendentes dedicaram-se ao magistério, incluindo seu filho, o médico Milton Erichsen Carneiro, professor da Universidade do Paraná e patrono da cadeira 39 da Academia Paranaense de Medicina.



*Petit Carneiro trabalhou no Hospital Psiquiátrico Nossa Senhora da Luz, da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba, durante longo tempo. Na fotografia, de 1935, de pé, da esquerda para a direita: Arzael Martins, Lício Portes, Coriolano Silveira da Motta, Alô Guimarães, **Petit Carneiro**, Carlos Cunha e André Kloss Netto.*

CADEIRA 46

PATRONO
RAUL DA COSTA CARNEIRO

18/2/1882 – 31/12/1943



Fundador: IZRAIL CAT

RAUL DA COSTA CARNEIRO

18/2/1882 - 31/12/1943

Raul da Costa Carneiro, filho de Maria Olímpia Lacerda e do coronel David Antonio da Silva Carneiro, nasceu em Curitiba, Paraná, no dia 18 de fevereiro de 1882. Coursou o primário e o secundário em Curitiba e em Itu, São Paulo. Em 1900 matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e obteve o grau de doutor em 1907 com a tese *Da Cardio-Esclerose*, aprovada com distinção. Em seguida viajou para a Europa e estagiou na Universidade de Berlim. De 1908 a 1909 foi assistente estrangeiro na Universidade de Estrasburgo no Serviço do professor Czerny.

No final de 1909 voltou ao Rio de Janeiro e montou seu consultório. Introduziu as ideias da escola pediátrica alemã e alcançou sucesso profissional e social. Voltou a Estrasburgo em 1910 e estagiou na Clínica de Czerny e na Universidade de Heidelberg. Publicou na Alemanha *Variações do Peso das Crianças Privadas de Hidratos de Carbono*, trabalho que traduziu e apresentou como tese, aprovada com distinção, em concurso para livre-docente da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Nos anos de 1914 e 1915 exerceu a docência na Faculdade e clinicou no Rio de Janeiro. Em plena Grande Guerra voltou à França e de 1915 a 1916 trabalhou com o professor Marfan no Hôpital

des Enfants Malades, além de frequentar várias clínicas pediátricas.

De 1916 a 1918 atendeu em seu consultório no Rio de Janeiro sempre com grande sucesso. Contudo, o grande interesse pelo problema nutricional das populações humildes o fez retornar ao Paraná e lançar-se num projeto de implantação de lavoura de arroz na região de Antonina, promovendo, para tal, a vinda de imigrantes japoneses. Durante dez anos dedicou-se ao empreendimento agrícola que não prosperou.

Em 1928 inscreveu-se no concurso para a cátedra de Pediatria da Faculdade de Medicina do Paraná com as teses *A Reação de von Pirquet* e *Dentição e Desmame*. Aprovado, assumiu a cadeira em 1929.

Em 1930 o ensino de Pediatria passou a ser ministrado no recém-inaugurado Hospital de Crianças, do qual Raul Carneiro foi um dos fundadores e o primeiro diretor. Simultaneamente, criou o Instituto da Criança de Curitiba, que funcionava no antigo prédio da Universidade do Paraná, à rua Comendador Araújo. A Instituição, avançada para a época, reuniu especialistas nas várias áreas da Medicina Infantil e funcionou durante dez anos. Em 1937 o Estado assumiu a administração do Hospital de Crianças e o ensino de Pediatria foi transferido para o pavilhão infantil da Maternidade Victor do Amaral, onde funcionou até a morte de Raul Carneiro em 1943.

O ensino de Pediatria sob sua direção dinamizou-se e teve notável produção científica do grupo de colaboradores permanentemente incentivados a

publicar trabalhos. Seus assistentes Haroldo Trevisani Beltrão, Irineu Antunes, Milton Lopes, Pio Veiga, Clara Glaser Villa e Homero de Mello Braga prestaram concurso de docência-livre.

Raul Carneiro tinha uma personalidade marcante. Era cosmopolita, cultivava hábitos requintados e fascinava intelectualmente seus discípulos.

Morreu em Curitiba, em plena atividade profissional, no dia 31 de dezembro de 1943.

Deixou um filho, Raul Carneiro Filho, médico pediatra.



Raul da Costa Carneiro, de pé, ao centro do grupo de doutorandos da Faculdade de Medicina do Paraná, no Hospital de Crianças, 1932. **Raul da Costa Carneiro** iniciou uma nova fase no ensino da Pediatria na Faculdade de Medicina do Paraná, transferindo-se para o Hospital de Crianças que fora construído sob os auspícios da Cruz Vermelha. Na fotografia vemos o grupo de estudantes da turma de 1932 frente à ala lateral do Hospital, tendo ao centro da primeira fila, Raul Carneiro (de pulôver branco).

CADEIRA 47

PATRONO
REINALDO MACHADO

5/2/1868 – 27/7/1918



Fundador: MANOEL STENGHEL CAVALCANTI
2º Titular: MANOEL AUGUSTO RIBAS CAVALCANTI

REINALDO MACHADO

5/2/1868 – 27/7/1918

Reinaldo Machado, filho de Maria Bárbara da Conceição e de Francisco Machado da Luz, nasceu em São Francisco do Sul, Santa Catarina, no dia 5 de fevereiro de 1868. Completou a educação fundamental em Porto Alegre e em Desterro, hoje Florianópolis. Republicano convicto, aos dezessete anos foi um dos fundadores do Clube Republicano de sua cidade. Aos vinte anos seguiu para o Rio de Janeiro e após completar os estudos preparatórios matriculou-se na Faculdade de Medicina. Em 1893, cursando o 4º ano e trabalhando como acadêmico-interno no Hospital da Marinha, foi convidado por Saldanha da Gama a participar da Revolta da Esquadra que então eclodira. De ideias republicanas anteviu os riscos de uma restauração monárquica caso o movimento sedicioso de Saldanha vencesse e não só deixou de a ele aderir, como se alistou no Batalhão Acadêmico, legalista. Foi nomeado oficial pelo vice-presidente Floriano e, ao terminar a Guerra Civil, indicado para receber o título de capitão-honorário do Exército, recusou a honraria dizendo-se satisfeito com o sentimento de dever cumprido.

Terminou o curso de Medicina em 1895 e iniciou o exercício profissional na pequena cidade de Rio Negro, no Paraná, mudando-se para a Lapa pouco tempo depois. Embora bem sucedido na clínica, decidiu se

mudar para Curitiba, onde tinha relações familiares e onde suas aspirações intelectuais poderiam ser satisfeitas. Integrou-se na vida política e jornalística da cidade. Foi redator e proprietário do jornal *Diário da Tarde* e elegeu-se deputado na Assembleia Legislativa nos biênios 1901/2 e 1903/4.

Em 1902 prestou concurso para a cadeira de História Natural no Ginásio Paranaense e na Escola Normal. Em 1904 e 1905 assumiu a Diretoria de Instrução Pública.

Fez parte do grupo de fundadores da Universidade do Paraná e participou da primeira diretoria da entidade como membro do Conselho Econômico. Foi um dos catedráticos eleitos para formar a primeira Congregação da Faculdade de Medicina. Coube-lhe a cadeira de Clínica Ginecológica que não chegou a assumir, mas foi chefe de clínica da Maternidade do Paraná instalada no edifício da Universidade, à rua Comendador Araújo.

O testemunho de seus contemporâneos é unânime em atribuir-lhe uma personalidade de escol. Foi um dos primeiros cirurgiões do Paraná e, segundo Szymon Kossobudski, por temperamento preferia ajudar nas cirurgias dos colegas a operar. Julian Szymanski, o primeiro catedrático de Oftalmologia no Paraná e patrono da Academia Paranaense de Medicina, em depoimento na ocasião da morte de Reynaldo Machado escreveu: *O destino me obrigou a percorrer, no exercício da profissão, diversas regiões do globo na América, Europa e Ásia. Recordando-me do convívio que tive com os colegas, tenho a satisfação de dizer que de nenhum guardo*

lembrança tão viva, tão carinhosa, tão agradável como desse estimado amigo e competente profissional.

Reynaldo Machado foi um dos fundadores da Sociedade de Medicina do Paraná em 1914, tendo sido eleito orador da primeira diretoria e reeleito para o mandato seguinte. Com João Cândido Ferreira e João Evangelista Espíndola formou o quadro de redatores do *Paraná Médico*, órgão oficial da Sociedade. Em 1917, em consequência da epidemia de febre tifoide em Curitiba, as autoridades sanitárias locais solicitaram ao governo de São Paulo o envio de uma comissão do Instituto Bacteriológico para auxiliar no estudo do surto ameaçador. A comissão, sob a chefia de Teodoro Bayma, estabeleceu o vínculo causal com o sistema de esgotos da cidade e Reinaldo Machado, que trabalhou com a missão paulista, segundo o insuspeito depoimento do próprio Bayma, antecipou o caminho certo para as investigações.

Em 1918, em plena maturidade, ativo na profissão e eleito para presidir a Sociedade de Medicina do Paraná naquele biênio, Reinaldo Machado adoeceu e a enfermidade que lhe pôs termo à vida foi rápida. Constatado o mal ocorreu ao Rio de Janeiro na esperança de recurso cirúrgico, mas morreu no Hospital da Beneficência Portuguesa dois dias depois da operação. O corpo foi trasladado para Paranaguá e de lá para Curitiba, onde foi sepultado.

Reinaldo Machado era padraсто de Eduardo Virmond Lima, cirurgião e patrono da cadeira 12 da Academia Paranaense de Medicina, e deixou um filho médico, Reinaldo Machado Filho, também cirurgião.



Reinaldo Machado colaborou estreitamente com Victor do Amaral nos primórdios do ensino na Faculdade de Medicina. Foi chefe de clínica da Maternidade do Paraná inaugurada em 1914, no período original da Universidade do Paraná, à rua Comendador Araújo nº 42.

CADEIRA 48

PATRONO
SZYMON KOSSOBUDZKI

28/10/1869 – 8/7/1934



Fundador: ISEU DE SANTO ELIAS AFFONSO DA COSTA

SZYMON KOSSOBUDSKI

28/10/1869 - 8/7/1934

Szymon Kossobudzki, filho de Cecylia Trzcinski e de Ludowik Kossobudzki, nasceu no dia 28 de outubro de 1869 em Plock, província da Mazóvia, na Polônia. A família pertencia à aristocracia rural polonesa e Szymon passou a infância no patrimônio dos avós entre Gósllice e Plock, em cujo liceu cursou o primário. Aos doze anos mudou-se para a capital e estudou no Ginásio Varsoviano. Nessa época surgiram os primeiros sinais da rebeldia do adolescente contra a política oficial de russificação das escolas. Ainda assim concluiu o ginásio e assegurou a matrícula no curso de Medicina da Universidade Imperial Russa de Varsóvia.

Em 1894, no 4º ano da Faculdade, elegeu-se presidente da Associação Estudantil Auxílio Fraterno. Envolvido na política estudantil rebelde à ocupação russa e implicado na redação e distribuição de um manifesto comemorativo do Levante de Varsóvia em 1774, foi desligado da Universidade e encarcerado na fortaleza de Paviak, cujas ruínas no centro de Varsóvia são um sombrio memorial das atrocidades nazistas na Segunda Guerra Mundial. Cumpriu três meses da sentença no cárcere e cinco anos de desterro na cidade de Perm, província oriental de Orel, no Império

Russo. Apesar da situação de exilado político, permitiram-lhe prestar os exames para obtenção do título de doutor na Universidade de Kazan, capital da Tartária. Recebeu o diploma de *medicus cum eximia laude* em 30 de setembro de 1895.

Não podendo regressar à Polônia, pois devia completar o período de exílio, foi mandado a Lipovka para dirigir um pequeno hospital rural. Passou três anos no “ambiente triste e depressivo” que, segundo Checov, era próprio dos hospitais russos. Em setembro de 1899, com trinta anos, voltou a Varsóvia e ligou-se à Faculdade de Medicina da Universidade Imperial como assistente do professor Maksimow. No Hospital Menino Jesus, trabalhou no Serviço Cirúrgico do professor Sawicki, dirigiu a enfermaria São Roque e, depois, o hospital.

De 1901 a 1907 chefiou a Clínica Cirúrgica da Universidade de Varsóvia, mas desejoso de ampliar os horizontes profissionais, foi estudar em Cracóvia, Praga, Breslau, Paris, Berlim e Stuttgart. Ao voltar associou-se a outros colegas para fundar o Instituto Ômega de Cirurgia Experimental e a publicação de muitos trabalhos em polonês, tcheco e russo atestam o alto grau de atividade científica de Kossobudzki na Instituição.

Contudo, as ideias políticas e nacionalistas não estavam adormecidas. Nos hospitais, lutava pela introdução da língua vernácula nos prontuários e receitas, contrariando as normas das autoridades russas de ocupação, e em 1900 filiou-se ao Partido Socialista

de Josef Pilsudzki. Havia choques entre a resistência polonesa e os russos e Kossobudzki comprometeu-se com os nacionalistas, prestando assistência médica aos feridos. Nesse período o primeiro casamento havia se desfeito e ele se uniu à jovem militante socialista Halina Cierpkowska. Por ocasião de um fracassado atentado contra a vida do czar em Varsóvia, a repressão tornou-se rigorosa e, com a prisão de Pilsudzki e outros líderes nacionalistas, Szymon viu-se em perigo e, com trinta e oito anos, encontrou ânimo e expatriou-se novamente. Veio então, com Halina, para o Brasil, onde seu parente Witold Roguski trabalhava como engenheiro na ferrovia Curitiba - Guarapuava.

Chegou no Brasil em março de 1907 e fixou residência em São Mateus do Sul, no Paraná, a convite do farmacêutico da localidade. Bem sucedido na prática médica, tornou-se figura de destaque na colônia polonesa a despeito da posição anticlerical numa comunidade profundamente católica. Travou relações com Francesco Burzio, médico italiano que exercia medicina na cidade vizinha, e em 1911 quando Burzio foi à Itália, Kossobudzki substituiu-o em Ponta Grossa. Em 1912, fundada a Universidade do Paraná, ele vislumbrou a possibilidade de reiniciar a carreira acadêmica que o exílio interrompera e mudou-se para Curitiba. Instalou um consultório junto com Menezes Dória e em 1916 abriu uma Casa de Saúde particular, à rua Vicente Machado. No estabelecimento a atividade cirúrgica era intensa e variada e assim permaneceu até o fechamento por ocasião da volta de Szymon à Polô-

nia, ao término da Primeira Guerra Mundial.

Atuou com brilhantismo na Universidade do Paraná e em 1913 passou a fazer parte do Corpo Clínico da Santa Casa de Misericórdia, quando o chefe do Serviço Cirúrgico era Joaquim Pinto Rebello. Trabalhou na enfermaria São Roque, por coincidência o mesmo patrono da enfermaria do Hospital Menino Jesus de Varsóvia. Em 1916, ao se iniciar o ensino de Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina, foi dada a ele a incumbência. Começou a lecionar, mas apenas em 1918, com o diploma revalidado, foi nomeado catedrático. Szymon pode, portanto, ser considerado o patrono do ensino da Cirurgia na Universidade do Paraná.

Em 1933, foi um dos sócios fundadores da Associação Médica do Paraná e das agremiações que lhe deram origem. Destacou-se em apresentações nas reuniões científicas dessas entidades e publicou algumas dezenas de trabalhos em português nas revistas especializadas brasileiras.

Embora envolvido em intensa atividade na Santa Casa e na Casa de Saúde que fundara, Kossobudzki nunca se alheou da vida da comunidade polonesa e tampouco dos acontecimentos políticos mundiais. Militou permanentemente na imprensa da colônia polonesa e, sempre combativo na defesa de suas ideias, redigiu vários periódicos em polonês, nos quais manteve inúmeras polêmicas anticlericais. Kossobudzki e a esposa Halina foram cultores do teatro. Ele atuou como ator e escreveu peças e poesias. Pertenceu à

maçonaria e em 1927 recebeu o brevê de Cavaleiro Rosa Cruz 18.

Durante a Primeira Guerra Mundial desencadeou-se uma campanha de nacionalização das escolas primárias no sul do país proibindo o uso da língua polonesa, contra o que Kossodudzki manifestou-se na imprensa; parecendo reviver as lutas travadas na juventude em defesa da preservação da língua pátria nos prontuários médicos de Varsóvia.

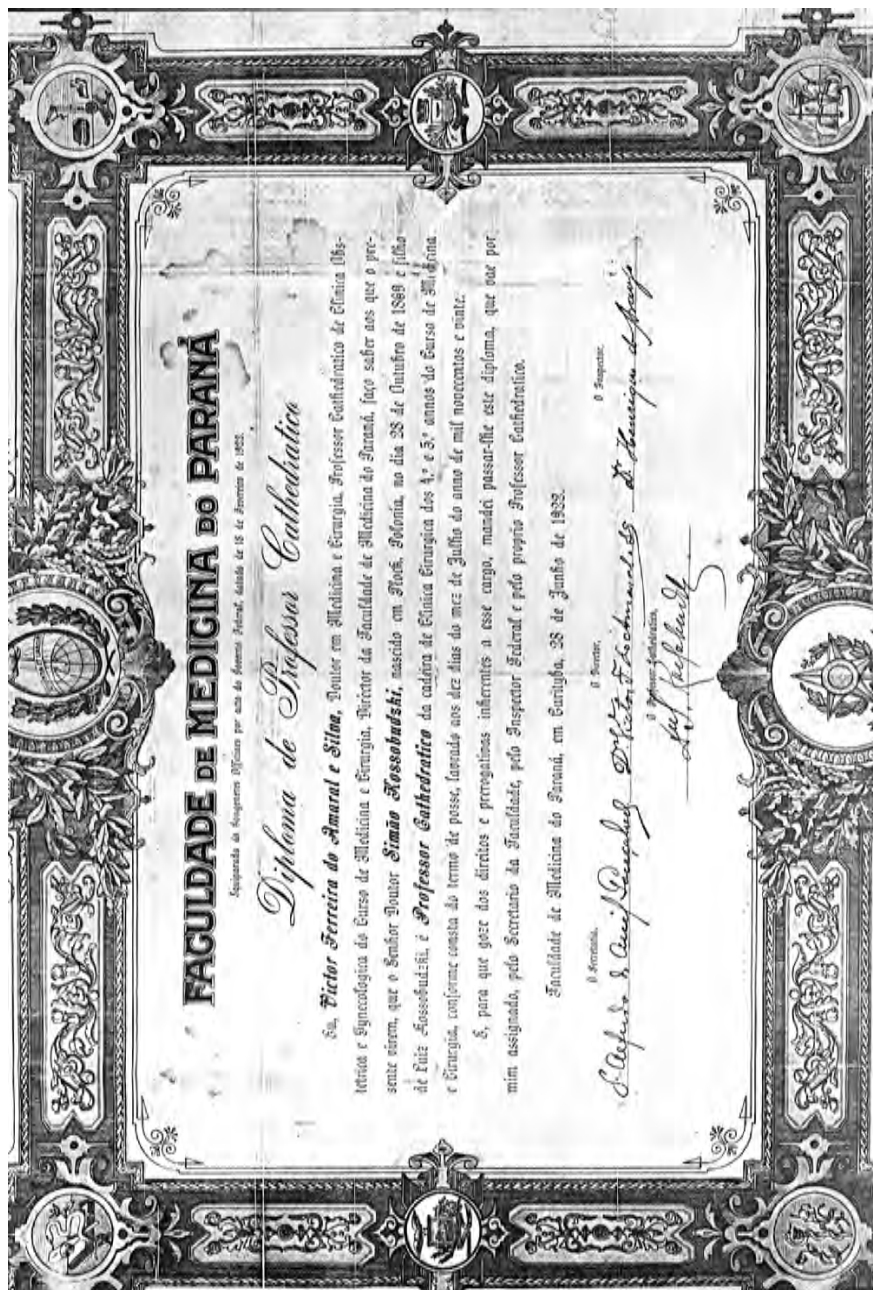
A guerra na Europa previa modificações na geografia política do continente e reavivava a expectativa de restauração da Polônia. Nessa época Szymon foi eleito presidente da União dos Democratas Poloneses da América do Sul e, com o tratado de Versalhes, a restauração de seu país reacendeu nele a esperança de ter na Polônia uma vida digna. Em 1922 licenciou-se da Universidade do Paraná e seguiu com a família para Varsóvia, mas a situação econômica instável e inflacionária tornou inviável a sua permanência lá. Voltou ao Brasil e reassumiu a rotina profissional.

Em 1933 apareceram os primeiros sintomas gástricos iniludíveis do câncer que o levaria em vão a São Paulo na esperança de tratamento cirúrgico. Seis meses depois, no dia 8 de julho de 1934, morreu em Curitiba.

Deixou dois filhos médicos-cirurgiões, Simão Luty e Adam Polan.



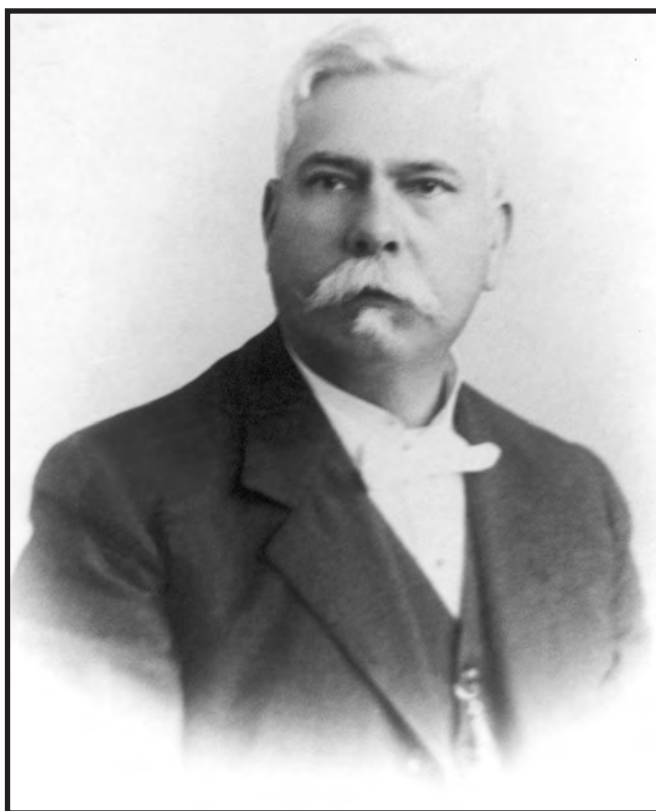
*Por sua formação acadêmica e dedicação ao ensino da Cirurgia, **Szymon Kossobudzki** é considerado seu patrono no Paraná. Na fotografia, feita na década de 1930 na Santa Casa de Curitiba vê-se Kossobudzki executando um ato cirúrgico.*



CADEIRA 49

PATRONO TRAJANO JOAQUIM DOS REIS

1/3/1852 – 12/8/1919



Fundador: HÉLIO GERMINIANI

TRAJANO JOAQUIM DOS REIS

1/3/1852 – 12/8/1919

Trajano Joaquim dos Reis, filho de Emilia Joaquina Pereira e de José Joaquim dos Reis, nasceu em São Felix, Bahia, no dia 1º de março de 1852.

Matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia em 1870. Foi aprovado em concurso como acadêmico-interno de Clínica Médica e encarregado do cuidado clínico dos pacientes da Santa Casa. Em 7 de fevereiro de 1875 obteve o grau de doutor com a tese *Distócia Proveniente do Feto e suas Indicações*, aprovada plenamente, e no mesmo dia casou-se com Josefina Cândida Dormund.

Em 13 de março de 1876 foi nomeado cirurgião do Exército e designado para a guarnição da província do Paraná. Em Curitiba dividia o tempo entre as atividades castrenses e a clínica privada. Em 1877 desligou-se do Exército, decidido a atender integralmente os pacientes que acorriam da cidade e dos arredores, pois sua excelente reputação expandira-se rapidamente. Trajano Reis, desde o princípio da carreira, era adepto do uso medicinal dos elementos da flora. Alcançou extraordinária popularidade e a elegante figura percorrendo as ruas em imponentes montarias tornou-se legendária na cidade.

Sobre ele, assim se expressou o historiador Romário Martins: *O doutor Trajano era uma figura de alta distinção, quer nas suas relações sociais, quer no seu próprio*

aspecto. Alto e forte, de gesto e andar pausado, vestia-se com aprimorada elegância. Fazia a cavalo sua visita diária aos clientes. Usou, algum tempo, cartola cinzenta e guarda-sol da mesma cor, o que era uma singularidade no nosso meio singelo, porém que, nele, todos apreciavam como mais um fino aspecto de sua distinção.

Em 1893, com a saúde exaurida pelo trabalho nas campanhas contra recorrentes epidemias, voltou à Bahia e escreveu *Elementos de Higiene Social* visando, em suas próprias palavras, *elucidar o povo sobre esse poderoso elemento de vida e prosperidade pública*. Reverteu o produto da venda do livro em benefício da assistência aos necessitados. Em 1894, atendendo a inúmeros apelos de amigos e clientes, retornou a Curitiba e continuou a benfazeja atividade clínica como médico das famílias curitibanas.

Em março de 1882 elegeu-se deputado da Assembleia Provincial para o biênio 1882-1883 e na mesma época era camarista e presidente da Câmara Municipal. Em 1899 foi nomeado inspetor de Higiene do Paraná, cargo que ocupou nos dois mandatos de Xavier da Silva. Em 1915 elegeu-se deputado estadual e em 1916 presidiu o Congresso Estadual e chefiou o Serviço Sanitário do Estado. Em 1918 reelegeu-se deputado estadual.

Dedicado a instituições beneméritas, em 1902 foi um dos fundadores do Grande Oriente Maçônico do Paraná. Durante muitos anos foi grão-mestre, tendo pertencido à loja Apóstolo da Caridade e, depois, à loja 27 de Dezembro.

A municipalidade homenageou-o dando seu nome

a vias públicas. Em 1883 a rua entre a da Imperatriz e a estrada de ferro, atual Barão do Rio Branco, foi denominada Doutor Trajano pelo prefeito Oliveira Bello. Após sua morte, em agosto de 1919, a rua em que primeiro residiu em Curitiba passou a denominar-se Trajano Reis e é assim chamada até hoje.

Deixou um filho médico, Jayme Dormund dos Reis.



*Retrato com colar de grão-mestre do Grande Oriente do Paraná, **Trajano Joaquim dos Reis**, desenho de Augusto Stresser.*

CADEIRA 50

PATRONO

VICTOR FERREIRA DO AMARAL E SILVA

9/12/1862 – 2/2/1953



Fundador: LAERTE JUSTINO DE OLIVEIRA

VICTOR FERREIRA DO AMARAL E SILVA

9/12/1862 – 2/2/1953

Victor Ferreira do Amaral e Silva, filho de Julia Moreira do Amaral e de Serafim Ferreira de Oliveira e Silva, nasceu no dia 9 de dezembro de 1862 na Fazenda Sant'Ana, na Lapa. Aos nove anos foi internado em Curitiba no colégio do professor alemão Jacob Müller e aos onze anos foi para o Rio de Janeiro cursar Humanidades no famoso colégio Abílio. Ali conviveu com Raul Pompéia, Olavo Bilac, Luiz Murat e Dias da Rocha e laureou-se com medalha de ouro. Em 1878 entrou na Faculdade de Medicina e graduou-se em 1884. Com a tese *Influência da Prenhez Sobre as Moléstias Pulmonares* obteve o grau de doutor, que recebeu das mãos do Imperador Dom Pedro II em 24 de dezembro de 1884.

Em 1885 começou a atender no consultório instalado na Farmácia do Chico Carvalho à rua Doutor Murici, em Curitiba, e também exerceu por alguns anos as funções de médico-adjunto do Exército.

Sempre demonstrou interesse e vocação para o ensino e por muito tempo lecionou francês no Liceu Paranaense, depois chamado de Ginásio Paranaense. De 1893 a 1894 ocupou o cargo de superintendente do ensino público. De 1900 a 1904 foi Diretor Geral de instrução pública. Em sua gestão lançou a pedra fundamental e presidiu a cerimônia de inauguração

do edifício do Ginásio Paranaense, à rua Ébano Pereira, hoje ocupado pela Secretaria de Cultura.

Pertenceu ao Clube Republicano desde 1887. Em 1890, logo após a proclamação do novo regime, tomou parte da primeira Câmara Municipal de Curitiba. Em 1892 elegeu-se deputado estadual e participou da elaboração da Constituição Estadual.

Foi reeleito deputado estadual em 1906, 1907 e 1908, mandato exercido simultaneamente ao de deputado federal. Na Câmara Federal apresentou um importante projeto instituindo o ensino superior de agricultura no Brasil, assunto sobre o qual muito se interessava. Em 1897 fundou a Sociedade de Agricultura do Paraná e promoveu a Exposição Industrial Paranaense com grande sucesso. Em 1903, a pedido da Sociedade Nacional de Agricultura, escreveu a monografia *Herva Mate ou Chá do Paraná*, considerada a primeira obra de valor sobre o assunto.

No quadriênio 1900-1904 elegeu-se vice-governador do Estado, na chapa de Francisco Xavier da Silva.

Em decorrência das atividades políticas militou na imprensa, como redator-chefe e foi um dos fundadores do jornal *Diário do Paraná*.

Durante os anos de 1893 e 1894, no posto de capitão-médico da Guarda Nacional, prestou assistência aos feridos no Hospital Militar. Em 1897 foi nomeado médico-legista e trabalhava no necrotério da Santa Casa. Na administração do presidente Caetano Munhoz da Rocha assumiu a Diretoria Geral de Saúde Pública do Paraná e desenvolveu importantes ações

sanitárias nas epidemias de febre tifoide em Curitiba em 1917, na de gripe espanhola em 1918 em várias cidades e na de peste bubônica em Paranaguá em 1926.

Efetivou-se no Corpo Clínico da Santa Casa de Misericórdia em 1897. Na ocasião apenas Antonio Rodolfo Lemos e João Evangelista Espíndola prestavam assistência aos indigentes. Integrado no Hospital de Caridade, nele serviu por trinta e cinco anos, cabendo-lhe, depois, a chefia da enfermaria de Ginecologia. Preocupava-o a falta de uma maternidade que atendesse as parturientes necessitadas e em 1908 fez um generoso donativo à Santa Casa para tal fim. Em 1930, com a inauguração da Maternidade do Paraná pela Universidade, ele transferiu para lá a cadeira e a clínica e deixou a Santa Casa.

Victor do Amaral foi uma importante figura nas áreas social, médica e política paranaense, mas é indiscutível que seu nome destaca-se acima de tudo pelo papel que teve ao fundar e consolidar a Universidade do Paraná.

A Universidade do Paraná, quem nos diz é o próprio Victor do Amaral, *surgiu quase ex-abrupto, e sem grande período de incubação - foi o produto de um gesto quase impulsivo, uma obra de audácia - audentes fortuna juvat*. Em 1912, vislumbrando as possibilidades que a Lei Orgânica do Ensino referendada por Rivadávia Correia oferecia à criação de cursos superiores, um grupo de intelectuais, como Nilo Cairo, Hugo Simas, Euclides Bevilaqua e Daltro Filho, liderado por Victor do Amaral resolveu criar a primeira uni-

versidade brasileira. Em 19 de dezembro do mesmo ano, com o apoio de Carlos Cavalcanti, presidente do Estado, a Universidade foi solenemente instalada no edifício do Congresso Legislativo do Paraná. A história e as vicissitudes da Instituição são conhecidas e marcaram uma nova fase na vida cultural e política do Paraná. O curso de Medicina começou a funcionar em 1914 e teve onze alunos matriculados que se formaram em 1919. Victor do Amaral preocupou-se em instituir a Maternidade do Paraná, em agosto de 1914, para atender as classes carentes e oferecer oportunidade de ensino às alunas do curso de Obstetrícia. Para o ensino das cadeiras clínicas da Faculdade de Medicina, Victor do Amaral, chefe da enfermaria de Ginecologia da Santa Casa, obteve a cooperação da Irmandade.

A partir de 1916 o Hospital de Caridade e o Hospital Psiquiátrico Nossa Senhora da Luz franquearam as enfermarias ao ensino prático, o que se estendeu até 1961 quando foi inaugurado o Hospital de Clínicas da já federalizada Universidade.

O papel de Victor do Amaral foi decisivo para manter em funcionamento a Faculdade de Medicina do Paraná, que surgiu quando as exigências da nova lei de ensino superior de 25 de maio de 1918 levaram à extinção da Universidade e à sua substituição por faculdades isoladas de Medicina, Engenharia e Direito. Na Faculdade de Medicina, Victor do Amaral continuou regendo a cadeira de Ginecologia e Obstetrícia para a qual fora eleito na constituição da primeira

Congregação universitária. Em 1923 a disciplina foi desdobrada, cabendo-lhe a Obstetrícia e a Miguel Isaacson a Clínica Ginecológica. Dirigiu a Faculdade de Medicina até a restauração da Universidade em 1947, quando voltou a ser reitor. Na direção da Faculdade foi o *anima e cuore* e principal responsável pela sobrevivência da Instituição. A Universidade do Paraná foi, como o próprio Victor ressaltou, uma obra de audácia, mas a audácia cobrou seu preço. Passada a fase propícia da lei Rivadavia, vieram os prosaicos obstáculos da lei Carlos Maximiliano e urgia manter em funcionamento o sem-número de cadeiras para as quais não havia professores qualificados. Vencer o derrotismo e a inveja profissional e, ainda, comprovar um patrimônio que mal existia, Victor do Amaral a tudo enfrentou com pertinácia, movendo-se politicamente no plano federal, recrutando improvisados catedráticos e avalizando títulos de liquidez duvidosa. Salvou a Faculdade e a Universidade.

Ele também sempre se preocupou em criar condições para o ensino prático de Obstetrícia e a primeira Maternidade foi instalada em 1914, no edifício original da Universidade do Paraná, que mudara para o prédio da praça Santos Andrade. Em 1916 a Maternidade foi transferida para um imóvel mais adequado, à avenida Sete de Setembro e lá funcionou até 1930, quando foi inaugurada a Maternidade da avenida Iguaçu. Finalmente, em 1961 o ensino passou a ser administrado em prédio anexo ao Hospital de Clínicas.

A liderança de Victor do Amaral na cátedra foi

sempre aceita com naturalidade, dado ao prestígio que tinha no panorama nacional da Tocoginecologia e ao respeito de que era alvo na Universidade. Sempre teve um grupo de diligentes auxiliares, entre os quais dois de seus filhos, Victor, que o sucedeu, e Milton Ferreira do Amaral.

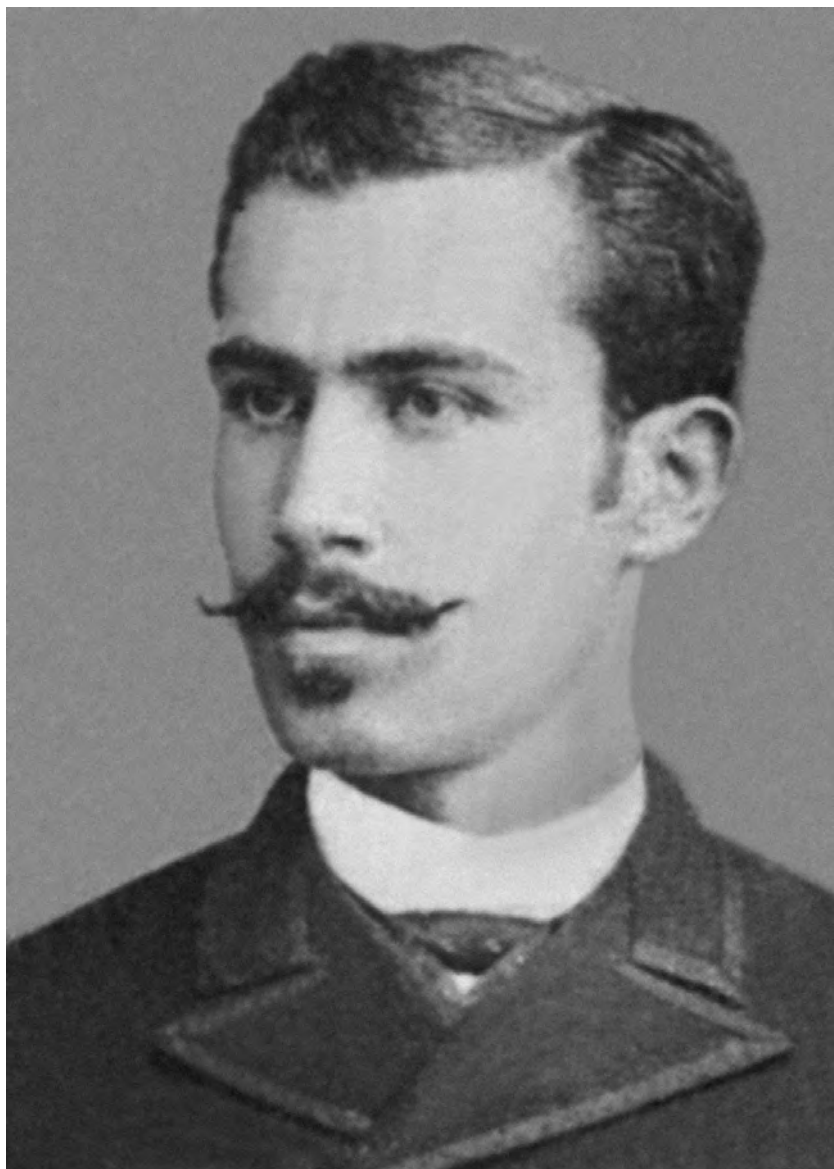
Na direção da Faculdade de Medicina, em tempos difíceis e nos de bonança, soube ser firme e tranquilo mostrando pertinácia admirável, sem nunca perder a equanimidade.

Fez muitas viagens de estudo à Europa e estagiou em Paris nos renomados Serviços de Baudelocque e Tarnier. Em 1930, convidado pelo governo da Polônia a visitar o país, foi condecorado com a Ordem da *Polônia Restituta* em reconhecimento ao auxílio que prestou aos professores poloneses que atuaram na Universidade do Paraná.

A Cruz Vermelha Brasileira tornou-o membro honorário da filial do Paraná por ter criado em 1914 o curso de Enfermeiras Socorristas de Guerra e várias organizações científicas e culturais distinguiram-no com outras honrarias.

Educador preocupado com a cultura física da juventude trouxe do Rio de Janeiro, em 1904, a primeira bola de futebol que deu aos alunos do Ginásio Paranaense. Com ela foi disputada a primeira partida do esporte no Paraná.

Morreu no dia 2 de fevereiro de 1953 aos noventa e um anos de idade.



*Imagem pouco conhecida de **Victor do Amaral**, fotografado no dia de sua formatura no Rio de Janeiro, em 1884.*



*Primeira diretoria da Universidade do Paraná, aclamada em 19 de dezembro de 1912. Sentados, ao centro o diretor **Victor do Amaral**; à sua esquerda, o vice-diretor Euclides Bevilaqua e, à direita, o secretário, Nilo Cairo. De pé, à esquerda o tesoureiro João Soares Barcellos, ao centro o subsecretário Daltro Filho e à direita o bibliotecário Hugo Gutierrez Simas.*

CADEIRA 51

PATRONO
ANTERO SADY PIZZATO

3/1/1915 – 22/1/2002



Fundador: Roberto Carderelli

ANTERO SADY PIZZATO

3/1/1915 – 22/1/2002

Antero Sady Pizzato nasceu em Araucária, Paraná, em 3 de janeiro de 1915, filho de Cândida Boneto e Pedro Nolasco Pizzato.

A educação fundamental foi realizada em Araucária. Concluindo os estudos ginasiais em Curitiba, matriculou-se na Faculdade de Medicina do Paraná, pela qual se graduou em 1938. Durante o curso médico revelou interesse particular pela área da Cancerologia, especialmente das aplicações da Radiologia e Radioterapia. Aproximou-se, ainda acadêmico de Medicina, de Erasto Gaertner, catedrático de Urologia que se empenhava no combate ao câncer no Instituto de Medicina e Cirurgia do Paraná.

Terminou o curso médico às vésperas da Segunda Grande Guerra, o que dificultou seus planos de aperfeiçoamento pós-graduado. Dirigiu-se, entretanto, a Buenos Aires, naquela época um centro médico considerado mais avançado do que os brasileiros e frequentou centros de excelência nas especialidades às quais pretendia se dedicar.

Logo após sua volta a Curitiba fundou, em 1940, a Clínica de Tumores no Instituto de Medicina e Cirurgia do Paraná, o qual acabara de se transferir para a sede própria no alto da Rua XV de Novembro. A clínica foi o ponto de partida para a fundação da Liga Para-

naense de Combate ao Câncer fundada em 1947 por um grupo de médicos ligados ao Instituto de Medicina e Cirurgia do Paraná tendo à frente Erasto Gaertner e Antero Sady Pizzato. O grupo de médicos reunidos no Instituto de Medicina e Cirurgia sempre manteve o ideal de construir um grande hospital destinado ao combate ao câncer. O projeto começou a se tornar realidade em 1952, quando Erasto Gaertner, então prefeito de Curitiba, doou à liga um terreno adequado. Pizzato foi presidente da comissão que dirigiu a construção do Hospital de 1955 a 1972, quando foi inaugurado e recebeu o nome de Hospital Erasto Gaertner.

A Rede Feminina de Combate ao Câncer, criada em 1954 pela sra. Anita Mehry Gaertner, teve em Sady e sua esposa Edith Rocha Pizzato grandes entusiastas e eficientes colaboradores, expandindo sua ação a Ponta Grossa e outras cidades interioranas.

A longa e profícua atuação prática de Sady Pizzato tornou-o conhecido e respeitado entre os cancerologistas brasileiros. Em 1983 recebeu medalha de honra ao mérito da Cruzada Pioneira de Combate ao Câncer, em Salvador. Foi elevado a membro emérito da Sociedade Brasileira de Cancerologia em 1990 e recebeu a medalha Professor Mario Kroefe, da mesma Sociedade em 1991.

Foi participante ativo da vida social da classe médica, tendo sido tesoureiro da Associação Médica do Paraná em 1966, na gestão de Gastão Pereira da Cunha.

Em 1998 o Conselho Regional de Medicina do Paraná prestou-lhe a homenagem especial que cabe aos que completam cinquenta anos de exercício profissio-

nal sem nenhuma infração ética.

Talvez o que sintetize o agradecimento da comunidade curitibana a seu trabalho médico e filantrópico foi a inauguração, em 1995, no Hospital Erasto Gaertner, de seu busto, com a inscrição: *uma vida dedicada a este Hospital*.

Dois de seus filhos, Luiz Pedro Pizzato e Raul Fernando Pizzato são médicos e dedicam-se à especialidade paterna.

Faleceu em 22 de janeiro de 2002 aos 87 anos de idade.



*Colegas da turma de 1938 da Faculdade de Medicina do Paraná:
Antero Sady Pizzato, Ernani Simas Alves, Moysés Paciornik e
Arnoldo Boscardin*

CADEIRA 52

PATRONO
CARLOS CUNHA
2/11/1905 – 6/8/2000



Fundador: SÉRGIO BICHAT DE ALMEIDA RODRIGUES

CARLOS CUNHA

2/11/1905 – 6/8/2000

Carlos Cunha era membro de uma família típica do Paraná tradicional. Seus pais foram Eurídes Cunha e Maria José Vieira da Costa. Eurides Cunha, fazendeiro na região de Jaguariaíva, foi prefeito municipal e, depois, vice-governador do Estado. Carlos nasceu na Fazenda Samambaia em 2 de novembro 1905. Terminou os estudos secundários em Curitiba e matriculou-se na Faculdade de Medicina do Paraná. Juntamente com muitos colegas transferiu-se, após o primeiro ano, para a Faculdade Nacional de Medicina, no Rio de Janeiro, pela qual colou grau em 1930. Voltou a Curitiba, onde se radicou definitivamente e iniciou a vida profissional. Interessado na área de Radiologia e Radioterapia, que eram pouco desenvolvidas em Curitiba, ligou-se à Faculdade de Medicina, na qual foi admitido como professor assistente de Clínica Dermatológica e Sifiligráfica em 1936. Em 1937 obteve o título de livre-docente da cadeira, o que o habilitou, no ano de 1938, a substituir o professor Luiz Osmundo Medeiros. O curso de Dermatologia e Sifiligrafia era ministrado na Santa Casa e Carlos Cunha permaneceu na regência até 1946. Em 1947 a cadeira foi conquistada em concurso público de títulos e provas por Ruy Noronha Miranda. Carlos Cunha passou a colaborar estreitamente no ensino da cadeira, que continuou a funcionar na Santa Casa até 1957. Neste ano foi terminada a construção da Policlí-

nica Professor Garcez do Nascimento, para onde se transferiu o curso, permaneceu até a transferência para o Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná, em 1962. As dependências da Dermatologia passaram a sediar o Centro de Estudos Leprológicos, de cujos trabalhos e pesquisas Carlos Cunha continuou a participar ativamente.

A orientação da cadeira de Dermatologia e Sifilografia que foi adotada por Ruy Noronha Miranda caracterizou-se pela seriedade e rigor no ensino e nas pesquisas, notadamente na área da Leprologia encontrou em Carlos Cunha um colaborador assíduo, leal e dedicado. Não obstante, sempre demonstrou personalidade austera, mesclada com a tolerância que é típica dos homens do meio rural do Paraná tradicional, ao qual o prendiam raízes familiares.

Uma passagem pitoresca, lembrada por Acir Rachid, antigo aluno, depois colega na Universidade bem ilustra sua bonomia. Em situação atípica e angustiante, o quartanista, no exame final de Anatomia Patológica só escapou da reprovação pelo rigoroso catedrático pela sugestão bondosa de Carlos Cunha: *Dê-lhe uma segunda chance...*

Por certo em sua longa vida profissional, fiel à sua tolerante filosofia, Carlos Cunha muitas vezes deu uma segunda chance.

Fora da Universidade sua vida profissional foi intensa e variada.

Durante muitos anos foi médico dos ferroviários federais do Paraná, atendendo-os na capital e ao lon-

go das linhas, em uma assistência extremamente útil. Permaneceu no Serviço Médico do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Ferroviários e Empregados em Serviços Públicos até sua aposentadoria.

Em Curitiba foi um dos primeiros médicos a se dedicar à Radioterapia, instalando um Serviço especializado na Casa de Saúde São Vicente.

Publicou, juntamente com Ruy Noronha Miranda, como co-autor, o livro *Urgências Dermatológicas e Estomatológicas no Paraná*, em 1977.

Entre seus filhos, três escolheram a profissão médica: Carlos Alberto, Clínico-Geral, Eurides Cunha Neto, radiologista e Luiz Antonio Munhoz Cunha, ortopedista, professor titular da UFPR..

Faleceu em 6 de agosto de 2000 aos 95 anos de idade.



Carlos Cunha acompanhado da esposa Laura Munhoz Cunha e do filho Luiz Antonio Munhoz Cunha e nora Luciana Loyola Cunha

CADEIRA 53

PATRONO
CARLOS ESTRELLA MOREIRA
10/1/1897 – 23/4/1991



Fundador: ACELINO CORREA BUENO FILHO

CARLOS ESTRELLA MOREIRA

10/1/1897 – 23/4/1991

Carlos Estrella Moreira nasceu em Curitiba, Paraná, em 10 de janeiro de 1897, filho de Fernando Augusto Moreira e Rita Estrella. Fernando Augusto Moreira, natural de Rio Preto, Minas Gerais, foi educador e um dos idealizadores da Universidade do Paraná e tronco de ilustre linhagem familiar em nossa cidade.

Terminados os estudos fundamentais sob orientação paterna, Carlos Moreira ingressou na Faculdade de Medicina do Paraná em 1916, onde cursou os dois primeiros anos. Transferiu-se para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e colou grau em 1921. Realizou curso de pós-graduação na Policlínica Geral do Rio de Janeiro nas especialidades de Oftalmo e Otorrinolaringologia com os professores Moura Brasil, Gabriel de Andrade e Augusto Linhares, durante o ano de 1922.

Retornando a Curitiba vinculou-se definitivamente à Faculdade de Medicina. Em 1926 tornou-se livre-docente de Anatomia no curso de Odontologia, com a tese *Anatomia da Íris*. Em 1928 foi empossado como catedrático da 2ª Cadeira de Anatomia Humana da Faculdade de Medicina, por concurso no qual apresentou a tese *Anatomia do Nervo Coclear e do Nervo Vestibular*. Organizou o Museu Anatômico da Faculdade de Medicina, formado por modelos em cera, que

havia sido importados de Paris em 1913 e por peças preparadas com maestria por Domingos Lukaszewicz. Lukaszewicz foi um exímio técnico polonês que imigrou para Curitiba na década de 1920. Por vinte anos o ensino da Anatomia Humana no curso de Medicina foi lecionado paralelamente a duas turmas do primeiro ano, pelos professores Moreira e Pereira de Macedo, até a aposentadoria deste, em 1953. Moreira continuou no ensino universitário até seu jubileamento, em 1967. A Faculdade de Medicina do Paraná e, depois, a Universidade Federal do Paraná tiveram em Carlos Moreira um servidor modelar. Além das funções didáticas exerceu a Secretaria da Faculdade de Medicina e foi diretor-substituto na gestão de Anchieta Marques de Faria. Foi decano dos Conselhos da Faculdade de Medicina e da Universidade. Em 1978 o Conselho Universitário concedeu-lhe o título de Professor Emérito.

Em 1956 um grupo de ex-alunos fundou o Grêmio Científico Carlos Moreira, para incentivar o estudo da Anatomia, que funcionou por muitos anos.

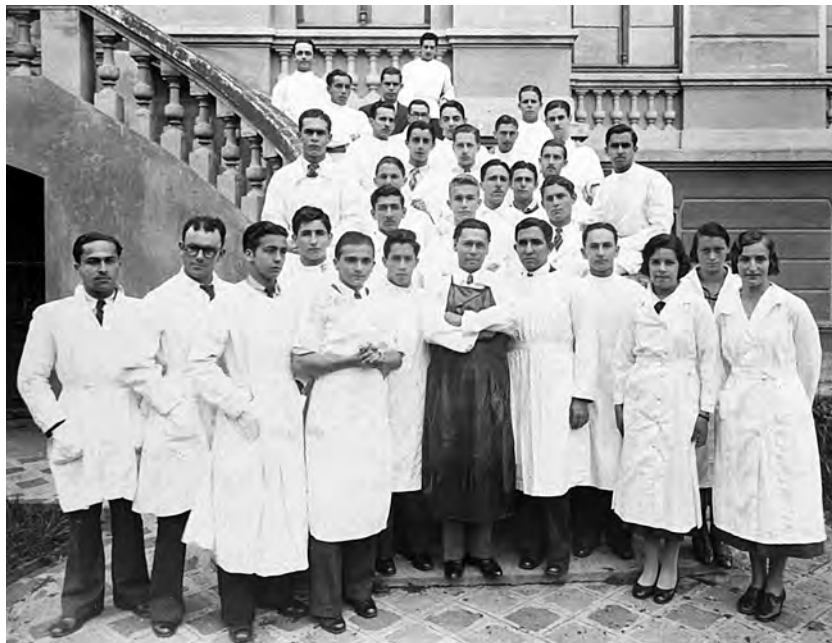
Sua atividade clínica desenvolveu-se em consultório particular no qual atendeu por muitos anos vasta clientela. Foi médico do ambulatório do Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Ferroviários e Empregados do Serviço Público durante 28 anos.

Como continuador de seu pai Fernando Augusto Moreira, Carlos representou um elo de continuidade na atuação da família na Universidade Federal do Paraná e na Medicina em Curitiba. Três de seus

filho foram médicos. Fernando Moreira, otorrinolaringologista radicado no Rio de Janeiro, Milton Baggio Moreira, professor titular de Neurologia da Faculdade Evangélica de Medicina e professor adjunto de Neuroanatomia da Universidade Federal do Paraná, Carlos Augusto Moreira, professor titular de Oftalmologia na Universidade Federal do Paraná e da Faculdade Evangélica de Medicina do Paraná. Carlos Augusto Moreira foi o segundo Titular da cadeira nº. 28 da Academia Paranaense de Medicina. A descendência de Carlos Esrella Moreira continua ativa na vida médica e universitária: Seu neto Carlos Augusto Moreira Júnior, professor titular de Oftalmologia e Reitor da Universidade Federal do Paraná. Seus irmãos Hamilton e Luciane também se dedicam à Oftalmologia.

Fora da Medicina Carlos Moreira contribuiu para obras de assistência social, ocupando por longos anos a vice-presidência da Sociedade de Socorro aos Necessitados.

Faleceu em 23 de abril de 1991 aos 94 anos de idade.



***Carlos Estrella Moreira**, ao centro, ladeado por estudantes da turma de 1935 da Faculdade de Medicina do Paraná.*

CADEIRA 54

PATRONO
CÉSAR BELTRÃO PERNETTA

11/10/1906 – 6/3/1993



Fundador: JOÃO DIAS AYRES
2º Titular: MINAO OKAWA

CÉSAR BELTRÃO PERNETTA

11/10/1906 – 6/3/1993

César Beltrão Pernetta nasceu em Curitiba, Paraná, em 11 de outubro de 1906, filho de João David Pernetta e Laura Beltrão Pernetta.

A família Pernetta no Paraná foi formada pelos descendentes do imigrante cristão-novo Antonio José Antunes que se fixou no Rio de Janeiro. Seu filho Francisco David Antunes veio para Curitiba aos doze anos de idade e aqui estabeleceu-se como comerciante. Conhecido pela alcunha de pernetta, espontaneamente obteve mudança de seu nome de família para Pernetta. Seu filho João David Pernetta foi engenheiro e professor da Universidade do Paraná, deputado estadual e federal e um dos fundadores do positivismo no Paraná. Laura Beltrão, filha do desembargador pernambucano Francisco Cunha Machado Beltrão e sua esposa Rosa Branca Correia Gutierrez era membro de tradicional família paranaense.

Durante o curso secundário, César distinguiu-se como aluno brilhante do Ginásio Paranaense. Em seguida matriculou-se na Faculdade de Medicina do Paraná, pela qual obteve o grau de doutor em Medicina em 1929. Recebeu a medalha Nilo Cairo, concedida ao melhor aluno da turma. À época não era mais exigida defesa de tese ao fim do curso médico, mas César

defendeu tese sobre *Anorexia do Latente*, aprovada com distinção, e demonstrava seu interesse especial pela Pediatria. Estava também decidido a dedicar-se ao ensino universitário, tanto que poucos meses após concluir o curso, em março de 1930, submeteu-se a concurso público para regência da cátedra de Patologia Geral da Faculdade de Medicina do Paraná. Para o concurso, a tese de livre escolha foi *Papel da Idade na Patologia Geral*, e a tese sorteada foi *Doença, Afecção e Diathese; seu conceito atual*. Ao mesmo tempo em que iniciava a carreira acadêmica fazia-o na prática profissional, tendo sido nomeado médico do Hospital de Crianças de Curitiba. Coube-lhe a responsabilidade pelo primeiro ambulatório e, depois, pela primeira enfermaria do recém-criado Hospital. No mesmo ano foi convidado por Raul da Costa Carneiro, catedrático de Clínica Pediátrica da Faculdade de Medicina do Paraná, para o cargo de médico-efetivo do Instituto da Criança, à Rua Comendador Araújo, instalado no prédio que fora a primeira sede da Universidade do Paraná. Embora muito jovem, exercia papel de liderança no meio médico curitibano, como demonstra a fundação, em 25 de março de 1934, da Sociedade de Pediatria do Paraná. O convite aos interessados foi feito em seu nome, de Homero de Mello Braga e Júlio Moreira. Não obstante seu prestígio em Curitiba e na Faculdade de Medicina, resolveu transferir-se para o Rio de Janeiro, capital federal e grande centro médico e cultural. Buscava horizontes mais amplos, além de fugir do clima curitibano, desfavorável à sua

fragilidade física (*sua aparência frágil escondia uma fortaleza*, diria, mais tarde. sua sobrinha Laura Pernetta Almeida). Para enfrentar as dificuldades que, por certo, o aguardavam no Rio de Janeiro decidiu-se pelo áspero caminho de expor publicamente sua capacidade, em concursos universitários. Assim, já em dezembro de 1935, quando ainda residia em Curitiba, obteve o título de docente-livre de Clínica Pediátrica Médica e Higiene Infantil da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil,. No mesmo mês recebeu o título de docente-livre da mesma cadeira da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Credenciado pelos títulos obtidos na capital federal decide-se a enfrentar o desafio de candidatar-se à docência de Pediatria na Universidade de São Paulo, submetendo-se às provas em fevereiro de 1937, juntamente com Pedro de Alcântara Machado. Os dois candidatos foram aprovados, com elogiosas referências da Comissão Julgadora. Em 1939 transferiu-se de Curitiba para o Rio de Janeiro. Prestou concurso para a cadeira de Pediatria da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, sua grande aspiração. Apresentou a tese *Etio-Patogenia do Eritema Nodoso na Infância*. Não alcançou o objetivo. Foi aprovado em segundo lugar, sendo vencedor Martinho da Rocha. Na ocasião, Mario Olinto de Oliveira, membro da Comissão Julgadora, convidou-o para chefiar a Residência Médica do Hospital Artur Bernardes, (atual Instituto Fernandes Figueira) órgão do Departamento Nacional de Saúde. Aceito o convite, César passou a residir no próprio

Hospital. Ali permaneceu até 1945.

Em 1947 prestou concurso para a cátedra de Clínica Pediátrica Médica da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, sendo um dos candidatos aprovados. Em 1948 foi nomeado catedrático de Puericultura e Clínica da Primeira Infância da Faculdade Fluminense de Medicina, após concurso. Em 1960 foi designado professor de Clínica Médica e Patologia do Recém-Nascido do curso básico de Saúde Pública do Ministério da Saúde. A carreira universitária de César Pernetta culminou com a transferência, em 1969, da Faculdade Fluminense para a Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em reconhecimento de seus títulos e trabalhos. A transferência constitui uma rara exceção na história da chamada Faculdade Nacional de Medicina. Depois da maratona de concursos a que se submeteu em sua vida, concretizou sua maior aspiração por uma honrosa deferência da Congregação, o que só ocorreu duas vezes naquele século.

Permaneceu à frente da cadeira de Pediatria e Puericultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro até sua jubilação em 1976. Durante todo esse tempo chefou o Departamento de Pediatria e de 1969 a 1972 foi diretor do Instituto Martagão Gesteira.

No ano seguinte à sua aposentadoria, em 1977, exerceu a posição de professor consultante do Instituto Materno-Infantil de Pernambuco, em Recife.

Sua volta a Curitiba não encerrou a atividade didática, tendo pronunciado conferências, participado

de congressos e se dedicado à revisão de alguns de seus livros.

No ambiente familiar, viveu seus últimos anos, cercado de carinho e prestígio de seus antigos discípulos e recebendo homenagens que se somaram a tantas outras que foram rendidas ao longo de sua vitoriosa trajetória de vida. Da Prefeitura de Curitiba recebeu Diploma de Mérito, em 1986. No mesmo ano Diploma de Mérito Ético-Profissional foi conferido pelo Conselho Regional de Medicina. A Academia Paranaense de Medicina o fez membro honorário em 1988. O Ministério da Saúde conferiu-lhe a Comenda da Ordem do Mérito Médico por indicação da Universidade do Rio de Janeiro, ainda em 1988.

Necessitando de tratamento cirúrgico especializado foi obrigado a deixar Curitiba e voltar ao Rio de Janeiro, mas voltou a sua terra, onde após longo sofrimento, faleceu em 6 de março de 1993, aos 87 anos de idade.

A figura humana de César Beltrão Pernetta oferece várias faces pelas quais se podem contemplar a natureza multifacetada de seu talento.

No meio médico e estudantil de sua terra natal sempre correu a fama de seu brilhantismo didático, decantado por quantos tiveram oportunidade de ouvir-lhe as aulas, preleções, conferências ou simples diálogos ao pé do leito. Impressionava a todos o contraste entre sua débil figura, a maciez de sua fala e a clareza da exposição, o poder dialético de convencimento e a inefável sedução que exercia sobre o au-

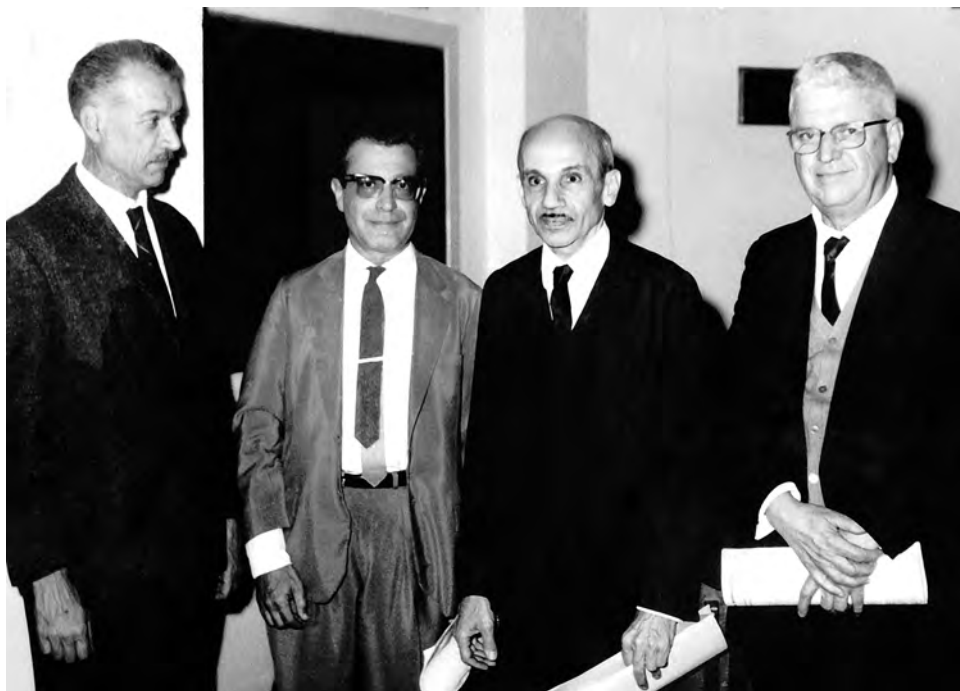
ditório. Estas qualidades são ressaltadas por quantos tenham dado depoimentos sobre sua vida, desde seus alunos, colegas e amigos, grandes figuras acadêmicas, entre as quais muitos dos competidores nos inúmeros concursos que prestou, os quais, em regra, se tornaram amigos.

Seu talento didático manifestou-se, também, na transmissão escrita dos conhecimentos. Fixou suas lições em textos excelentes. Sua obra escrita inclui teses, livros, artigos científicos, conferências e outras publicações avulsas. Seu empenho especial em difundir ensinamentos sobre a alimentação e nutrição da criança levou à publicação de dois consagrados manuais: *Alimentação do Lactente Sadio e Alimentação da Criança*. Nos livros *Distúrbios do Intercâmbio Nutritivo do Lactente e Enterite Aguda na Criança* foram abordados temas patológicos do assunto. *Terapêutica Infantil e Terapêutica Pediátrica* saíram em múltiplas edições, de 1954 a 1987. O tratado *Semiologia Infantil* aparecido em 1957 teve três edições, seguidas do *Semiologia Pediátrica*, de 1980. Ainda no campo propedêutico escreveu o *Diagnóstico Diferencial em Pediatria* cuja 1ª edição foi de 1968. Expôs sua filosofia sobre a educação infantil no *Amor e Liberdade na Educação da Criança* publicado em 1982, reeditado três vezes. Tinha, sem dúvida, autoridade para escrever o livreto *Redação de Trabalhos Médicos*, que apareceu em 1971. Sua última publicação, em 1992, foi *Paracelso* um esboço da vida e obra do alquimista. A produção de artigos na imprensa médica foi, tam-

bém, riquíssima, iniciou-se logo depois do início de sua vida médica em Curitiba e se alongou até o final de suas atividades. Abrangeu os mais variados assuntos da Pediatria e Puericultura. Cabe ressaltar, entre tantos, os artigos *Pelagra na 1ª Infância*, publicado no Rio de Janeiro, tendo Helio de Martino como colaborador e *Kwashiorkor oder Kindliche Pellagra* que apareceu no *Münchener Medizinische Wochenschrift* 98:31,1956.

A grande influência de César Pernetta no meio universitário e pediátrico brasileiro é referida como “A Era Pernetta”, valorizando o papel que teve na formação de discípulos em todo o Brasil. Na Sociedade Brasileira de Pediatria, no Rio de Janeiro, teve marcada atuação, tendo exercido a presidência em 1942-1943. Apresentou, então, os resultados do soro citrocloreto na reidratação oral, que havia introduzido no Hospital de Crianças em Curitiba. Este método terapêutico foi amplamente aprovado e atingiu quase todos os Serviços de Pediatria do país, ficando conhecido como Soro Pernetta. A importância da reidratação oral no combate à mortalidade infantil é um dos instrumentos de que se valem as campanhas sanitárias, como as da Pastoral da Criança, iniciativa da Dra. Zilda Arns Neumann, antiga médica pediatra do Hospital César Pernetta.

A Academia Brasileira de Pediatria o homenageou fazendo-o Patrono da cadeira nº 11, cujo primeiro titular foi Eduardo de Almeida Rego Filho.



***César Beltrão Pernetta**, em Curitiba, ladeado de colegas. Da esquerda para a direita: Azor de Oliveira e Cruz, Jayme Drummond de Carvalho, César Beltrão Pernetta e Álvaro Pinto.*

CADEIRA 55

PATRONO
JOÃO ERNANI BETTEGA

22/9/1916 – 28/1/1992



Fundador: MARIO LINS PEIXOTO

JOÃO ERNANI BETTEGA

22/9/1916 – 28/1/1992

João Ernani Bettega nasceu em Curitiba, Paraná, em 22 de setembro de 1916, filho de José Bettega e Josefina de Marino Bettega.

O curso secundário foi realizado no Colégio Santa Maria, dos irmãos maristas de Curitiba. Ingressou na Faculdade de Medicina do Paraná, pela qual colou grau em 1938. Desde o início de sua carreira interessou-se particularmente pela tuberculose pulmonar. Na década de 1940, a peste branca estava de certo modo na ordem do dia na atuação do Estado na área da saúde pública. As condições sócioeconômicas precárias de grande parte da população e a inexistência de medicamentos eficientes faziam com que vivêssemos um momento epidêmico. Em 1941 o governo federal criou o Serviço Nacional de Tuberculose, ao mesmo tempo que se iniciava a especialização acadêmica, graças, principalmente, aos esforços de Clementino Fraga na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Logo após sua formatura, em 1940, João Ernani concluiu curso de especialização em Tisiologia, no Departamento de Saúde do Estado do Paraná e dirigiu-se a São Paulo, realizando estágio de aperfeiçoamento no Hospital São Luiz Gonzaga da Santa Casa de São Paulo, no bairro de Jaçanã.

Voltando a Curitiba iniciou as atividades clínicas na área da tuberculose, associando-se a seu primo João Luiz Bettega e a Homero de Mello Braga para instalarem em São José dos Pinhais o Sanatório São José.

Em maio de 1950 a Faculdade de Medicina do Paraná, ainda não federalizada, seguiu a política do Ministério da Educação e criou, no sexto ano de seu currículo, a cátedra de Tisiologia. A cadeira ficou sob regência de Homero de Mello Braga, docente-livre de Clínica Pediátrica Médica e Higiene Infantil. João Ernani Bettega foi nomeado assistente. Em 1950 realizou-se concurso público para preenchimento da cátedra. Bettega foi o primeiro colocado, com brilhante desempenho e defesa da tese *Flutuações da Alergia Tuberculínica no Tratamento da Tuberculose pela Estreptomina e pelo Ácido Para-Amino-Salicílico*. Seu trabalho era bastante atual, pois drogas antituberculosas haviam sido descobertas havia poucos anos.. Logo após assumir a cátedra, em 1950, passou a coordenar as atividades didáticas no Sanatório Médico-Cirúrgico do Portão, da Secretaria de Saúde do Estado e no Núcleo Profilático Universitário Professor Pereira Filho. O Núcleo fora criado pelo Ministério da Saúde graças ao empenho dos tisiologistas paranaenses, liderados por João Ernani. A cadeira de Tisiologia na Universidade do Paraná, não obstante ter tido existência relativamente curta, já que, criada em 1950 foi extinta pela reforma universitária de 1973, constituiu um núcleo de atividades didáticas e de pesquisas. Por capacidade

de aglutinação o professor João Ernani Bettega soube fazer valer, em benefício do ensino, os recursos institucionais do Sanatório Médico-Cirúrgico do Portão e do Núcleo Profilático, onde eram realizadas aulas práticas que completavam o curso teórico lecionado na Policlínica Professor Garcez do Nascimento. Pesquisas clínicas na área da Tisiologia foram realizadas no Sanatório, ao passo que estudos epidemiológicos no meio universitário, inéditos no país, levaram-se a efeito no Núcleo Profilático. Paralelamente às atividades clínicas, foi criado na cadeira de Tisiologia, sediado no Sanatório do Portão, um laboratório de pesquisas cirúrgicas abrangendo a área cardiovascular, que passava representar um novo campo na cirurgia torácica.

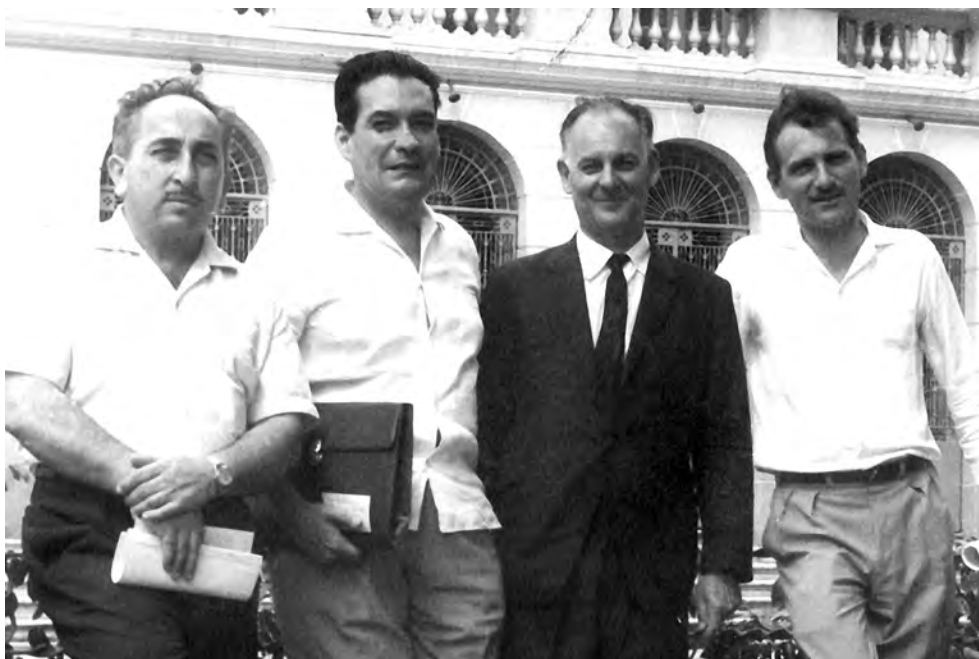
Membro de numerosa família de imigrantes italianos, João Ernani Bettega sempre demonstrou espírito comunitário e associativo inserido na sociedade de São José dos Pinhais, em decorrência de dirigir o Sanatório São José, e lutou pela melhoria das condições de vida da cidade. Em 1947 participou do movimento da população são-josésense pela criação do Ginásio Costa Viana. No Rotary Club local, exerceu vários postos diretivos e, em âmbito estadual, serviu como governador do Distrito 463.

Aos órgãos da classe médica também deu sua contribuição pessoal, eleito em vários deles, como na Associação Médica do Paraná, que presidiu de 1954 a 1956, no Conselho Regional de Medicina, do qual foi tesoureiro em 1958-9. Foi sócio-fundador da Sociedade Paranaense de Tisiologia e Doenças Torácicas e

foi presidente da Federação Brasileira de Sociedades de Tuberculose em 1953-1954 e da Liga Paranaense de Combate ao Câncer em 1955. Além da tese de cátedra de 1949, colaborou na publicação de diversos artigos em revistas médicas, como: *Estará a Ciência Contemporânea em Condições de Obter a Erradicação da Tuberculose em Nosso País?* (1952), *PAS e Alergia Tuberculínica* (1953), *Premunicação pelo BCG em Curitiba* (1953), *Tendências Atuais no Tratamento da Tuberculose Pulmonar* (1956), *Resultados Tardios do Pneumotórax Extrapleural* (1956), *Reajustamento dos Programas da Luta Antituberculosa em Face das Recentes Aquisições em Tisiologia* (1956), *A Queda da Mortalidade por Tuberculose* (1956), *Carcinoma Brônquico* (1957), *Lugar do Pneumotórax na Terapêutica da Tuberculose* (1957).

Em 1990 foi agraciado pelo Conselho Regional de Medicina com o Diploma de Mérito Ético-Profissional, pelo cinquentenário de atuação médica. A Câmara Municipal de Curitiba, em 25 de fevereiro de 2008 o homenageou atribuindo seu nome a logradouro público na cidade.

Faleceu em 28 de janeiro de 1992 aos 76 anos de idade.



João Ernani Bettega (de terno) com os acadêmicos de Medicina João Calil Fadel e Rubens Ferreira à sua direita e Francisco Boscardim Neto à sua esquerda.

CADEIRA 56

PATRONO
JOÃO VIEIRA DE ALENCAR

2/9/1905 – 22/9/1984



Fundador: OSVALDO MALAFAIA

JOÃO VIEIRA DE ALENCAR

2/9/1905 – 22/9/1984

João Vieira de Alencar nasceu em Curitiba, Paraná, em 2 de setembro de 1905, filho de Manoel Vieira Barreto de Alencar e Ismênia Miró. Manoel Vieira de Alencar, natural de Alagoas, foi juiz de Direito, líder político e professor da Faculdade de Direito e um dos fundadores da Universidade do Paraná.

Depois de completar os estudos secundários em Curitiba o jovem João Vieira de Alencar matriculou-se na Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, pela qual se formou em 1929, obtendo o grau de doutor com a defesa da tese *Hiperemese Gravídica*.

Dois anos após o término do curso médico procurou os dois maiores centros médicos europeus, Paris e Berlim, para aumentar seu cabedal médico e cultural. Em Paris estagiou em serviços hospitalares dos mais afamados na época, do professor Antonin Gosset, na Salpêtrière; do professor Jean Louis Faure, no La Pitié e no Larabosière, onde Georges Marion pontificava na Cirurgia Ginecológica. Terminado o *séjour* parisiense seguiu para a Alemanha. Em Berlim frequentou o Serviço de Ferdinand Sauerbruch, no Charité .

Após seu ano europeu Alencar voltou a Curitiba decidido a seguir carreira acadêmica. Dividia sua ativi-

dade médica entre a Clínica Cirúrgica e a Ginecologia.

Em 1932 obteve em concurso público o título de docente-livre de Clínica Ginecológica da Faculdade de Medicina do Paraná, quando defendeu, com brilhantismo, a tese *Exploração Radiológica em Ginecologia*.

Três anos depois prestou novo concurso que o levou à cátedra da 2ª Clínica Cirúrgica da mesma Faculdade. As atividades hospitalares de sua cadeira passaram a se dar na enfermaria São Jorge do Hospital de Caridade da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba, da qual, como membro do Corpo Clínico, era chefe. Em sua atuação didática à frente da 2ª Clínica Cirúrgica Alencar sempre conseguiu que o rigor na exigência do cumprimento do dever de assistentes e alunos não interferisse no clima de harmoniosa convivência que seu temperamento liberal garantia. Em seu discurso de paraninfo da turma de médicos de 1939 afirmava que *em Medicina deve predominar o Humanismo, doutrina que encara o homem como uma hierarquia viva – composta de inteligência, coração e vontade – pluralidade de órgãos e faculdades que avançam através de mil perigos, como uma sinfonia para um ideal de beleza*. Graças a esta elevação de princípios e a afabilidade no trato que o caracterizou, reuniu em seu Serviço um bom número de assistentes e colaboradores que o acompanharam com dedicação e amizade. Por isso, no momento de seu jubilamento professoral, em 1975, quando me coube saudá-lo citei as primeiras palavras do juramento de Hipócrates,

Juro...estimar tanto como a meus pais aquele que me ensinou esta arte, fazer vida comum, e, se necessário, com ele partilhar meus bens, afirmando que aquela homenagem era, antes de mais nada um imperativo ético aos seus discípulos.

A atividade didática de Alencar estendeu-se por quatro décadas. O Serviço manteve-se na Santa Casa de 1935 a 1962, Transferiu-se. para o Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná naquele ano.

A inauguração do Hospital de Clínicas representou uma mudança radical no ensino e na prática da Medicina no Paraná, como Alencar costumava afirmar em seus pronunciamentos. A 2ª Clínica Cirúrgica, o sétimo andar, tornou-se não só uma enfermaria, mas um Serviço de Cirurgia no sentido amplo da palavra. Sua atuação como chefe de escola, por longo tempo, desenrolou-se durante uma fase em que os conceitos básicos sobre a arte cirúrgica sofriam inelutável transformação para acompanhar os progressos radicais que ocorriam em todo o mundo. A cirurgia, como recurso quase instintivo contra alguns de nossos males físicos, é tão velha quanto a espécie humana. As bases científicas da arte operatória, que levaram o cirurgião a ombrear com os médicos, são relativamente recentes. Na verdade só depois de 1800, com o aperfeiçoamento da hemóstase, da antisepsia e da anestesia é que se estabeleceu a moderna cirurgia, período heroico, que tem sido chamado o Século do Cirurgião.

A história do desenvolvimento subsequente é quase dos nossos dias. É natural que paralelamente ao

acelerado progresso da cirurgia, o conceito da formação ideal e dos requisitos e características do cirurgião fossem revistos. A reflexão sobre as tendências das ideias nos vários centros universitários, deixava entrever duas grandes correntes. A primeira, uma concepção olímpica, almejava a figura do cirurgião completo, dominador dos princípios universais da arte, opondo-se à sua fragmentação em especialidades. Outra, atendendo ao desenvolvimento impressionante da técnica, a alargar rapidamente o âmbito de cada uma delas, reconheceu a impossibilidade de se atingir a excelência em todas as áreas e fez decorrer daí o estabelecimento de especialidades cirúrgicas autônomas. Grandes expoentes, grandes figuras humanas personificaram ambas as tendências, e o estudo da evolução histórica no século XX não pode deixar de reverenciar vultos tão diversos como um Ferdinand Sauerbruch em sua obstinada perseguição à figura do cirurgião completo ou de um Harvey Cushing, cientista e virtuose do bisturi que dirigiu seu potencial à consolidação das cirurgias especializadas. Dentro deste contexto é que devemos encarar a atuação de João Vieira de Alencar em nosso meio. Galgando as culminâncias profissionais e universitárias dentro do âmbito extenso da Clínica Cirúrgica, imprimiu à sua cadeira uma orientação decidida, decorrente da análise das tendências que se esboçavam. A cátedra de Clínica Cirúrgica, que lhe coube por concurso, transformou-se no centro germinativo de um Departamento de Cirurgia.

Anteviu o rumo. Antecipou-se à concepção que

se havia de impor em doutrina na política de educação superior do país. Os que labutaram na 2ª Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Paraná, e os que lhe acompanharam as atividades, podem testemunhar que, antes que a lei o exigisse já era ela um Departamento, em que cada área especializada foi delegada a um grupo de assistentes. Estes grupos, prestigiados pela chefia, estimulados pela cátedra, exigidos por atribuições cada vez mais autônomas tornaram-se os núcleos de ensino das especialidades. Consolidou a Cirurgia Geral e do Aparelho Digestivo, inspirou a Cirurgia Torácica e Cardiovascular, apoiou a Cirurgia Plástica e Reparadora, patrocinou a Neurocirurgia e deu alento à Cirurgia Pediátrica.

A estrutura departamental do curso de Medicina do Setor de Ciências da Universidade Federal do Paraná foi implantada pela reforma do ensino em 1973.

João Vieira de Alencar foi eleito, a *bon droit*, seu primeiro chefe e exerceu o cargo de 1973 a 1975. Neste ano aposentou-se da Universidade Federal do Paraná, tendo o Conselho Universitário lhe outorgado o título de Professor Emérito.

Além de exercer o magistério superior, Vieira de Alencar participou de inúmeras atividades médicas e sociais. Em 1939 foi um dos fundadores da Casa de Saúde São Vicente, que é atualmente um dos hospitais privados mais antigos do Estado e do qual foi diretor até o fim de sua vida. Nele trabalharam vários de seus assistentes e colegas da Universidade e da Santa Casa,

o que garantia um nível técnico elevado à Medicina que ali se praticava. Chefiou, àquela época, o Serviço Médico do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários.

Foi membro do Colégio Brasileiro de Cirurgias e teve ativa participação em congressos e eventos médicos nacionais e internacionais.. Entre os trabalhos que publicou, além das teses, destacam-se: *Azotemia Cloropênica; Ileus Biliar, Câncer do Seio; Anestesia pelo Evipan; Luxação Congênita do Quadril e Cirurgia da Tuberculose Pulmonar.*

Teve importante papel nas atividades associativas da classe médica da cidade. Logo após seu regresso a Curitiba foi um dos fundadores da Sociedade Médica dos Hospitais do Paraná, formada por um grupo de médicos da Santa Casa em 1930. Esta Sociedade em 1931 se uniu com a Sociedade de Medicina do Paraná (que já existia desde 1914) para formar um Sindicato Médico do Paraná. Logo a seguir, em 1933, a classe optou pela criação de uma só entidade médica no Estado – a Associação Médica do Paraná, de cuja vida Alencar sempre participou e da qual foi eleito presidente em 1941-1942.

Quando foram eleitos os membros do primeiro Conselho Regional de Medicina do Paraná, em 1958, Alencar esteve entre os membros efetivos, que o escolheram como seu primeiro presidente.

Foi um incentivador do movimento cooperativista médico no Paraná, tendo sido eleito presidente da Medipar (futura Unimed) por ocasião de sua funda-

ção em 6 agosto de 1971.

De caráter lhano, temperamento liberal, disposição conciliadora, era, entretanto, cioso de suas prerrogativas e exigente no cumprimento das obrigações nas altas posições que exerceu.

João Vieira de Alencar faleceu em 22 de setembro de 1984 aos 79 anos de idade.



*Grupo de acadêmicos da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro no Serviço de Ortopedia do Professor Domingos de Goes. Dentre eles aparecem três paranaenses: Erasto Gaertner, sentado; na extremidade esquerda. **João Vieira de Alencar** o quarto da fila em pé, e, atrás dele, Mario Braga de Abreu. Foto de 1924.*

CADEIRA 57

PATRONO
JOÃO XAVIER VIANNA

11/5/1914 – 5/4/1981



Fundador: HYZO GONDEBERTO DOS SANTOS

JOÃO XAVIER VIANNA

11/5/1914 – 5/4/1981

João Xavier Vianna nasceu em Curitiba, Paraná, em 11 de maio de 1914, filho de Maria Julia e Sebastião Iphigênio Vianna. Seu pai faleceu, residindo temporariamente em Natal, quando, adolescente com dezesseis anos de idade assumiu as responsabilidades de ser o mais velho de uma prole de seis irmãos.

Os cursos primário e ginásial foram concluídos em 1930 no Ginásio Paranaense, no qual, poucos anos depois, seria professor de Física no curso Pré-médico. Ainda estudante teve passagem pelo jornalismo na *Gazeta do Povo*, onde conviveu com seus futuros pares na Faculdade de Medicina, Milton Carneiro e Homero Braga. Terminou o curso médico em 1936, na Faculdade de Medicina do Paraná e desde logo passou a participar do ensino, como técnico de Parasitologia, na cadeira do prof. Milton Carneiro. Em 1939 frequentou o 1º Curso de Higiene e Saúde Pública do Departamento de Saúde do Paraná. Entre 1939 e 1942 exerceu a chefia do 3º Distrito Sanitário daquele Departamento e foi professor das disciplinas de Parasitologia e Epidemiologia do 2º Curso de Higiene e Saúde Pública. Prosseguindo em sua carreira funcional foi médico-chefe do Serviço de Doenças Transmissíveis e Epidêmicas do Centro de Saúde da Capital em 1942.

No ano seguinte estagiou por quatro meses na Secção de Imunologia da Difteria do Instituto Butantan, em São Paulo e por cinco meses no Serviço de B.C.G.. Voltando ao Paraná foi médico do Serviço de Profilaxia da Raiva do Departamento de Saúde até 1944. Neste ano deu um passo importante em sua carreira universitária ao ser aprovado no concurso de livre-docência na cadeira de Microbiologia da Faculdade de Medicina do Paraná. Para obter o título defendeu a tese *Sobre a Importância dos Bacilos Disentéricos Como Causa das Diarréias Infantis*.

Depois de frequentar o curso de Técnicas de Laboratório do Departamento Nacional de Saúde no Rio de Janeiro iniciou a carreira docente na Faculdade de Medicina do Paraná como assistente da cadeira de Microbiologia, cujo titular era o prof. Assis Gonçalves em 1945. Assumiu interinamente a regência da cadeira em 1947, por impedimento de Assis Gonçalves. Em dezembro de 1948 prestou concurso para catedrático de Microbiologia da Faculdade de Medicina do Paraná, no qual foi aprovado com brilhantismo, tendo defendido a tese *Plaquetopênia e Fenômeno de Sanarelli-Schwartzmann*.

Seus alunos, entre os quais me incluo, são unânimes em considerá-lo excelente didata além de exercer atração por sua personalidade brilhante e posicionamento político liberal. Fazia parte de um grupo de intelectuais na Universidade que se opusera ao regime autoritário estadonovista.

Eleito Bento Munhoz da Rocha governador do

Estado, o grupo passou a participar da vida partidária. Xavier Vianna foi eleito deputado à Assembleia Legislativa Estadual para o período de 1950 a 1954. Em 1952 passou a ocupar o cargo de secretário de Estado de Educação. Foi reeleito Deputado estadual com mandato até 1954 a 1958. Depois da vitoriosa carreira política voltou à vida universitária. Foi professor de Microbiologia de diversos órgãos de Saúde Pública do Estado. Reintegrado na Universidade Federal do Paraná exerceu a direção do Departamento de Medicina Preventiva e de 1965 a 1971 foi membro do Conselho Técnico-Administrativo.

A riqueza da vida afetiva e espiritual de Xavier Vianna incluiu interesses que iam da paixão futebolística incondicional ao Clube Atlético Paranaense à apreciação da música popular e do jazz, que completavam sua característica de *causeur* admirado.

Dentre todas suas atividades, porém, ressalta a de professor, que, segundo o testemunho dos que os que mais perto o conheceram, que foram seus irmãos, era a que ele mais valorizava.

Faleceu a 5 de abril de 1981 aos 67 anos de idade.



*Em flagrante de rua, **João Xavier Vianna** , com o primogênito José Luiz.*

CADEIRA 58

PATRONO

LYSANDRO DE PAULA SANTOS LIMA

18/7/1906 – 12/6/1982



Fundador: JOÃO JUGLAIR JÚNIOR
2º Titular: JOSÉ EDUARDO DE SIQUEIRA

LYSANDRO DE PAULA SANTOS LIMA

18/7/1906 – 12/6/1982

Lysandro de Paula Santos Lima nasceu em Rio Negro, Paraná, em 18 de julho de 1906. Pertenceu a uma família que se tornou tradicional na região da Vila do Príncipe, na antiga 5ª Comarca da Província de São Paulo. Seu bisavô, o magistrado José Gaspar dos Santos Lima, e sua mulher Ana Messias de Oliveira Lima em 29 de junho de 1843, na Fazenda Santa Amélia, na Lapa, viram nascer o filho Manoel Pedro. Manoel Pedro que seria, na expressão de seu ilustre colega e conterrâneo João Cândido Ferreira, o maior vulto da Medicina paranaense.

Manoel Pedro casou-se com a lapeana Maria Clara Oliveira. Entre seus oito filhos estava Conradino dos Santos Lima. Conradino foi boticário na Lapa. De seu casamento com Maria Joaquina de Paula houve oito filhos, entre os quais o primogênito Lysandro de Paula Santos Lima.

A educação fundamental de Lysandro foi realizada em sua cidade natal de Rio Negro, onde desfrutou de um ambiente familiar no qual a reverência à figura do avô Manoel Pedro incutia elevada concepção ética e respeito à profissão médica, o que conservou por toda vida. Aos doze anos foi para São Paulo cursar os preparatórios ao curso superior.

A busca do ensino superior o trouxe a Curitiba, em 1924, quando se matriculou na Faculdade de Medicina do Paraná. Durante os três primeiros anos do curso foi discípulo de alguns dos fundadores da Faculdade, que lhe despertaram admiração, como Nilo Cairo, Octavio da Silveira, Petit Carneiro e Francisco Franco. Em Rio Negro, durante as férias escolares, travou os primeiros contatos com doentes nas enfermarias do Hospital Bom Jesus, sob orientação do Dr. Manoel Pereira da Cunha.

Em 1927, atraído pela reputação do ensino na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, na Praia Vermelha, para ela se transferiu. Pôde, então, auferir os ensinamentos e frequentar Serviços hospitalares e ambulatoriais chefiados por mestres renomados como Miguel Couto, de Clínica Médica, Augusto Paulino, de Clínica Cirúrgica, Pinheiro Guimarães, de Patologia Geral, Leitão da Cunha, de Anatomia Patológica, e Aloysio de Castro, de Clínica Médica, cujo assistente Eugenio Coutinho foi orientador de sua tese de doutoramento. Quando terminou o curso não era mais exigida a defesa de tese, mas Lysandro, em 26 de outubro submeteu à Congregação a dissertação *Tuberculose e Gangrena Pulmonar*, defendida em 19 de dezembro de 1929, sendo aprovado com distinção. Logo após ter recebido o grau de doutor em Medicina, em 28 de dezembro de 1929, Lysandro voltou a Rio Negro para iniciar sua vida profissional. Já durante o curso costumava passar as férias escolares preparando sua formação médica da melhor forma possível,

tendo como tutor o notável clínico Manoel Pereira da Cunha, seu mestre inexcedível, cuja memória haveria de, no futuro, reverenciar.

O começo de sua vida médica coincidiu com grandes avanços na terapêutica medicamentosa, que afetaram de perto a prática cotidiana do clínico das pequenas cidades, permitindo curas antes impossíveis. Durante 15 anos viveu em Rio Negro onde, como escreveu mais tarde, conheceu o *desalento das batalhas perdidas, mas também, o bafejo da gloria obscura das grandes satisfações compensadoras do sucesso*. Exerceu a Medicina em sua integralidade, no consultório, na Maternidade, cuja direção exerceu, bem como no Hospital Bom Jesus, que fazia de Rio Negro um centro médico de referência para toda a região, cuja direção também teve que assumir. Foi um longo período de extenuante rotina, uma rotina de fazer as coisas bem, como escreveu Manoel Pereira da Cunha.

A necessidade de oferecer melhores condições educacionais aos filhos fez com que se transferisse para Curitiba, em 1945. A experiência ganha com o exercício da medicina integral numa pequena cidade e a rotina de estudo e atualização que sempre mantiveram-lhe capacitado a triunfar na capital e seguir carreira no ensino médico, como sempre desejou.

Aqui, instalou consultório e iniciou a prática, dedicando-se à Clínica Médica. Aproximou-se da Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná. Encontrou, de início, alguma dificuldade de acesso às enfermarias da Santa Casa, onde se dava o ensino

clínico. Em 1948 foi admitido no corpo docente como assistente de Terapêutica, por indicação do catedrático Aluizio França.

Em 1950 defendeu tese de livre-docência em Clínica Médica, com o título *Formas Atípicas da Moléstia Reumática*. De 1951 a 1954 exerceu o cargo de catedrático-interino da cadeira de Clínica Médica.

Nesta época o ensino das cadeiras de Clínica Médica na Faculdade de Medicina era disperso, sendo as aulas teóricas e práticas ministradas na Santa Casa, no Hospital Nossa Senhora das Graças e no Hospital Militar. Esta situação se manteve até 1961, quando se inaugurou o Hospital de Clínicas e se fundou o Departamento de Clínica Médica, reunindo todas as cadeiras de Medicina Interna.

Em 1953 Lysandro foi indicado para a chefia do Departamento do Hospital Nossa Senhora das Graças. Ali passou a exercer suas funções docentes no curso de Medicina. Criou uma verdadeira escola, e aplicou suas ideias sobre a formação integral do internista aos residentes e a estudantes das três Faculdades de Medicina que havia na cidade.

Com a centralização do ensino de Clínica Médica no Hospital de Clínicas criaram-se dificuldades para suas atividades de livre-docente. Em 1965 foi transferido para a cadeira de Tisiologia, cátedra regida pelo prof. João Ernani Bettega, sediada no Sanatório Médico-Cirúrgico do Portão. Em 1973 passou a exercer a chefia do Corpo Clínico do Hospital de Clínicas da Universidade do Paraná, na qual permaneceu até

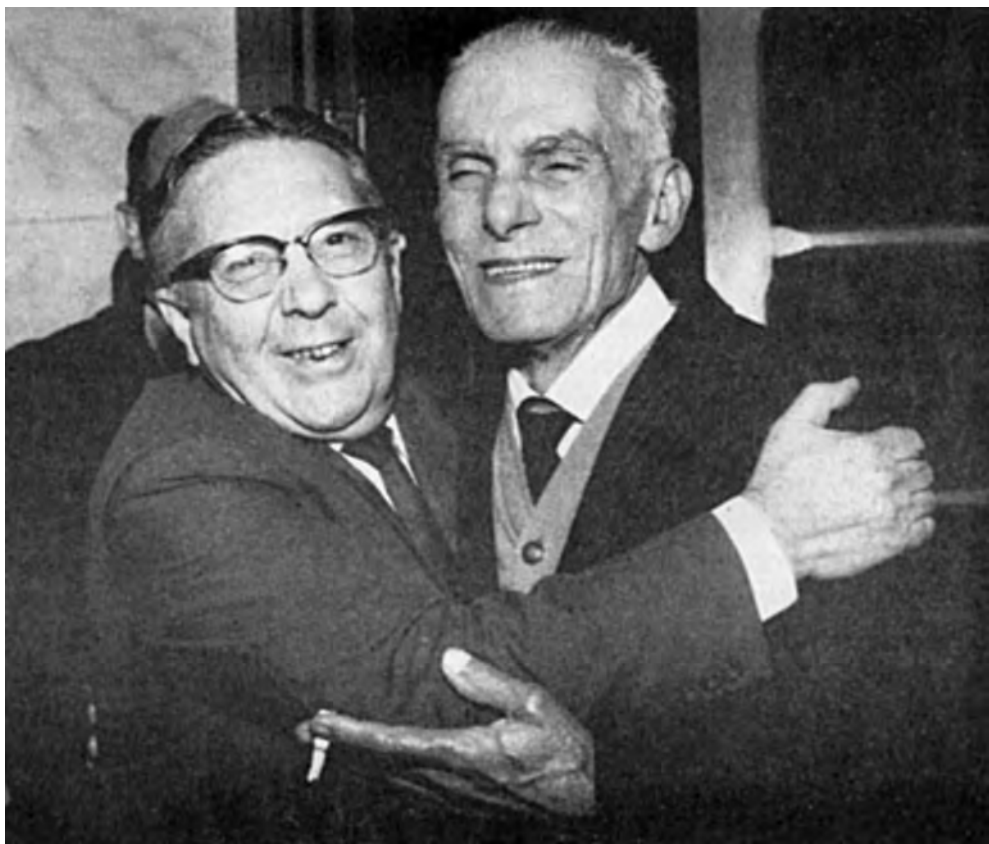
1976, ano de sua aposentadoria. Muito ligado ao Prof. Newton Freire-Maia, foi professor colaborador do curso de Genética da Universidade Federal do Paraná, de 1969 a 1976.

O que caracterizou os trabalhos publicados e as inúmeras participações em congressos, simpósios, cursos, conferências e outros eventos médicos foi a finalidade didática que a eles imprimia. Tinha obsessão de ensinar e muitos dos estudantes tornaram-se seus verdadeiros discípulos.

Além de suas duas teses, a de doutoramento e a de livre-docência, ressalta a publicação *Dados Sobre a Endemia Listeriósica no Paraná*, a propósito do diagnóstico clínico e laboratorial de infecção de um grupo de residentes no município de Palmital, no interior do Estado, em julho de 1967. O trabalho teve o mérito do ineditismo e pelo fato de ter sido executado em campo com o concurso de um grupo de acadêmicos de Medicina de seu Serviço no Hospital Nossa Senhora das Graças e do bacteriologista Nelson Peixoto de Castro. Serve de exemplo de como concebia o ensino, unindo mestres e alunos na procura da solução de problemas médicos.

Igualmente merece destaque a publicação *Manual de Diabete*, de 1982. Resultou do aprimoramento de apontamentos de aulas, sob forma inicial de apostilha. Embora os conhecimentos sobre a doença tenham sido transformados nos anos subsequentes, muito útil foi à sua época como orientação prática de estudantes e médicos, particularmente na dietética

Lysandro Santos Lima faleceu em 12 de junho de 1982, aos 75 anos de idade. Deixou um filho médico, Sergio Santos Lima, radiologista, radicado em São Paulo.



Lysandro Santos Lima, à esquerda, abraça seu velho amigo e mestre ***Manoel Pereira da Cunha***.

CADEIRA 59

PATRONO
MARIO BRAGA DE ABREU

25/4/1906 – 5/7/1981



Fundador: RENATO ARAUJO BONARDI

MARIO BRAGA DE ABREU

25/4/1906 – 5/7/1981

Mario Braga de Abreu nasceu em Curitiba, Paraná, em 25 de abril de 1906, filho de Manoel Martins de Abreu, comerciante português que chegou ao Brasil aos catorze anos de idade e de Maria Joana Braga, de tradicional família lapeana. Os estudos primários foram feitos no Ginásio Diocesano de Curitiba. Transferiu-se para o Rio de Janeiro para o curso secundário no Colégio Militar do Rio de Janeiro. Em seguida matriculou-se na Faculdade de Medicina daquele Estado e graduou-se em 28 de dezembro de 1929. Como estudante demonstrou sua tendência cirúrgica, frequentando como interno as enfermarias de Góes Filho, de Brandão Filho e de Irineu Malagueta, na Santa Casa. No Serviço de Pronto-Socorro estagiou no Serviço de Sylvio Brauner e Jorge Dória. Sua tese de doutoramento, aprovada com distinção, versou sobre *Ruptura Expontânea da Vesícula Biliar em Peritôneo Livre*. Embora tencionasse permanecer no Rio de Janeiro, acabou se fixando em Curitiba. Em julho de 1930 foi admitido como médico-adjunto do Serviço de Cirurgia dirigido por Szymon Kossobudski na Santa Casa. Logo evidenciou grande dedicação profissional. Foi natural sua ascensão à chefia do Serviço, em 1935, após a morte de Kossobudski, em 8 de julho daquele

ano. Como as cadeiras clínicas da Faculdade de Medicina do Paraná desenvolviam-se na Santa Casa, o jovem cirurgião logo integrou-se no ensino de Clínica Cirúrgica, à regência definitiva da qual as circunstâncias pareciam indicá-lo. Em 1935 prestou concurso de livre-docência na Faculdade e no ano seguinte, mediante novo concurso, obteve o título de catedrático.

O fato de assumir a cátedra aos trinta anos de idade, foi mais um desafio do que o coroamento de uma carreira acadêmica. Começou por visitar vários serviços hospitalares no exterior. Assim, em Montevideu frequentou as clínicas chefiadas pelos professores Navarro, Acevedo Blanco e Prat. Do outro lado do Rio de La Plata esteve com os então célebres Arce e Enrique Finochietto. Passou o ano seguinte, de 1937, aperfeiçoando a cultura médica em famosos centros universitários e médicos europeus. Em Berlim frequentou os serviços dos professores Rütz e Erwin Gohrbandt. Estagiou nas renomadas clínicas de Martin Kirschner na Universidade de Heidelberg e de Lorenz Böhler no Unfall-Krankenhaus de Viena. À época, Alemanha e França rivalizavam-se na liderança da Cirurgia Europeia. Por isso completou seu giro de aperfeiçoamento em Paris frequentando o Hospital Cochin (prof. Mathieu), o Hospital Bichat (prof. Henri Mondor) e Salpêtrière (prof. Jean Gosset)

Desde o início de sua atividade docente à frente da 1ª Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina do Paraná desempenhou liderança universitária, como comprova o fato de ter sido paraninfo dos formandos

de 1937, logo após sua turnê europeia, fato que se repetiu nos anos de 1940, 1947, 1955 e 1960.

As enfermarias da Santa Casa foi onde, durante toda sua vida médica, dedicou-se incansavelmente à chefia do Serviço que desejava modelar. Nele praticava toda a Clínica Cirúrgica, particularmente a gastroenterológica e a ortopédica.

Seu envolvimento com a Ortopedia iniciou-se com os estágios nos Serviços de Kirschner e Böhler e prosseguiu em toda sua carreira. Foi cirurgião-ortopedista do Hospital de Crianças de Curitiba de 1938 a 1940 e traumatologista de acidentes de trabalho da Companhia de Seguros Atalaia em 1939. Em 1940 tornou-se membro titular da Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia, da qual foi um dos fundadores.

Nesta Sociedade teve ativa participação em todos os congressos nacionais, de 1940 a 1948, sendo neste último o orador oficial.

Participou de bancas examinadoras de concursos de cátedra em várias Universidades, sendo de destacar os de Cirurgia Infantil e Ortopedia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Paraná (1953), de Clínica Cirúrgica da Universidade de São Paulo (1969).

Na ampla área da Clínica Cirúrgica a atuação de Mário Braga de Abreu foi extremamente prolífica. Chefiou as enfermarias cirúrgicas da Santa Casa desde 1935 e a 1ª Clínica Cirúrgica do Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná a partir de 1962

até sua aposentadoria em 1976. Nessas enfermarias exerceu ininterruptamente seu grande pendor, que era a educação médica. Mais do que o ensinamento técnico sua concepção incluía a imposição de normas éticas rígidas de profundo respeito ao doente, caridade com os sofredores, honestidade incondicional e permanente desejo de aperfeiçoamento profissional.

Dos que passaram por seus Serviços, muitos se destacaram na vida profissional e acadêmica, todos guardaram um compromisso permanente com os princípios que lhes foram incutidos pelo mestre, a quem se referiam, respeitosa e afetuosamente, como *Velho Mário*.

Este sentimento está inscrito no bronze da placa afixada em um corredor da parte antiga do Hospital de Caridade: *Nesta Enfermaria São Roque durante cinquenta e um anos, cotidianamente exerceu e ensinou cirurgia e traumatismo-ortopedia, praticou caridade, deu exemplos de ética, dignidade e humanismo cristão.*

Contam-se às dezenas os trabalhos publicados na imprensa médica nacional e estrangeira, as conferências e relatórios de congressos versando principalmente temas de Cirurgia Gastroenterológica e Ortopedia.

Essa participação ativa no meio médico granjeou-lhe renome, como demonstra o fato de em 1964 ter sido agraciado com a medalha do Mérito Médico São Lucas, de São Paulo, que anualmente distinguia um cirurgião brasileiro.

Fez parte de numerosas entidades médicas no Brasil e no estrangeiro. Foi membro- titular da Société Internationale de Chirurgie e da Asosación Argentina de Cirugia, sócio-correspondente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo e da Associação Paulista de Medicina.

Nas entidades de classe teve destacado papel. Participou da fundação da Sociedade Médica dos Hospitais. Esta Sociedade fundiu-se com a antiga Sociedade de Medicina, que existia desde 1914, e, juntamente com o efêmero Sindicato Médico unificaram-se em 1933 para formar a Associação Médica do Paraná. Desta, foi, por duas vezes, presidente (1939-1940) e (1962-1963), Suas gestões foram muito produtivas, incentivando a integração da filiadas do interior, o que levou à concessão do título de sócio-benemérito. Igualmente, a Academia Paranaense de Medicina, ao ser criada, em 1978, o fez membro honorário.

Teve participação decisiva na criação da Faculdade de Ciências Médicas do Paraná, em 1956, juntamente com José Fernandes Loureiro e Carlos Ferreira da Costa. Foi seu primeiro professor de Clínica Cirúrgica. Prestou apoio indispensável, como diretor-clínico da Santa Casa, à consolidação da Faculdade, que, no futuro, seria incorporada pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Sua irrestrita dedicação à Medicina fez com que recusasse posições políticas e sociais que lhe foram oferecidas em diversas ocasiões. Não se furtou, porém, de participar de atividades intelectuais decorren-

tes de sua qualidade de professor universitário. Foi o primeiro Titular da cadeira 31 da Academia Paranaense de Letras, substituindo o fundador José Pereira de Macedo e cujo patrono é Nilo Cairo.

Outra entidade não médica que contou com a participação de Mario Braga de Abreu foi o Círculo de Estudos Bandeirantes. O Círculo foi fundado em 1929 e reunia intelectuais católicos interessados em estudos filosóficos, sociais e morais, procurando arregimentar nomes de formação ilibada visando opor-se às correntes modernistas extremadas. Inicialmente o Círculo funcionou no porão da residência da família de Loureiro Fernandes, de quem era grande amigo pessoal. Além disso, a ele estavam filiadas várias figuras de suas relações, como Bento Munhoz da Rocha Neto. Ali estava a base para a futura Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que teria papel decisivo na federalização da Universidade do Paraná e na fundação de uma Universidade Católica em nosso Estado.

Mario Braga de Abreu faleceu em 8 de julho de 1981. Não é fácil sintetizar uma vida tão rica. Talvez pudéssemos fazê-lo referindo o título que a Assembleia Legislativa lhe outorgou unanimemente, de Cidadão Benemérito do Paraná, tomando esta expressão no seu mais legítimo sentido.



*Entrega da medalha de Mérito Médico São Lucas em 1964, vendo-se, à esquerda, **Mario Braga de Abreu**, ao centro Benedicto Montenegro e, à direita, José Bonifácio Medina.*

CADEIRA 60

PATRONO
ROALDO AMUNDSEN KOEHLER

9/11/1911 – 10/1/1984



Fundador: JOSÉ IVO ALVES DA ROCHA

ROALDO AMUNDSEN KOEHLER

9/11/1911 – 10/1/1984

Roaldo Amundsen Koehler, natural de Curitiba, Paraná, nasceu em 9 de novembro de 1911, filho de Leopoldo Koehler e Maria Amália Sousa.

A educação fundamental foi realizada no antigo Instituto Santa Maria, proporcionando-lhe um ambiente de religiosidade católica a que se mostraria fiel durante toda a vida.

Matriculou-se na Faculdade de Medicina do Paraná e depois de um destacado desempenho graduou-se em 1938. Durante o curso médico frequentou as enfermarias cirúrgicas e o contacto com a patologia digestiva despertou o interesse pela Radiologia, que era na época seu grande meio semiológico complementar. Seguiu, então, para o Rio de Janeiro, onde realizou formação especializada em Radiologia no Serviço do Dr. Carlos Osborne da Costa.

De volta a Curitiba iniciou suas atividades na área da Radiologia, que logo se ampliaram em vários setores. Instalou seu próprio consultório particular, que se tornou, logo, um dos mais procurados na cidade. Instalou o Serviço Radiológico do Serviço Social da Indústria, que estava iniciando no Paraná, permanecendo longos anos à sua frente.

Ao mesmo tempo, era um dos radiologistas do

Núcleo Profilático Professor Pereira Filho, destinado ao cadastramento dos casos de tuberculose pulmonar entre os universitários da cidade. Destacando-se no meio médico de Curitiba foi nomeado secretário de Saúde do Estado do Paraná pelo governador Munhoz da Rocha Neto em 1954, em substituição a Aramis Atahyde, que assumiu o Ministério da Saúde. Permaneceu no cargo até o fim do mandato de Munhoz da Rocha Neto.

Talvez o posto administrativo, entre os vários que exerceu, aquele ao qual se dedicou mais intensamente foi a direção do Hospital Nossa Senhora das Graças de Curitiba. O Hospital foi fundado pelas Irmãs Vicentinas e iniciou o funcionamento em 1950. Roaldo assumiu a direção em 1956 e entregou-se com energia à tarefa de dotar o Hospital com uma estrutura moderna e eficiente. Reuniu um Corpo Clínico integrado por alguns dos mais renomados médicos da cidade pelo desempenho profissional e ético. Permaneceu na direção, ocupando diversos cargos, até 1977.

Roaldo exerceu cargos diretivos em entidades médicas locais e nacionais. Foi eleito conselheiro do Conselho Regional de Medicina do Paraná (1959 a 1963). Foi secretário-geral da Associação Médica do Paraná, em 1950-1951, e delegado à Assembleia Geral da Associação Médica Brasileira em 1966 e 1967. Pertenceu ao Conselho Científico da entidade por quatro mandatos sucessivos, de 1946 a 1950. Participou da Sociedade Brasileira de Radiologia, com sede no Rio de Janeiro.

Foi coautor de trabalhos médicos: *Pneumotórax Espontâneo* (1947), *Sobre o Diagnóstico e Tratamento das Lesões Pulmonares não Tuberculosas* (1950), *Aneurisma do Coração* (1956), *Compressão do Esôfago Cervical por Osteófitos* (1956), *Tratamento da Estenose Cicatricial do Esôfago* (1957). Tomou parte, juntamente com Newton Freire-Maia e Antonio Quelce-Salgado das primeiras pesquisas genéticas sobre malformações dos membros superiores por falta ou redução dos ossos, notadamente a aquiropodia.

Desde a juventude Roaldo Koehler tomou parte dos movimentos sociais da Igreja Católica. Na Congregação Mariana dos Jovens da Catedral ocupou vários cargos diretivos, chegando à presidência da Federação das Congregações Marianas da Arquidiocese de Curitiba. Fundou e, durante vinte e cinco anos, manteve-se à frente da redação do semanário católico *Voz do Paraná*.

Faleceu em 30 de janeiro de 1984 aos 69 anos de idade.



*Grupo de médicos da Santa Casa de Curitiba, identificado-se, na primeira fila da esquerda para a direita: Oswaldo Faria da Costa, Giocondo Villanova Artigas, Mario Braga de Abreu, Polan Kossobudzki e José Loureiro Fernandes. Na segunda fila: Pedro Emilio de Cerqueira Lima Neto, **Roaldo Amundsen Koehler** e João Atila Rocha.*